

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Rodrigo Nunes Limoeiro de Sousa

**ECONOMIA COMPARTILHADA E GENTRIFICAÇÃO**  
ESTUDO DE CASO DO AIRBNB NA FAVELA DO VIDIGAL

VOLUME 1

Dissertação no âmbito do Mestrado de Sociologia orientada pelo Professor  
Doutor Daniel Neves da Costa e apresentada à Faculdade de Economia da  
Universidade de Coimbra

Outubro de 2020





FEUC FACULDADE DE ECONOMIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Rodrigo Nunes Limoeiro de Sousa

**Economia compartilhada e gentrificação: estudo de caso do *Airbnb* na favela do Vidigal**

Shared economy and gentrification: Airbnb case study in Vidigal slum

Dissertação no âmbito do Mestrado de Sociologia apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Orientador: Professor Doutor Daniel Neves da Costa

Coimbra, 2020.



*À minha família, pela fonte de inspiração  
e aos meus amigos, brasileiros e  
portugueses, por todo apoio.*



*Barracão  
De zinco  
Sem telhado  
Sem pintura lá no morro  
Barracão é bangalô  
Lá não existe  
Felicidade  
De arranha-céu  
Pois quem mora lá no morro  
Já vive pertinho do céu*

(Herivelto Martins)



## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Armando e Greyce, por todo apoio durante a realização do mestrado bem como a realização desta dissertação, por sempre acreditarem no meu potencial e por não pouparem esforços no que tange a educação.

A Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra por todos os ensinamentos ao longo desses anos, e em especial ao Professor Doutor Daniel Neves da Costa por toda orientação e troca de conhecimentos durante a realização deste trabalho, onde tive como referência de comprometimento, atenção e paciência a qual levo por toda vida.

A Associação dos Moradores da Favela do Vidigal, onde mais do que um local de pesquisa, conheci pessoas extraordinárias com propósito em ajudar a todos da comunidade.

A Favela Inc. por toda disponibilidade de trocar conhecimento com diversos projetos sociais dentro da favela do Vidigal e pelas amizades que levo comigo.

A ti, Coimbra, por todas as histórias vividas.



## RESUMO

Economias e cidades vivem em constante mudança. Ao observar que tais mudanças têm como principal catalisador o avanço da tecnologia, a abordagem realizada visa elucidar o papel desempenhado pelo surgimento e utilização de plataformas de economia compartilhada na favela do Vidigal, em especial o Airbnb, e assim, verificar a sua relação com o processo de *gentrificação*, sustentado por um cenário de realização dos megaeventos realizados na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 2014 a 2016. Para sua realização foi utilizada uma estratégia de pesquisa mista, composta por aspectos quantitativos e qualitativos, um estudo de caso na favela do Vidigal, sendo esta sustentada por uma triangulação entre análise documental (dados estatísticos), entrevistas semiestruturadas e observação participante. A par disto, foi verificado a presença de quatro principais novas concepções acerca do termo *gentrificação* como resultado da utilização da plataforma do Airbnb na favela, sendo elas a *gentrificação comercial*; *gentrificação dos espaços públicos*; *gentrificação turística*; e por fim, a *gentrificação periférica*. Não obstante, verifica-se que o impacto económico do Airbnb na favela do Vidigal foi momentâneo, onde num primeiro momento coexistiu uma necessidade de suprir a demanda do mercado hoteleiro com a possibilidade de gerar renda extra para seus moradores. Contudo, após a realização dos grandes eventos, a demanda no setor hoteleiro diminuiu bem como o uso desta plataforma. Somado a isto, constatou-se uma redução dos investimentos públicos e privados tal qual o regresso de atividade ilegais nas favelas, o que dificultou uma continuação de geração de renda extra.

**Palavras-chave:** gentrificação; economia compartilhada; favela; tecnologia; airbnb.



## ABSTRACT

Economies and cities are constantly changing. When observing that such changes have as main catalyst the advancement of technology, the approach taken aims to elucidate the role played by the emergence and use of shared economy platforms in the Vidigal slum, in particular Airbnb, and thus, verify its relationship with the gentrification process, supported by a scenario of holding mega events held in the city of Rio de Janeiro between the years 2014 to 2016. For its realization, a mixed research strategy was used, composed of quantitative and qualitative aspects, a case study in the Vidigal slum, being supported by a triangulation between document analysis (statistical data), semi-structured interviews and participant observation. In addition to this, the presence of four main new concepts about the term gentrification was verified as a result of the use of the Airbnb platform in the slum, which are commercial gentrification; gentrification of public spaces; tourist gentrification; and finally, peripheral gentrification. However, it appears that the economic impact of Airbnb in the Vidigal slum was momentary, where at first there coexisted a necessity to supply the demand of the hotel market with the possibility of generating extra income for its residents. However, after the realization of mega events, the demand in the hotel sector decreased as well as the use of this platform. Added to this, there was a reduction in public and private investments just like the return of illegal activities in the slum, which made it difficult to continue generating extra income.

**Keywords:** gentrification; shared economy; slum; technology; airbnb.



## LISTA DE ABREVIATURAS

---

SSP	Sistema de Serviços de Produto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPP	Instituto Pereira Passos
EUA	Estados Unidos da América
IPPUR	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
CEO	Chief Executive Officer
CODESCO	Companhia de Desenvolvimento da Cidade
UPP	Unidade de Polícia Pacificadora
BNH	Banco Nacional de Habitação
CEDAE	Companhia Estadual de Águas e Esgoto da cidade do Rio de Janeiro
ONG	Organização não Governamental
COMTUR	Conselho Municipal de Turismo



## LISTA DE QUADROS

---

Quadro 1: População de favelas por Áreas de Planejamento - Município do Rio de Janeiro - 2010 .....	9
Quadro 2: Economia Compartilhada - categorias e exemplos .....	23
Quadro 3: Dados dos entrevistados e entrevistas .....	46
Quadro 4: Síntese da análise de conteúdo.....	48
Quadro 5: Quadro matricial da categoria "Gentrificação Comercial" .....	59
Quadro 6: Quadro matricial da categoria "Gentrificação Espaços Públicos" .....	62
Quadro 7: Quadro matricial da categoria "Gentrificação Turística" .....	66
Quadro 8: Quadro matricial da categoria "Gentrificação Periférica" .....	69
Quadro 9: Quadro matricial da categoria "Economia Compartilhada" .....	73



## LISTA DE GRÁFICOS

---

Gráfico 1: Número de estabelecimentos comerciais e de serviço no Vidigal entre 2012 e 2017 .....	51
Gráfico 2: Hostels em funcionamento no Vidigal entre 2012 e 2018 .....	52
Gráfico 3: Mudanças percebidas no Vidigal após instalação da UPP .....	52
Gráfico 4: Aumento no valor do aluguel pago após a instalação da UPP .....	53
Gráfico 5: Cor ou Raça do entrevistado(a) de acordo com o tempo de moradia no Vidigal..	53
Gráfico 6: Escolaridade do entrevistado(a) de acordo com o tempo de moradia no Vidigal .	54



## LISTA DE FIGURAS

---

Figura 1: Abertura da Avenida central – 1904-1905.....	9
Figura 2: População em favelas por bairro - 2010 .....	14
Figura 3: Antes e depois da economia compartilhada.....	25
Figura 4: Sistema de avaliações - Bla Bla Car .....	27
Figura 5: Sistema de avaliações - Airbnb .....	28
Figura 6: Ondas de gentrificação.....	34



## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	vii
RESUMO .....	ix
ABSTRACT .....	xi
LISTA DE ABREVIATURAS .....	xiii
LISTA DE QUADROS .....	xv
LISTA DE GRÁFICOS .....	xvii
LISTA DE FIGURAS .....	xix
SUMÁRIO .....	xxi
INTRODUÇÃO .....	1
1. REVISÃO DA LITERATURA .....	5
1.1. FAVELAS .....	5
1.2. ECONOMIA COMPARTILHADA .....	14
1.2.1. Exemplos de Economia Compartilhada .....	20
1.2.2. Sistema de Reputação .....	25
1.3. GENTRIFICAÇÃO .....	30
1.3.1. Ondas de Gentrificação .....	32
1.3.2. Tipos de Gentrificação .....	36
1.3.3. Processos de Gentrificação .....	38
2. METODOLOGIA .....	43
2.1. COLETA DE DADOS .....	44
2.2. ANÁLISE DE DADOS .....	46
3. DESCRIÇÃO DO CASO .....	49
3.1. FAVELA DO VIDIGAL .....	49
3.2. PLATAFORMA AIRBNB .....	54
4. ANÁLISE E DEBATE DO CASO .....	57
4.1. GENTRIFICAÇÃO COMERCIAL .....	57
4.2. GENTRIFICAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS .....	61
4.3. GENTRIFICAÇÃO TURÍSTICA .....	64
4.4. GENTRIFICAÇÃO PERIFÉRICA .....	68
4.5. ECONOMIA COMPARTILHADA .....	71
5. CONCLUSÃO .....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	82
APÊNDICES .....	89



## INTRODUÇÃO

Após a crise financeira de 2008, muitas empresas tiveram de adaptar seu modelo de negócios a fim de conter o impacto económico que esta proporcionou, e a partir desse momento, diversas empresas foram criadas no modelo de economia compartilhada, sendo uma delas o centro da pesquisa, o Airbnb. Depois de mais de uma década em atividade a empresa de compartilhamento de hospedagem e experiências, divulgou que os anfitriões (quem arrenda os quartos ou casas) do site ganharam mais de US\$ 80 bilhões desde a sua criação, em agosto de 2008 (Airbnb, 2019). Ou seja, estes números mostram a expansão do mercado de compartilhamento uma vez que os indivíduos optam pelo acesso aos bens e serviços do que a posse do mesmo (Botsman e Rogers, 2011)

Segundo Riveira (2019), relativamente ao Brasil, o Airbnb não divulgou números específicos, mas afirma que a partir do uso da sua plataforma foram gerados aproximadamente 7,7 bilhões de reais em impacto econômico no país em 2018, resultante da realização de grandes eventos entre os anos de 2014 a 2016. De acordo com o ranking divulgado em julho de 2019 pela empresa, onde mede o impacto económico, o Brasil aparece na décima terceira posição. No ano de 2018, o país recebeu cerca de 3,7 milhões de hóspedes, verificando-se um aumento de 600% em relação ao ano de 2016 aquando da realização das Olimpíadas na cidade do Rio de Janeiro .

Em complemento, observa-se o estudo socioeconómico feito por Bonamichi (2019) com moradores da favela do Vidigal com o objetivo, dentre outros, verificar os impactos causados pela realização da Copa do Mundo (2014) e os Jogos Olímpicos Rio 2016 e a partir dos dados coletados, constatou-se que ocorreu um aumento de 60% no número de estabelecimentos comerciais entre abril de 2012 e novembro de 2015 e que a quantidade de hostels a funcionar no Vidigal aumentou em 700%, quando comparado ao número antes de 2012 com os de janeiro de 2017.

O conceito de gentrificação foi caracterizado pela primeira vez em 1964 pela socióloga Ruth Glass, e desde então, diversos estudos estão a ser realizados para uma melhor compreensão e, principalmente, melhor adaptação do conceito, uma vez que suas primeiras características foram descritas com base num bairro operário em Londres (Inglaterra), onde este fenómeno consistia na substituição dos moradores locais por outros com um poder aquisitivo maior (Glass, 1964). Atualmente, o fenómeno da gentrificação pode ser observado em diferentes cidades ao redor do mundo, no entanto, com peculiaridades específicas em cada local, onde seus reflexos podem ser observados nas esferas políticas, económicas e sociais.

Ainda que não seja um processo recente, o fenómeno da gentrificação tornou-se, com o passar dos anos, um dos temas mais debatidos por académicos, empresários e entidades públicas, uma vez que engloba diversas áreas, desde arquitetura à sociologia. Desde a primeira definição por Glass (1964), diversos estudos foram realizados com base em diferentes cidades, o que mostra a diversidade de formas e dimensões na qual o processo pode assumir, sendo este impulsionado pelo crescimento do turismo internacional, realização de grandes eventos, dentre outros.

De acordo com Smith (1979) o processo de gentrificação pode ser considerado como um movimento baseado nas classes sociais, onde discute o papel do capital, da produção e demanda por meio de sua teoria do rent gap (variação monetária das terras em diferentes locais da cidade). Por outro lado, Ley (1980) afirma que este processo é oriundo da dinâmica cultural do capitalismo, caracterizada pela escolha individual da cultura e do consumo.

Ao longo dos anos, novas conceções sobre o fenómeno de gentrificação foram expostas e discutidas em relação as características assumidas por este em diferente locais ao redor do mundo. Desta forma, destaca-se a importância das novas tipologias ao analisarmos a singularidade de cada local, uma vez que numa primeira análise pode não evidenciar de forma total a primeira definição sobre este fenómeno.

No Brasil, fenómenos de urbanização que podem ser considerados sob a ótica teórico-conceitual que enforma a gentrificação também tem sido observados. No Rio de Janeiro, por exemplo, a transformação das favelas pode ser analisada sob esta quadro referencial. Um dos exemplos que podemos mencionar é do Vidigal, sendo essa comunidade que se constituiu como estudo de caso no qual se baseia esta pesquisa. Um dos possíveis agentes impulsionadores do processo de gentrificação, em especial na favela do Vidigal, pode ter sido oriundo da economia compartilhada, a qual teve origem nos anos 1990 nos Estados Unidos, mas que presenciou o seu boom após a crise financeira americana em 2009 a qual teve seus reflexos sentidos em diversas partes do mundo, tanto no âmbito económico quanto social.

Com o avanço das tecnologias, principalmente no tocante a plataformas de negócios online, a economia compartilhada atua como uma ferramenta de inclusão no mercado de trabalho, dado que para fazer parte o indivíduo precisa ter o produto ou serviço e dispor de acesso a internet para fazer as negociações, evitando assim, a necessidade de um intermediário, o que por conseguinte aproxima as relações sociais (Botsman e Rogers, 2011).

A economia compartilhada possui como característica principal a substituição da posse de um determinado bem pela posse do mesmo, sem a necessidade de um intermediário

(Botsman e Rogers, 2011). No entanto, este tipo de economia não é tão nova quanto parece, e sim, uma prática considerada secular a qual foi adaptada para os dias atuais com o forte avanço tecnológico vivenciado nas últimas décadas, alterando o status de uma economia local somente com a presença de pessoas próximas para um mercado onde são feitas transações de bens e serviços com indivíduos de diferentes partes do mundo.

Este “novo” modelo económico está intrinsecamente associado a junção de três fatores, sendo eles o social, económico e tecnológico (*Idem*). O fator social reflete a preocupação com a sustentabilidade e com o meio ambiente, uma vez que a ideia central seria o compartilhamento de recursos, tanto humano quanto físico (Gansky, 2010). Ao observar os fatores económicos, a economia compartilhada atua como um dispositivo que acarreta uma monetização de bens e serviços, a maioria com alta capacidade ociosa (Botsman e Rogers 2011). Por fim, com o avanço dos meios tecnológicos verifica-se uma maior disseminação das redes sociais e, por conseguinte, uma queda nos custos atrelados a transações entre indivíduos (Botsman e Rogers, *Idem*).

De acordo com Botsman e Rogers (*Idem*) é possível classificar os diferentes tipos de economia compartilhada em três principais categorias a variar conforme sua escala e desenvolvimento, sendo eles: i) sistemas de serviços de produto (SSP), ii) mercados de redistribuição e, iii) estilos de vida de colaboração – este último direcionado ao estilo de vida, ou seja, os indivíduos não realizam somente trocas comerciais a partir de bens tangíveis como também trocas de ativos menos tangíveis, por exemplo habilidades, tempo e espaço. Atualmente, o Brasil possui diversas empresas com seu modelo de negócios baseado em plataformas de economia compartilhada, como sistemas de caronas (Uber), troca e venda de produtos (eBay) e compartilhamento de hospedagem (Airbnb).

Depois da realização dos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro (Copa do Mundo e as Olimpíadas) o cenário económico, político e social foi alterado e seus reflexos foram observados nas áreas mais carentes da cidade, em especial, nas favelas. Apesar de existirem alguns estudos sobre os temas relacionados a economia compartilhada e outros sobre gentrificação, encontra-se ainda pouca literatura onde os dois temas estejam interligados e presenciados nas comunidades.

Dessa forma, a dissertação tenciona verificar uma possível relação entre a economia compartilhada – Airbnb – e o processo de gentrificação, por meio de um estudo de caso na favela do Vidigal. Esta pesquisa tem como pergunta central: O airbnb como plataforma de economia compartilhada pode ser considerado agente gentrificador na favela do Vidigal?, e

visa contribuir para a disseminação do conhecimento sobre o fenómeno aqui analisado. A fim de agregar insumos para discussão da dissertação foram apresentados de forma cronológica uma contextualização do ambiente histórico-económico da cidade do Rio de Janeiro no tocante as favelas, nas suas esferas económica, político-legal e cultural. Posto isso, caracterizou-se os principais temas abordados na pesquisa – gentrificação e economia compartilhada – onde foram expostos as principais linhas de pensamentos para cada tema bem como a verificação destes na favela do Vidigal.

A dissertação está organizada em cinco capítulos, de forma na qual os dois primeiros – “Revisão da Literatura” e “Metodologia” - são referentes a uma primeira parte teórico-conceptual, seguida por uma segunda parte de cunho empírico, nomeadamente os capítulos de “Descrição do Caso” e “Análise dos Resultados” e finalizado com as considerações finais do trabalho, descritas na “Conclusão”.

A par disto, no capítulo 1 será exposta a revisão da literatura, onde num primeiro momento foi apresentada uma análise histórica sobre as favelas, suas características e origem na cidade do Rio de Janeiro. A seguir, é retratado o fenómeno da gentrificação por meio de sua definição, novas conceções adotadas ao longo dos anos, e complementada assim, por exemplos de processos deste fenómeno na América Latina, Europa e América do Norte. Por fim, é apresentado o fenómeno da economia compartilhada, apresentando suas principais definições, exemplos de negócios compartilhados, e complementado pela discussão sobre sistema de reputação.

No capítulo 2, é descrita a metodologia aplicada na pesquisa, caracterizada por uma estratégia de pesquisa mista, tanto qualitativa quanto quantitativa, sustentada por uma triangulação de dados estatísticos, entrevistas semiestruturadas e por uma observação participante. No capítulo 3, descreveu-se a história do Vidigal bem como a da plataforma de economia compartilhada (Airbnb) e foi complementada por dados socioeconómicos da favela do Vidigal.

No capítulo 4, realizou-se a análise das entrevistas recolhidas bem como sua interligação com a revisão da literatura exposta no capítulo 1, onde foi possível analisar a influência da economia compartilhada na favela do Vidigal como também descrever se a mesma sofreu algum tipo de gentrificação e qual. Por fim, na conclusão apresentamos as considerações finais da pesquisa realizada bem como suas limitações e sugestões para pesquisas futuras.

## 1. REVISÃO DA LITERATURA

### 1.1. FAVELAS

Neste capítulo, serão analisados num primeiro plano o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro junto com a formação das favelas cariocas (cortiços), sustentado por acontecimentos nas esferas políticas e económicas, uma vez que, no final do século XIX e início do século XX a cidade do Rio de Janeiro era a capital do Brasil. Para além dessa representação histórica, serão abordadas questões sociais que compõe tal objeto de análise a medida no qual é neste ambiente que será retratado o processo de “urbanização”, “revitalização” ou noutras palavras, a *gentrificação* deste espaço urbano.

De acordo com Abreu (1988), a luta de classes pode ser também entendida por meio da luta relativa ao domínio do espaço urbano, intensificado a partir do crescimento dos movimentos industriais do século XIX. O Brasil sai de uma forma de uma monarquia para um regime de república num contexto de golpe de Estado liderado pelo Exército com forte apoio e financiamento das elites cafeicultoras e das classes sociais com alto poder aquisitivo. Aqui, o papel dos “outros” cidadãos (marginalizados devido a estratificação social) era considerado irrisório, onde este mesmo povo que ajudou a proclamar a República, assistiu-a “bestializado” (Carvalho, 2002), ou seja, pouco participou deste então histórico evento.

No final do século XIX existia, dentre outros pressupostos a qual essa modernidade acarretaria – federalismo e liberalização da economia – a problemática da urbanização, sendo esta objeto de implementação nas principais capitais brasileiras, na qual a cidade do Rio de Janeiro teve destaque e foi a primeira a presenciar este fenómeno, uma vez que a cidade passaria a ser a capital do Brasil. Verifica-se então uma necessidade latente na cidade para realizar uma quebra entre o seu passado colonial marcado principalmente por questões relacionadas a escravidão para tornar-se-á uma cidade “capitalista” moderna e cosmopolita, a exemplo das cidades europeias, onde passou a ter a alcunha de “Paris Tropical” (Needell, 1993).

Nota-se que a cidade do Rio de Janeiro presenciar uma transformação das classes sociais, o que outrora era uma sociedade colonial-escravista passa a ser caracterizada como sendo uma comunidade composta por trabalhadores livres e assalariados. Por outro lado, verifica-se que esta transição foi responsável por potencializar e gerar conflitos sociais sustentado por uma forte estratificação social. Tais embates são, em suma, refletidos no espaço urbano da cidade, tendo a sua principal motivação a presença da classe mais abastada nas áreas centrais da cidade, conforme Abreu (1988: 42).

De acordo com a obra<sup>1</sup> “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, de 1890, o autor faz referência ao antigo e mais famoso cortiço da época, conhecido como “Cabeça de Porco” o qual foi demolido antes mesmo da reforma urbanista e sanitária de Pereira Passos, em 1893. Ainda com pouca mobilidade urbana na cidade, a solução mais rápida e fácil era a de construir moradias próximas aos locais de trabalho, mais especificamente no centro da cidade. A palavra cortiço começa a ser utilizada no dicionário a partir dos anos 1850, quando é presenciado um aumento destes. Ribeiro destaca que, ao verificar os processos criminais desta época, era difícil diferir os cortiços, das estalagens, das hospedarias, e das casas de cômodos, contudo, existia uma característica em especial na qual “as hospedarias, albergues e casas de cômodos destinavam-se a moradia temporária, por dia” (Ribeiro, 1994: 638).

Assim, os cortiços eram caracterizados, segundo o imaginário popular como o pior tipo de moradia possível, uma vez que a maioria das casas eram insalubres e com alta proliferação de doenças, seus moradores eram considerados a escória (classe mais pobre e sem instrução) da sociedade da época e, somado a isso, era o local no qual os proprietários cobravam um preço de aluguel elevado a estes moradores.

O Rio de Janeiro era considerado, desde os tempos coloniais, uma cidade recetora de um número significativo de migrantes e escravos, tornando-se assim uma capital fortemente caracterizada pelo trabalho. A fim de acompanhar o progresso o qual estava a ser desenvolvido, tanto nos Estados Unidos da América quanto na Europa, a cidade viu-se na necessidade de direcionar seus esforços para a sua modernização (principalmente no tocante a reformas urbanas). Contudo, de acordo com Nóbrega (2007) existia um entrave bastante significativo para que de facto ocorresse tal melhoria na cidade, a questão da habitação popular.

Existia, por um lado, um apelo dos cidadãos para que fossem feitas moradias para esta população de baixa renda, e por outro lado o poder público – por enquanto – nada o fazia. No turbulento contexto da época, nasceram as primeiras “favelas” na cidade, naquele tempo denominados de cortiços, como refere Aluísio de Azevedo na mítica obra “O Cortiço”:

[...] E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco. (2011: 29).

Ao observar a falta de moradias populares ocasionada pelo rápido crescimento e deslocamento populacional para a cidade do Rio de Janeiro, as casas localizadas no centro da

---

1 Na obra, este cortiço era conhecido como “Cabeça de Rato” em alusão ao real cortiço “Cabeça de Porco”, localizado na cidade do Rio de Janeiro.

cidade, as quais outrora pertenciam aos antigos barões de café (período colonial), começaram a ser alugadas para estes novos moradores (classe social mais baixa). Para diminuir o déficit habitacional, estas casas foram subdivididas, ou seja, foram criados pequenos cômodos dentro de uma mesma habitação, facilitando assim o acesso a moradia mais próxima do seu local de trabalho.

Uma vez que os novos moradores não tinham condições financeiras suficientes para manter o padrão e a conservação dessas casas, tais habitações começaram a se deteriorar, e, somado a isto, os antigos moradores não mais se responsabilizavam por esses empreendimentos. Com o passar do tempo, a vida nos cortiços era nociva à a saúde pública. Criou-se assim a ideia de que tais lugares eram um antro de todos os males da cidade e foram assim responsabilizados pelo atraso social da mesma. Nóbrega enfatizou que “esses locais, conhecidos como cortiços, habitações coletivas que marcaram a paisagem urbana da cidade durante o século XIX, foram os alvos preferidos da “ação modernizadora” da República” (2007: 20). Ou seja, devido ao facto de que esses grandes casarões onde são caracterizados por “barracões” são, agora, alvos de cobiça, por um lado pelos setores imobiliários e por outro o poder público, ambos com um interesse em comum: transformar a cidade do Rio de Janeiro num cartão postal do Brasil.

É quase indissociável tentar caracterizar os cortiços sem mencionar fatores ligados a questão higiénica, uma vez que era e ainda é comum fazer uma associação entre a pobreza e as doenças. Quando esta de alguma forma atingia outras áreas da cidade, os especialistas (médicos sanitaristas) afirmavam ser oriunda desse local (cortiço), ou seja, os culpados eram as pessoas as quais viviam em condições precárias. Tal fato decorria da frágil configuração material destas habitações populares. Era comum que a maioria dos quartos não tivessem janelas, o uso do banheiro era compartilhado, e somado a isso, convivia-se com a falta de água, de saneamento básico e a inexistência de recolha do lixo. A cidade do Rio de Janeiro não estava estruturada para um aumento exponencial. na virada dos séculos XIX para o XX. Outro ponto importante a ser discutido, faz-nos referência ao estereótipo – em muitos casos, sustentados até os dias de hoje - de seus habitantes serem parte integrante de uma “classe perigosa”<sup>2</sup>, onde estes ainda constituíam uma ameaça ao “bom cidadão”.

A partir deste contexto social, as autoridades procuravam levar a cabo ações modernizadoras na cidade, o que representaria em termos gerais a erradicação dos moradores destas habitações populares deslocando-os para a periferia da cidade, de forma que o centro da

---

2 Entende-se por “classe perigosa” cidadãos com características as quais o marginaliza da sociedade. São exemplos os vadios, criminosos e viciados (Valladares, 2000).

cidade pudesse ser utilizado como objeto de especulação imobiliária e comercial – expresso nos jornais da época, uma vez que a elite carioca tencionava ocupar esses espaços, o qual outrora não era considerado apto dado a proximidade com os cortiços (insalubridade e insegurança).

De acordo com Nóbrega (2007) o primeiro cortiço (mais conhecido da época) a ser demolido foi a “cabeça de porco”. O autor menciona que os moradores desse cortiço apanharam as madeiras dos escombros para que pudesse aproveitá-las na construção de seus barracos num morro o qual localizava-se perto deste cortiço. Esse morro começou a ganhar maiores proporções a maneira no qual se expandiu pela cidade e assim levou o nome de “morro da favela”. Não obstante, é possível verificar em jornais da época que esse tipo de habitação popular foi, em suma, culpabilizado – pelas elites cariocas – por contribuir para destoar a cidade do Rio de Janeiro do padrão de beleza considerado o “ideal” (neste caso, ao realizar uma comparação com as principais capitais europeias), e além disso, por disseminar doenças.

A partir do momento em que certa parcela da sociedade carioca com maior poder aquisitivo começa a ter interesse em ocupar a parte central da cidade (onde precisamente estão os cortiços), o poder público vê a sua vontade aumentar e tornar-se mais real de modernizar a cidade colocando-a nos parâmetros europeus. Com isso, observa-se a partir desse movimento, as primeiras “vítimas” da modernização (moradores desses cortiços), as quais tiveram suas casas demolidas durante as reformas urbanas.

Caracterizada por ser uma reforma urbana de caráter local, mas com investimentos e propostas em escalas nacionais, a reforma realizada durante a presidência de Rodrigues Alves e Pereira Passos na prefeitura do Rio de Janeiro (1903-1906) tinha como principal objetivo o de transformar o Rio de Janeiro numa capital aos moldes de Paris, para uma posterior recepção de evento internacional. Com isso foram feitas as seguintes transformações: construção da Avenida Beira-Mar, alargamento das ruas, modernização do porto do Rio de Janeiro, abertura da Avenida Central, dentre outras construções e melhorias.

Figura 1: Abertura da Avenida central – 1904-1905.



Fonte: Adaptado: Kok, Glória. Rio de Janeiro na época.

O resultado visto da perspectiva dos moradores não foi tão bom quanto para aqueles que foram realmente favorecidos, pois os antigos moradores dessas habitações populares tiveram de residir longe do mercado de trabalho e conseqüentemente longe do centro da capital brasileira. Quando o cidadão opta por morar numa favela, alguns fatores atuam como determinantes para esta escolha, tais como a proximidade em relação ao centro da cidade e as ofertas de emprego. Alinhado a esses dois quesitos, a cidade em si precisava dessa mão de obra, na qual em sua grande maioria era empregada não pela sua qualificação ou experiência, mas sim, no baixo custo do salário pago. Ao longo dos anos, a população e a ocupação dos morros cariocas aumentaram significativamente, conforme o último censo divulgado pelo IBGE em 2010.

Quadro 1: População de favelas por Áreas de Planejamento - Município do Rio de Janeiro - 2010

Área de Planejamento	Cidade (A)	Favela (B)	(B) / (A)
Total	6.320.446	1.443.773	23%
AP1 - Central	297.976	103.296	35%
AP2 - Zona Sul	1.009.170	174.149	17%
AP3 - Zona Norte	2.399.159	654.755	27%
AP4 - Barra/Jacarepaguá	909.368	236.834	26%
AP5 - Zona Oeste	1.704.773	274.739	16%

Fonte: IBGE. Censo 2010; Favela: estimativa IPP sobre IBGE.

Ao observar o quadro acima, verifica-se atualmente quase 25% da população carioca (residentes na cidade do Rio de Janeiro) mora nas favelas. Contudo, esse crescimento não ocorreu de forma inesperada, pelo contrário, a população residente nos morros foi dando-se de forma gradativa ao longo do último século. Quando compararmos com o cenário no qual a cidade vivenciava quase cem anos atrás, alguns pontos em comum podem ser verificados, principalmente nos estereótipos e preconceitos atribuídos a estes moradores, o que contribuiu para difundir políticas com objetivo a extinção das favelas, em especial depois dos anos de 1920. Naquela época, as maiores preocupações relativas as favelas eram de cunho sanitarista e higiênico, uma vez que não existiam redes de esgoto ou de água encanada. Não havia problemas sociais ou criminais (diferente do cenário encontrado atualmente).

Apenas no ano de 1927 as favelas são observadas pela primeira vez num plano urbanístico de remodelação, expansão e embelezamento da cidade. Tal projeto foi estruturado pelo urbanista francês Alfred Agache, a pedido do então prefeito do Rio de Janeiro, Prado Júnior. Em 1930, Agache revela a sua preocupação perante ao perigo representado pelas favelas e propõe que os seus moradores sejam transferidos para o que mais tarde ficou conhecido como “parques proletariados”. O urbanista levou em consideração a segregação e disparidade, tanto física quanto social do Rio de Janeiro, e, no tocante às favelas, “[...] não se contenta em ver na favela um mal contagioso a ser combatido [...]. Seu trabalho já revela uma preocupação em compreender a causa do fenômeno” (Valladares, 2005).

A transformação do cenário populacional das favelas ao longo do século XX foi notável. “De um início discreto, a favela impôs sua presença efetiva no espaço urbano e no imaginário do Rio de Janeiro a partir dos anos 20” (Lessa, 2005). A partir dos anos de 1930 as favelas começam a gerar uma maior repercussão, tanto no cenário local quanto nacional, o que gerou maior visibilidade, uma vez que expões as mazelas sociais dos moradores da cidade do Rio de Janeiro. Ou seja, como referido anteriormente, o Plano Agache foi o primeiro documento oficial a citar a presença de favelas no Rio de Janeiro, uma vez que a presença desse “novo” tipo de habitação popular já começava a incomodar.

É pertinente analisar que, se por um lado, Agache tinha o estereotipo de que a favela e seus moradores eram um “mal” para a sociedade, por outro lado, ele é o primeiro, com seu olhar sociológico e estrangeiro, a verificar a existência de uma relação comunitária muito forte, como fica claro no trecho a seguir:

Pouco a pouco surjem casinhas pertencentes a uma população pobre e heterogenea, nasce um princípio de organização social, assiste-se ao começo do sentimento da propriedade territorial. Familias inteiras vivem ao lado uma da outra, criam-se laços de

vizinhança, estabelecem-se costumes, desenvolvem-se pequenos commercios: armazens, botequins, alfaiates, etc. (Agache, 1930).

Mesmo que o Plano Agache não tenha saído efetivamente do papel, propiciou um olhar mais ampliado sobre a cidade em si, ainda que esta visão seja de caráter segregador e discriminatório em relação aos espaços favelizados.

Alguns anos mais tarde outro marco importante na história formação urbanística, principalmente das favelas, foi a formulação do decreto 6000 do “Código de Obras do Distrito Federal” (1937), onde o mesmo identifica pela primeira vez a favela na geografia oficial da cidade, contudo a classifica como uma “aberração urbana” (“anti-higiênicas”) e sugere a sua completa eliminação. O projeto, ao longo dos seus trinta e um capítulos, proíbe a criação de novas favelas, bem como a construção de novos barracos além de melhorias nos já existentes, introduzindo assim, no Capítulo XV, referente à extinção das habitações anti-higiênicas, a Seção II denominada “Favelas” (1937: 107).

É certo que algumas favelas foram demolidas a partir da entrada em vigor deste código de obras, contudo o número e a presença de novas favelas cresceram consideravelmente ao longo do último século. Ao observar o censo divulgado pelo IBGE no ano de 1948, verifica-se que a população a qual morava nas favelas era de 138.837 habitantes, sendo dividida em 105 favelas, estatística que representava na época cerca de 7% da população total da cidade do Rio de Janeiro. As favelas estavam espalhadas (quase de forma uniforme) por toda a cidade, sendo que os lugares onde tinha a maior concentração populacional, ou seja, mais moradores num mesmo metro quadrado, era, respetivamente a Zona Norte (29,5%) servida pelo trem, a área central (22,7%) e a Zona Sul (20,9%) (Valladares, 1980).

Entre os anos de 1940 e 1970, as favelas – o que outrora eram caracterizadas como problema social – agora passam a ter uma conotação política, e torna-se um campo eleitoral com seus moradores a serem vistos como peça eleitoral. Contudo, para que isso acontecesse, era necessário existir uma “troca de benefícios” entre os políticos e os “favelados”, os quais nessa época representavam quase 10% da população carioca. Com isso, a favela passa a ter uma maior destaque no cenário político e cultural da época, adquirindo assim, contornos e características de um ambiente onde possíveis tensões e debates são gerados

Em 1945, as primeiras associações de moradores são formadas nos morros do Pavão-Pavaõzinho, Cantagalo e Babilônia (todos localizados na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro). Os seus componentes, na maioria moradores das favelas, indignados com a situação na qual as favelas eram vistas, estruturaram uma pauta contendo os direitos sociais em relação aos dilemas enfrentados pela falta de infraestrutura básica das favelas. A principal questão

abordada era impedir que fossem feitas as remoções de suas casas e, conseqüentemente, a mudança da mesma para os parques proletários. E é nesse enquadramento, onde são observadas algumas tentativas de controlo e de clientelismo que nascem os primeiros parques proletários, ou seja, surgem efetivamente a primeira política habitacional do governo para com os moradores de baixa renda, os quais neste caso tinham as suas casas localizadas nas encostas dos morros cariocas.

Os Parques Proletariados da Gávea, Leblon e Cajú foram construídos entre os anos de 1941 e 1943 e “desabrigaram” cerca de 4 mil moradores, com o discurso de que as transferências de suas casas para estes parques eram de caráter provisório, ou seja, os moradores poderiam voltar para as áreas de onde foram removidos quando estas passassem por obras de urbanização. Esses Parques desempenharam um papel de fixação territorial de moradores de favela, contudo não levou muito tempo para que estes moradores fossem removidos novamente para áreas menos valorizadas da cidade<sup>3</sup>. A destruição das casas e conseqüentemente a remoção das famílias que ali habitavam, posiciona-se temporalmente junto com a série de remoções realizadas pela prefeitura nas favelas da Zona Sul do Rio de Janeiro, e não cumpriu com a promessa de que tal mudança era provisória, onde deveria ocorrer o retorno aos lugares de onde vieram, a maioria nas favelas também localizadas na Zona Sul.

Durante a década de 1980, figurou no Rio de Janeiro políticas sociais clientelistas e uma negação à prática de remoções. A prática clientelista adotada pelo governo Leonel Brizola representou também uma nova forma de se lidar com as favelas e os excluídos no Rio de Janeiro. Brizola desenvolveu então projetos que visavam a implantação de infraestrutura (tratamento de água, saneamento básico, coleta de lixo coletiva), uma vez que as favelas do Rio de Janeiro até este período não possuíam ou quando possuíam infraestrutura, é muito precária.

No primeiro governo de Leonel Brizola (1983-1987) como Governador do Rio de Janeiro, o programa mais importante do seu mandato em relação a políticas habitacionais e em especial a questão das favelas, denominado “cada família um lote”, que visava à regularização fundiária das moradias nas favelas (Burgos, 2004). Este projeto representou o primeiro programa social o qual visava assumir a presença das favelas na cidade, facto esse que já começou a ser percebido e discutido em 1937 na promulgação do então “Código de Obras”, mas que agora a importância da favela no debate político era outra, era a de tornar-se parte

---

3 O Parque Proletário da Gávea foi removido em 1970 e sua população foi fixada na Cidade de Deus.

integrante da cidade legal, ou seja, funcionar como um meio de legitimação da favela na cidade. O começo dos anos de 1980 caracterizou-se, portanto, segundo Lago (2003), pela “adoção de políticas de reconhecimento das favelas e dos loteamentos irregulares e clandestinos como solução dos problemas de moradia das camadas populares. Legitima-se a ilegalidade”

Após essa tentativa de “legitimar a ilegalidade”, entende-se ilegalidade aqui os barracos construídos nas encostas dos morros (favelas), a década de 1990 e o início dos anos 2000 são classificados pela realização da manutenção da política habitacional introduzida nos anos anteriores, ou seja, por prover infraestrutura nas áreas de favela, além da manutenção da legalidade dos imóveis. Nesta época surge mais um programa habitacional, o *Favela Bairro*.

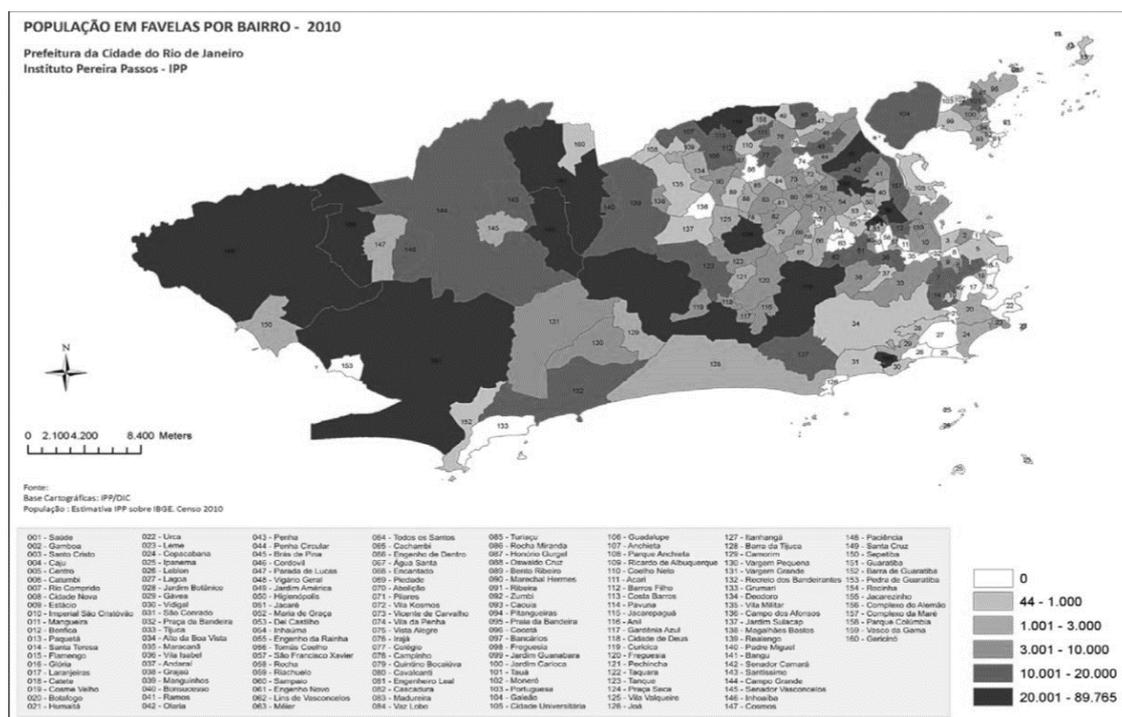
Este programa parte de uma premissa diferente das quais eram trabalhadas em relação a habitação popular, ou seja, muda o foco para a construção de cidades, e tem como intenção prover para as famílias que fossem beneficiadas, a mesma qualidade de vida as quais eram observadas noutros bairros da cidade do Rio de Janeiro (principalmente no tocante a infraestrutura básica), onde este pode ser caracterizado como “social-habitacional”, pois de acordo com Cardoso (2002: 40), tem como objetivo “complementar ou construir a estrutura urbana principal (saneamento e democratização de acessos) e oferecer condições ambientais de leitura da favela como bairro da cidade.”, segundo os termos do Decreto no 14.332, de 7 de janeiro de 1995.

O programa, portanto, assumia favela como a não-cidade e que precisava ser integrado ao território da cidade. Buscava levar para a favela tudo que havia no bairro, tais como: calçamento, ruas largas, esgoto, creches, postos de saúde, além da regularização dos imóveis e da realocação das moradias em áreas de risco, enfim, buscava a utilização racional do espaço, assim como acontece nos bairros (Lessa, 2005; Davidovich, 2000).

Nos anos de 1980 a favela passa a ser representada e tratada de forma diferente pelos governos, é somente em 1995, a partir do programa *Favela Bairro* que pode ser observado num documento oficial da república o tratamento sem juízo de valor acerca das favelas, ou seja, sem estereotipá-la como sempre ocorreu ao longo da história (desde a época pré-favela, ou noutras palavras, dos cortiços). De acordo com Burgos (2004: 48), “assim, despida de preconceitos, tal representação da favela mostra-se compatível com sua efetiva integração à vida social e política da cidade”, assim seria uma forma de diminuir o abismo social entre a favela e o “asfalto”.

Na virada para o século XXI, esperavam-se que muitas coisas iriam mudar para melhor. Sim, muitas coisas mudaram, mas o “problema favela” ainda estava pendente de resultados. Não há dúvidas de que ocorreram muitas melhorias, principalmente de infraestrutura, porém, devido à falta de uma solução definitiva para o problema habitacional do país, as favelas continuam a crescer constantemente até os dias de hoje. O censo 2010 (IBGE) revela que existem no município do Rio de Janeiro 160 favelas, conforme ilustrado na figura abaixo.

Figura 2: População em favelas por bairro - 2010



Fonte: Censo 2010 (IBGE)

Ao longo dessa breve descrição e contextualização da forma como a favela era e é vista, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, é possível compreender que o estereótipo e o preconceito contra seus moradores, permanecem até os dias de hoje, dado que em muitas ocasiões são caracterizados por nomes pejorativos, e a favela em si, é vista como um mundo a parte do ideal, ou seja, um local onde tem as suas próprias regras e mesma assim é um ambiente de desordem. Uma vez que algumas posições e olhares sob a favela e seus moradores tenha mudado, muitos ainda a consideração com uma chaga social da cidade.

## 1.2. ECONOMIA COMPARTILHADA

Num cenário de pós crise é comum pessoas e empresas se reinventaram, seja com a criação de novos produtos ou com modificações no seu *status quo*. A partir desse pensamento

novas empresas surgiram e viraram referência neste novo tipo de organização económica, conhecida também como Economia Compartilhada.

Nos primórdios dos anos 2009 – pós crise financeira nos EUA, conhecida como crise do *subprime*<sup>4</sup> - novas empresas foram criadas a partir da promessa, ou melhor, da utopia refletida na frase: *what's mine is yours*<sup>5</sup> - “o que é meu é seu” - e com isso evidenciar o carácter mais humano com esta nova modalidade económica que surgia e aumentava de acordo com a disseminação das novas tecnologias. Infelizmente, ao contrário da ideia inicial de “compartilhamento”, foi verificado desde então um apoderamento associativo de esforços trabalhistas oriundos da energia coletiva, asseguradas por investimentos significativos feitos por bilionários.

Rachel Botsman, em seu livro *What's Mine is Yours: The Rise of Collaborative Consumption* de 2011 começa por destacar uma das palavras chaves para a compreensão do fenómeno da economia compartilhada – a confiança. É com base nessa palavra que novas empresas desenvolvem seu plano de negócios e entraram em novas comunidades. Em 2008, surge o *Airbnb* com uma proposta de conectar pessoas que estavam a procura de lugar para ficar durante uma conferência de design na cidade de São Francisco (Califórnia) com outras que tinham espaços livres nas suas casas, contudo não era habitual oferecer – ainda que envolvesse trocas económicas – um espaço para um desconhecido com base somente na sua reputação (notas e comentários).

Há de perceber que a motivação, tanto por parte dos usuários quanto do lado de quem está a ofertar algum bem ou serviço, não possui como foco principal somente os fins económicos, mas sim, uma mistura entre adquirir uma fonte de renda extra ao passo no qual abre a possibilidade de ter contacto com novas pessoas de diferentes lugares e culturas. Nesse ponto, destaca-se a importância das novas tecnologias - em especial, a internet para tornar possível esse aumento da escala, dado que antigamente as trocas comerciais dava-se por meio de vínculos mais estreitos nas aldeias e vilas.

Como destacam Botsman e Rogers (2011), a principal motivação da economia compartilhada consiste em mudar a visão sobre a economia num modo geral, onde a mesma era fortemente caracterizada pela posse de bens e pelo excedente de capital. Os atuais sistemas

---

<sup>4</sup> A crise do *subprime*, chamada por muitos de “bolha imobiliária americana”, teve seu início a partir da forte queda do índice *Dow Jones* em julho de 2007, motivada pela hipótese do colapso hipotecário, que arrastou várias instituições financeiras americanas para a situação de insolvência.

<sup>5</sup> Frase utilizada como capa do livro escrito pelos autores Rachel Botsman e Roo Rogers. *What's Mine is Yours: The Rise of collaborative Consumption*, 2011.

de economia compartilhada têm como propósito a ampliação do acesso a tais bens para cada vez mais pessoas da comunidade. Ainda como benefício de tais sistemas, destaca-se a preocupação com as questões ambientais, dado que o excedente causado pela superprodução e hiperconsumo – herança da revolução industrial – é, em parte, absorvido à medida que ocorre uma diminuição da ociosidade da utilização dos bens e serviços.

O desenvolvimento da economia compartilhada não pode ser unicamente explicado como uma predisposição a determinado nicho da comunidade, mas sim, como uma das reações observadas frente à crise financeira global de 2008. Percebeu-se aqui que a motivação dos indivíduos estava além da obtenção de economia nos custos, mas também na mudança de hábitos, os quais podem ser notados antes mesmo da degradação do sistema financeiro em 2008, ou seja, existia uma certa ânsia económica de conseguir novas ferramentas de acesso para obtenção de recursos financeiros.

Estes autores (*Idem*) sustentam a afirmação de que o consumo colaborativo difere da visão de um compartilhamento forçado, dado o que é posto em discussão é o facto de que em tal sistema os indivíduos partilham recursos (tempo, dinheiro, etc) sem perder a liberdade pessoal tampouco o seu estilo de vida. Em complemento, existem quatro forças ligadas ao hiperconsumo que exerce forte influência para que tal ocorra, sendo eles o *poder de persuasão*, *acesso facilitado ao crédito* (política do compre hoje e pague amanhã), *lei do ciclo de vida* (onde cada bem teria um tempo pré-determinado de vida útil) e o *fator apenas mais um* (*Ibidem*: 19-33). É, justamente nesses pontos que o consumo colaborativo está a atuar, pois de uma forma geral, todas essas forças levam os indivíduos a aumentar suas “posses” ao invés do seu “acesso”.

Dessa forma, o maior desafio está em evidenciar o poder de tais sistemas de compartilhamento e o quanto estes podem ser adaptáveis tanto ao interesse próprio quanto para um bem maior para a comunidade, uma vez que as pessoas podem atuar como parte integrante sem perder a liberdade e a identidade individual. Contudo, o termo economia compartilhada demonstra certa dubiedade para com sua compreensão, uma vez que atualmente é comum substituí-la por uma economia de “renda extra”. Pelo lado do consumidor, a criação dessas plataformas de compartilhamento é benéfica, pois ao facilitar a entrada de novos *players* no mercado, aumenta a concorrência e, por conseguinte, o preço do produto diminui. Já pelo lado dos trabalhadores, ocorre uma precarização laboral, onde estes não possuem a segurança laboral necessária.

Em complemento a definição sugerida por Botsman e Rogers, Slee (2017) argumenta que a economia compartilhada, para além de ter como palavra-chave a confiança também está centrada no desenvolvimento da internet, onde parafraseando o autor, pode-se dizer que esta modalidade económica aproveitou o *boom* dos negócios que possuem como estrutura principal a internet para fazer a conexão e vendas para com seus consumidores, e assim promover troca de serviços num ambiente de digital com aplicabilidade no mundo físico. A internet por sua vez está cada vez mais presente nas trocas comerciais, seja ao promover uma maior disseminação de conhecimento e oferta, mas também por ser instrumento de remodelação da sociedade, uma vez que nos dias de hoje nos tornamos reféns da mesma.

Este tipo de economia não é tão nova quanto parece. É uma prática considerada secular, contudo num formato um pouco diferente de como é compreendida atualmente. Nos primórdios, as comunidades eram mais próximas uma das outras e compartilhavam – daí o nome de economia compartilhada ou colaborativa (Botsman e Rogers, 2011) – de suas posses quando alguém precisava de algum bem ou serviço em específico. Devido a aceleração da urbanização – principalmente após a Revolução Industrial – as pessoas ficaram mais distantes ao passo no qual as cidades foram crescendo, e com isso, este tipo de economia deixou de ser realizada aos moldes do passado, onde mais se aproximavam de uma economia de permuta.

A sustentabilidade alinhada com a necessidade de reciclar em função de cuidar do meio ambiente, podem ter sido fatores iniciais para o ressurgimento da economia compartilhada. A partir disso, um dos primeiros exemplos, e mais conhecido e copiado em todo o mundo, nasceu com a criação de caronas partilhadas, onde as pessoas naturalmente já as fazia, ou seja, aqueles que moravam em bairros próximos ofereciam caronas umas as outras. A nova situação posta em causa é que este fenómeno tornou-se um novo tipo de renda para algumas destas pessoas, ou seja, o simples facto de oferecer uma carona, agora está mercantilizado.

De acordo com o modelo tradicional económico pressupõe-se que caso o indivíduo precise de algum bem ou serviço, o mesmo vai até o local (físico ou *online*) e o adquire. Contudo, um novo modelo está a regressar, inspirado em práticas primordiais como as anteriormente mencionadas, com as pessoas a realizarem trocas comerciais entre si e muitas vezes com desconhecidos para obter um bem ou serviço, porém com a diferença de agora o fazerem com uma objetividade económica. A partir deste novo padrão económico, nota-se que o sucesso desse novo modelo está intrinsecamente associado a evolução tecnológica e aos sucessivos avanços nesta área.

De acordo com Chase (2015) os carros particulares acabam por ficar parados nas garagens a maior parte do tempo (cerca de 95%), ou seja, o autor afirma que com este tempo ocioso esse mesmo carro poderia ser compartilhado com outras pessoas, sem ter, assim, a necessidade de pagar todos os custos (manutenção, seguro, impostos). Gansky (2010), caracteriza o fenómeno da economia compartilhada como sendo um sistema socioeconómico fundamentado em volta do uso compartilhado de recursos, tanto humanos quanto físicos, onde a produção, distribuição o qual permeia desde o campo da criação até o consumo compartilhado de bens e serviços por pessoas e organizações.

A economia compartilhada, como é denominado pelos autores Botsman e Rogers (2011) funciona num formato de práticas comerciais que facilitam o acesso a bens e serviços, podendo ocorrer ou não, a compra de um produto ou troca monetária entre o comprador e vendedor. Para os autores, tais mecanismos são formados por transações como o compartilhamento, empréstimo, aluguer, doação, trocas e permuta (2011: xvi). Os autores Dubois, Schor e Carfagna (2014), argumentam que a economia compartilhada é constituída por artifícios de *connected consumption*, os quais tem como objetivo principal a reutilização de produtos, e as conexões *peer-to-peer*, sem a utilização de intermediários, o que leva assim a vínculos face-a-face e um novo desenho nos modelos clássicos da economia.

Para Arun Sundararajan (2018) o fenómeno em questão pode ser mais bem compreendido através do conceito “capitalismo de multidão”, uma vez que a lógica industrial deu lugar ao consumo mais colaborativo e conduzido por valores intangíveis e imateriais. O conceito de “capitalismo de multidão” vai ao encontro da definição proposta por Lessig (2009), para quem não existe somente uma economia “pura e simples” com métricas definidas com base no preço, mas sim a existência da “economia compartilhada” pela qual o acesso à cultura é regulado por relações sociais:

De todas as formas pelas quais as trocas numa economia compartilhada podem ser definidas ou, em outras palavras, de todas as possíveis expressões para as trocas de uma economia compartilhada, a forma que não pode se definir essa economia é em termo de dinheiro (Lessig, 2009: 146).

Lessig argumenta que seria um equívoco afirmar que somente estaria em circulação a questão monetária dentro de um sistema de economia compartilhada, uma vez que a variável “sentimento” está presente e que as pessoas vivem em esferas sobrepostas de entendimento social, o que é obviamente apropriado em algumas esferas é obviamente inapropriado em outras (2009: 145).

Botsman e Rogers (2011) destacam que a evolução deste novo modelo económico está intrinsecamente associada a uma unificação entre fatores sociais, económicos e tecnológicos.

Em relação aos fatores sociais, nota-se um aumento significativo da precaução com a sustentabilidade e meio ambiente. Todavia, ainda é possível observar algumas empresas que participam desse “novo” modelo económico apenas com o intuito de adquirir o *status* que o compartilhamento reflete, mas que na realidade estão a utilizar mecanismos da economia tradicional (Schor, 2014). Em complemento, os autores Dubois, Schor e Carfagna (2014) apresentam questões sociais ligadas a vontade dos indivíduos de aumentarem seus vínculos sociais.

Ao observar os fatores económicos, a economia compartilhada atua como um dispositivo onde seu uso acarreta uma monetização de bens e serviços, tanto sem uso ou com alta capacidade ociosa, ou seja, com pouca utilização (Botsman e Rogers, 2011), onde acaba por dar origem a um modelo no qual os indivíduos dependem cada vez menos de empregadores e tornam-se capazes de criarem um nova fonte de renda (Dubois; Schor; Carfagna, 2014). Por fim, com o avanço dos meios tecnológicos verifica-se uma maior disseminação das redes sociais e por conseguinte uma queda nos custos atrelados a transações entre indivíduos, uma vez que a presença de um intermediário não se faz necessária (Botsman e Rogers, 2011).

As redes sociais estão presentes na sociedade há muito tempo, sendo uma das mais antigas formas de organização (Castells, 2003). A mudança percebida dá-se principalmente a partir dos avanços tecnológicos, onde a internet se constitui como ator principal e acaba por tornar as relações sociais mais “próximas”, facilitando o compartilhamento de bens e serviços, outrora sendo possível somente no âmbito da comunidade local (Botsman e Rogers, 2011). Assim, por meio destas novas redes sociais tecnologicamente formadas - *facebook e instagram* -, os indivíduos aumentam a escala de seus negócios, passando de um comércio local para atender clientes em diversas partes do mundo e organicamente partilham informações ao mesmo tempo que disseminam a cultura do compartilhamento (Schor, 2014).

A mudança no estilo de vida e nos padrões de consumo são derivadas de três principais valores segundo (Botsman e Rogers, 2011: 43), sendo eles: i) *a simplicidade*; ii) *rastreabilidade e transparência* e; iii) *a participação*. O primeiro aspeto está intrinsecamente situado nas relações interpessoais, em trocas comerciais com pessoas mais próximas. A *rastreabilidade e transparência* têm assumido importante significado atualmente, uma vez que muitas pessoas estão dando mais atenção à origem e procedência dos produtos que consomem, valorizando a economia de produtores locais e micro empreendedores. E, por fim, as atuais gerações de nativos digitais mostram-se cada vez mais preocupadas com as condições e questões relativas ao consumo consciente.

Mesmo diante do constante crescimento e evolução da economia compartilhada é preciso ter cautela e consciência de que não necessariamente está a ocorrer uma mudança na essência humana ou até mesmo que a partir de então só exista esse modelo de economia, mas pode-se afirmar que derivado desta nova economia as condições de produção alteraram-se, principalmente devido a questões de intercâmbio social e cultural (Benkler, 2006).

A velocidade e proporção na qual o consumo colaborativo assumiu nesses últimos anos deve-se principalmente pelo fato dos negócios serem feitos em plataformas *peer-to-peer*, o que proporcionou um aumento do compartilhamento de produtos e serviços (Fremstad, 2014). Contudo, é preciso ter atenção ao facto de que muitas destas empresas não encontram condições de se manter no mercado após o período de financiamento e somado a isto muitas não conseguem ser regularizadas ou enfrentam dificuldade para entrar nos mercados em certo locais (Cusmano, 2015).

Diante das definições descritas acima sobre o conceito de economia compartilhada, neste trabalho será utilizado como parâmetro para análise do estudo a descrição do fenómeno segundo Botsman e Rogers (2011) a qual consiste, num primeiro momento, em substituir a clássica visão da economia – caracterizada pelo acumulação de capital - por um mercado onde a variável em questão é o acesso aos bens. A partir disso, Botsman e Rogers (*Idem*) afirmam que é possível partilhar bens e serviços sem que ocorra perda da liberdade pessoal e estilo de vida. Por fim, os autores destacam a facilidade do acesso aos bens e serviços, dado que o papel do intermediário não existe, ou seja, são feitas negociações diretamente entre o comprador e vendedor.

### 1.2.1. Exemplos de Economia Compartilhada

Existem diversos tipos ou meios que podem ser definidos como um sistema de compartilhamento os quais vão desde o banco de horas no local de trabalho, pela troca de ferramentas, o aluguer de espaços de trabalho (*coworking*) e chegam até os mais conhecidos – especialmente no Brasil – o compartilhamento de carros e aluguer de quartos e casas. Quando observado numa escala global são inúmeros os exemplos de consumo colaborativo e todos com o objetivo que vão além da pura e simples troca comercial associado a um valor monetário, mas também com o intuito de estreitar as relações sociais e, por conseguinte, aumentar o senso de comunidade, o que nos primórdios era algo natural.

Para Schor (2014) existem apenas dois principais grupos explicativos dentro da economia compartilhada, sendo eles divididos em duas dimensões: a primeira consiste em saber a orientação da plataforma onde são classificadas como lucrativos ou não lucrativos; e

sobre sua estrutura de mercado – *peer-to-peer* (indivíduos para indivíduos) ou *business-to-peer* (empresas para indivíduos). Por outro lado, segundo Botsman e Rogers (2011: 61-64) podem assumir comportamentos variados conforme sua escala, desenvolvimento (estágio no qual se encontra) e propósito, podendo ser agrupados em três categorias diferentes: i) *sistemas de serviços de produto (SSP)*, ii) *mercados de redistribuição* e, iii) *estilos de vida de colaboração* – neste último encontra-se o Airbnb o qual é objeto de estudo deste trabalho.

É observado atualmente que os indivíduos estão cada vez mais a transitar para um pensamento de “uso” onde os mesmos preferem pagar pelo benefício esperado do produto ou serviço do que propriamente a compra do mesmo. A questão central num modelo de SSP é a criação de um serviço que permite a utilização de vários produtos de uma mesma empresa sejam compartilhados (compartilhamento de carros, energia solar) ou ainda que produtos de propriedade particular sejam compartilhados na maneira *peer-to-peer* (entre pares).

Destaca-se aqui um dos principais proveitos que esse tipo de sistema de consumo colaborativo proporciona está diretamente relacionado com a questão ambiental, uma vez que o bem ou serviço que outrora tinha seu uso consideravelmente limitado vê-se modificado por um serviço que potencializa sua utilidade. Ao observar a perspectiva dos usuários nota-se dois principais benefícios, sendo o primeiro relativo a questão do desembolso financeiro para a utilização do produto em si, uma vez que o pagamento é feito em relação ao período de utilização, ou seja, não precisa pagar o valor total para garantir o uso do mesmo. Adicionalmente a isto, é posto em evidência a questão da não preocupação com um conjunto de obrigações associadas ao bem ou serviço, como a manutenção, seguro, de entre outras.

Outra categoria de sistemas colaborativos destacado por Botsman e Rogers (*Idem*: 61) faz referência aos mercados de redistribuição, setor este que foi e está a ser beneficiado com o crescimento de usuários nas redes sociais, uma vez que estas tornam possível que os compradores encontrem rapidamente os vendedores e vice-versa. Podem ser caracterizados em três subcategorias: uma primeira onde o tipo de trocas são expressamente livres, ou seja, não envolvem nenhuma recompensa adicional além da própria troca do bem; outra nos quais o bem é negociado em contrapartida de pontuações ou dinheiros (*eBay*); e por fim, um pouco dos dois pontos discutidos anteriormente (*craigslist*).

É comum as trocas serem feitas por pessoas desconhecidas, mas que de alguma certa forma estão conectadas, sejam para realizar trocas comerciais ou expandir suas relações pessoais. Ao deixar de lado as especificidades da troca comercial em si e voltarmos a atenção para a sua essência, nota-se que o cerne do consumo colaborativo se faz presente dado que uma

das suas principais características é a máxima utilidade do bem ou serviço em si, facto este que o mercado de redistribuição ajuda a estimular ao passo que o mesmo incentiva a reutilização ou revenda de itens – os quais possivelmente iriam ser jogados no lixo. Segundo Botsman e Rogers (*Ibidem*: 62) esse tipo de sistema colaborativo problematiza de forma benéfica o ciclo de produção e distribuição caracterizado pelo relacionamento entre o produtor e consumidor com intermédio do varejista, descontinuando assim, o que a autora denomina como “doutrinas de comprar mais e comprar um novo”.

A terceira e última categoria, é caracterizada por uma economia compartilhada mais enviesada para o estilo de vida, onde as pessoas estão a realizar não somente trocas comerciais a partir de bens tangíveis como também trocas de ativos menos tangíveis, por exemplo habilidades, tempo e espaço. É preciso mencionar dois pontos os quais conduzem esta categoria, sendo eles a internet e a confiança.

No tocante a internet, salienta-se aqui sua importância para o desenvolvimento de tal ao passo no qual o espaço físico e temporal foi reduzido e as barreiras físicas para o consumo não existem mais. Em relação a confiança, os indivíduos que optam por este estilo de vida compartilhado estão mais preocupados em aumentar suas relações sociais do que adquirir o bem propriamente dito. Ainda que tais atores sociais possam parecer despreocupados em relação ao quesito confiança, muito deles baseiam-se pela reputação construída através das avaliações e comentários produzidos pelos usuários dentro da comunidade na qual esta inserido ou pretende entrar.

Quadro 2: Economia Compartilhada - categorias e exemplos

<u>Categoria</u>	<u>Empresa</u>	<u>Ramo</u>	<u>Pais de Origem</u>	<u>Disponível no Brasil</u>
Sistema de serviços de produto	ZipCar	Compartilhamento de automóveis	EUA	Não
	Mobilicidade	Compartilhamento de bicicletas	Brasil	Sim
	Rent-A-Toy	Aluguel de brinquedo infantil	EUA	Não
	Netflix	Filmes	EUA	Sim
	Chegg	Aluguel de livros	EUA	Não
Mercado de Redistribuição	Craigslist	Grandes mercados	EUA	Sim
	eBay	Grandes mercados	EUA	Sim
	Freecycle	Troca livre	EUA	Sim
	ClothingExchange	Troca de roupas	Austrália	Não
	BookHopper	Troca de livros	EUA	Sim
Estilo de vida colaborativo	Bees Office	Espaço de <i>coworking</i>	Brasil	Sim
	New Work City	Espaço de <i>coworking</i>	EUA	Não
	CrowdCube	Crowdfounding	Inglaterra	Não
	NuRide	Caronas	EUA	Não
	Airbnb	Viagens	EUA	Sim
	Couchsurfing	Viagens	EUA	Sim
	Landshare	Compartilhamento de jardins	Inglaterra	Não
	Eat with me	Refeições compartilhadas	EUA	Sim

Fonte: Botsman e Rogers (2011:187-196) (adaptado pelo autor).

A tabela abaixo agrupa as três principais categorias de sistemas de consumo colaborativos definidos por Botsman e Rogers (2011), contudo é válido ressaltar que algumas destas empresas não tem atuação em todos os países.

Com isso, é possível observar que a maioria das empresas de economia compartilhada surgiram em países de língua inglesa, principalmente nos Estados Unidos da América. No entanto, nota-se que o Brasil – país em análise da pesquisa – tem sido escolhido por tais empresas ao longo dos anos, e pode-se dizer que um dos fatores impulsionadores foram os megaeventos realizados no país (Copa do Mundo em 2014) e na cidade do Rio de Janeiro (Jogos Pan-Americanos e Olimpíadas, respetivamente em 2007 e 2016) os quais além de atrair grandes investimentos, foram palco para trocas e experiências culturais.

De forma a agrupar as principais características mencionadas anteriormente sobre o consumo colaborativo, Botsman e Rogers (*Idem*: 64-77) sintetiza-as em quatro elementos fundamentais que juntos integram e ajudam a explicar esse novo tipo de economia, sendo eles: i) a *massa crítica*, ii) *capacidade ociosa*, iii) *crença no bem comum* e, por fim um dos mais discutidos por diversos estudiosos, iv) a *confiança entre estranhos*.

O termo *massa crítica* é uma expressão de cunho sociológico utilizado para representar que o produto em si está num patamar suficiente para tornar-se autossustentável. É a partir desse ponto que se destacam dois principais motivos de sua importância para o consumo colaborativo. O primeiro deles diz respeito à capacidade de escolha do indivíduo, uma vez que

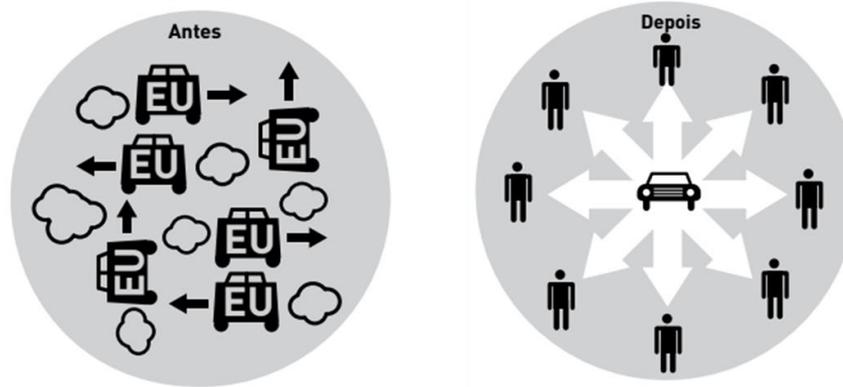
a compra de qualquer bem é uma decisão pessoal mas podendo ser enviesada por alguns aspetos, sendo um deles justamente capacidade de gerar a massa crítica – quantidade de indivíduos que seja satisfatória para o convencer a trocar a compra de um bem pelo acesso à utilização do mesmo. É importante ressaltar um complemento a capacidade de escolha: a prova social. Esta pode ser explicada pelo fato de que o indivíduo direcionar as suas ações à medida que observa outros a praticar tais ações, ou seja, a prova social funciona como uma disrupção de antigos padrões e incorporação de novos hábitos – neste caso, o consumo colaborativo.

Outro ponto importante destacado por Botsman e Rogers (2011: 70) é o fato dos indivíduos usufruírem pouco ou quase nada da capacidade máxima útil de cada bem comprado. Um exemplo comum é a utilização dos carros, uma vez que uma pessoa em média utiliza o carro por cerca de três a quatro horas no máximo por dia e as outras vinte horas o carro fica estacionado, ou seja, utiliza-se entre quinze a vinte por cento da capacidade máxima, sendo o restante denominado pela autora como *capacidade ociosa* – exemplo este que pode ser replicado a quartos vagos numa residência, os quais têm sua capacidade ociosa total.

No tocante a *crença no bem comum*, não é novidade este termo aparecer atualmente, uma vez que é visto como um dilema postulado na teoria económica e nos mercados livres onde o ponto em questão visa discutir maneiras de obtenção do equilíbrio entre o bem individual e o bem coletivo. Neste ponto, nota-se que a economia compartilhada contribui para a criação de valor para todas as pessoas – independente de estarem na comunidade em específico – dado que a mesma incentiva a colaboração de todos, ou seja, funciona como um efeito em rede onde quanto maior for o número de pessoas envolvidas maiores são os benefícios, tanto coletivos quanto individuais.

Por fim, destaca-se a *confiança entre desconhecidos*. Para muitos, é estranho a questão das próprias pessoas nesse sistema atuarem como “fiscais” das trocas que ocorrem dentro da comunidade, seja uma compra e venda de algum item ou uma prestação de serviço (*Uber*, *Airbnb*), mas é desta maneira que o mercado se autorregula, sem a presença de um intermediário – o qual antes desempenhava essa “função” de fiscalizar os mercados. Estas empresas de economia compartilhada têm como função principal ser o elo entre vendedores e compradores, ou seja, a principal função destas está em fornecer uma plataforma eficiente para que tais trocas ocorram, alterando assim a antiga configuração da economia caracterizada mais pelo uso e benefício exclusivo de um indivíduo para uma estrutura de acesso e compartilhamento a todos na comunidade, conforme ilustrado por Botsman e Rogers abaixo.

Figura 3: Antes e depois da economia compartilhada



Fonte: Botsman e Rogers (2011:78-79).

### 1.2.2. Sistema de Reputação

Torna-se indissociável falar de confiança dentro do sistema de economia compartilhada e não mencionar a forma pela qual a mesma é medida, noutras palavras, como este fator é interpretado pelos usuários e qual o impacto na escolha do produto ou serviço. Segundo Brian Chesky - cofundador e atual CEO do *Airbnb* – as pessoas passaram a confiar mais uma nas outras devido ao sistema de reputação, o qual muitas destas empresas utilizam para auxiliar na decisão do consumidor e vendedor, ou seja, por meio dessa métrica as identidades das pessoas ficam visíveis a todos que participam ou querem participar da comunidade, sendo estas avaliadas como boas, ruins ou indiferentes, tanto por parte dos anfitriões ou hóspedes – no caso do *Airbnb*.

Atualmente, os indivíduos lidam com mais probabilidades do que certezas, dado que o mundo está em constante processo de mudança devido a globalização. Ainda assim, no âmbito comercial é possível evidenciar alguns fatores os quais são determinantes para o nível de confiança do indivíduo para com o bem ou serviço, sendo eles: as regulações, qualificações profissionais, compromentimentos individuais, agências de classificações independentes, dentre outros. O fato é que tais fatores acabam por serem resumidos num ponto específico: opinião, mais precisamente um conjunto de opiniões manifestadas pelos usuários, as quais são difundidas pela comunidade, podendo ser boas ou ruins.

Diante disso, nota-se que a variável “reputação” assume papel fundamental para as configurações em rede, onde esta torna-se o sinal de confiabilidade mais visível para os integrantes da comunidade (Powell, 1990). Assim sendo, os sistemas de avaliação são os responsáveis por assegurar a confiabilidade com base na interação que o indivíduo exerce na

plataforma em que participa (Schor, 2014). Como consequência, estudos mostram que tanto os compradores quanto vendedores baseiam-se – de forma similar a recomendações de amigos ou familiares – na pontuação estabelecida pelos usuários da plataforma na qual fazem parte (Rifkin, 2016).

Posto isto, a lógica do modelo de sistema de reputação descrito anteriormente é baseada na interação “indivíduo – indivíduo”, ou seja, ocorre de maneira informal (um vizinho comenta com outro sobre um serviço realizado na sua residência ou sobre as qualidades de um produto), descentralizado (sem intermediários) e gerido de forma coletiva (pelos próprios integrantes da comunidade). É, neste ponto, que os fundadores das principais empresas que praticam o consumo colaborativo apontam como diferencial, uma vez que agora – tanto compradores quanto vendedores – são classificados e hierarquizados.

No entanto, ao analisar somente a reputação com base em avaliações – sejam elas quantificáveis ou qualificáveis – é preciso que a mesma mantenha seu grau de imparcialidade, independente da comunidade a qual o bem ou serviço é prestado. Em tais sistemas é comum que exista uma escala – normalmente orientado de 1 (pior nota) a 5 (melhor nota) – para auxiliar na tomada de decisão, contudo verifica-se que nas principais empresas de economia compartilhada como *Airbnb*, *Uber*, *Bla bla car*, possuem seus gráficos de avaliações em formatos de “J”, ou seja, a maioria destas notas estão localizadas próximas ao melhor resultado, por exemplo, concentradas em avaliações entre nota 4 e 5.

Discute-se a real efetividade destas avaliações, uma vez que os indivíduos pode estar a ser influenciados a avaliar de maneira positiva na esperança de também serem avaliados desta forma, ou seja, vira um ciclo vicioso e tendencioso – tanto para quem compra quanto para quem vende – pois o indivíduo toma a sua decisão com base no que o outro irá fazer somado a antigos comentários e avaliações já existentes no perfil de determinado usuário. Conforme o artigo *Building Web Reputation Systems* de Farmel *et. al.* (2010) o principal problema destas curvas de avaliações podem estar tanto na filtragem feita, ou seja, são feitas por consumidores que tiveram apenas experiências boas, quanto na tendência – onde os consumidores podem estar sendo guiados por outros aspetos diferentes da qualidade propriamente dita do produto ou serviço.

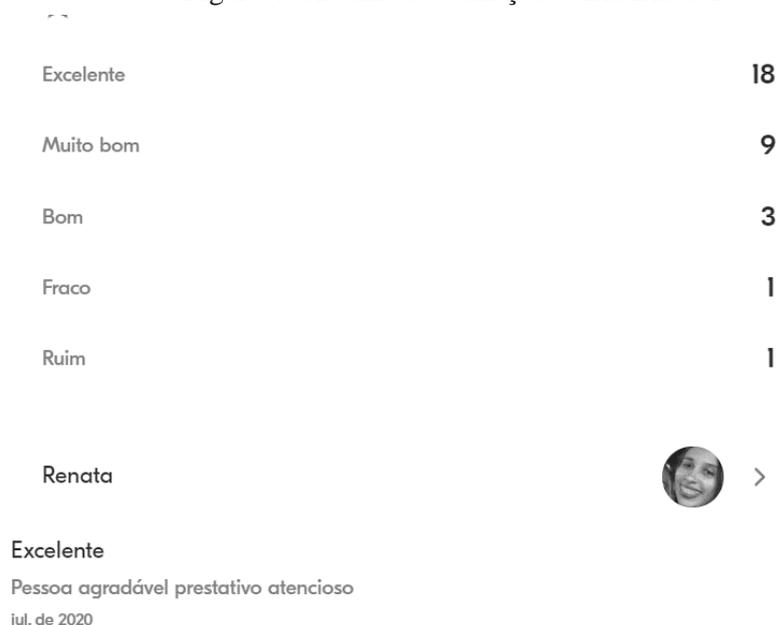
Por tratar-se de avaliações de cunho pessoal, uma nota de 4,8 pode ser ruim em números concretos quando comparada com uma nota 4,9. No entanto, torna-se perigoso afirmar que a pequena diferença em números absolutos possa exprimir um serviço com uma qualidade inferior, pois como mencionado anteriormente o que pode ser classificado como “bom” para

um indivíduo por não ter a mesma classificação para outro. Existe aqui uma frágil relação entre qualidade do serviço e a nota atribuída ao mesmo.

Ao observar os dois tipos de avaliações (conforme figura abaixo), a ideia a qual é reforçada está justamente no fato de que a nota e o comentário atribuído tornam-se, por vezes, enviesados por questões relativas a gostos pessoais ao passo no qual não é possível dar uma nota sobre a maneira de condução do motorista (no caso do *bla bla car*) ou ainda deixar que somente uma variável (neste caso a “localização” no *Airbnb*) tenha uma influência significativa na avaliação global.

De forma geral, os sistemas de reputação e seus diversos modelos – mesmo com algumas falhas – contribuem para a principal finalidade da economia compartilhada, uma vez que fornece mais informações sobre com quem você está interagindo, ou seja, funciona como um “vigilante” onde o mesmo tem como função manter os serviços os quais cada empresa oferece num padrão sustentável. No entanto, há que ter em mente que a avaliação feita não pode ser tratada como um simples agrado – ou até mesmo cortesia – mas que precisa ser vista como uma crítica para o melhoramento do sistema como um todo e não ter a visão enviesada ao julgamento para com o indivíduo que está a ofertar o produto ou serviço.

Figura 4: Sistema de avaliações - Bla Bla Car



Fonte: <https://www.blablacar.com.br/>

Figura 5: Sistema de avaliações - Airbnb

★ 4,74 (116 comentários)



Anna Karolina  
julho de 2020

Excelente localização!!



Lucas  
março de 2020

Excelente localização em Copacabana, próximo ao Forte e ao Arpoador. Apartamento perfeito para acolher 3 viajantes. Anfitrião rápido nas respostas e muito prestativo. Único detalhe que atento é para quem tem problemas com barulho. O que para mim pode passar despercebido, para alguém com sono mais leve pode ser um problema devido ao grande movimento nas ruas (ônibus, etc). Recomendo. Obrigado!

Fonte: <https://www.airbnb.com.br/>

Em resumo, dois cenários possíveis são formados sendo um onde a economia compartilhada gera vantagens – económicas e sociais – e por outro lado tal modelo ocasiona certas desregulações na economia nos países nos quais têm forte presença de empresas a atuar a partir desse sistema de compartilhamento. Como mencionado anteriormente, a economia compartilhada pode ser vista como uma opção sustentável de longo prazo para o comércio, uma vez que promove um uso melhor de produtos e serviços que outrora eram subutilizados pelos indivíduos e conseqüentemente gera um valor percebido maior diante das experiências do uso do que pela posse do mesmo.

Contudo, é preciso atentar-se para as conseqüências negativas deste sistema. A partir do momento no qual a economia passa a proporcionar um ambiente de livre mercado, a concorrência entre as empresas já atuantes no mercado aumenta, e por conseqüência, acarreta em benefícios para os consumidores (melhor qualidade do produto ou serviço), mas também pode vir a desregular questões trabalhistas as quais outrora estavam protegidas.

É facto que os mercados de economia compartilhada estão a criar novas e nunca antes nomeadas formas de consumo. Mas cabe salientar que neste mesmo mercado onde os compradores e vendedores são avaliados e ranqueados por meio de notas e comentários, vive-se uma cultura do medo de serem deletados, ou seja, uma vez que tais usuários possuem uma baixa nota, podem deixar de participar da plataforma – a qual em muitos países já assume como forma primária de renda, sendo o Brasil um destes. Somado a isso, à proporção que a economia

do compartilhamento aumenta a sua presença nas cidades, leva consigo uma remodelação nas questões económicas locais e habitacionais.

Justamente neste ponto – mudanças económicas locais e habitacionais – localiza-se uma das maiores preocupações no tocante a economia compartilhada, e mais concretamente no presente estudo onde o autor utiliza-se como exemplo o *Airbnb*, torna-se importante observar a escala na qual tal modelo é analisado junto do seu impacto nas cidades. A partir desta preocupação, o próximo capítulo terá como temática principal a exposição de um dos possíveis resultados dessa nova forma de consumo compartilhado - a gentrificação.

### 1.3. GENTRIFICAÇÃO

Os aspectos que circundam a gentrificação – termo traduzido do inglês *gentrification* - permeiam diversos campos de estudos bem como suas consequências, as quais podem ser observadas em diferentes locais de uma cidade, com forte predominância nos bairros que outrora eram considerados operários e que nos dias de hoje são constituídos, em sua grande maioria, por uma classe trabalhadora com baixo poder aquisitivo, o que acaba por acarretar na aparente segregação e desigualdade socioeconômica dentro de um perímetro diminuto.

A primeira denominação do significado deste processo foi fornecida pela socióloga britânica Ruth Glass em 1964, a qual o definiu como mecanismo responsável por descrever, nomear e realizar uma análise das mudanças verificadas nos bairros de classe operária em Londres, os quais ao longo do tempo passaram a atrair curiosidade por parte de classes mais altas (em função de seus aspectos urbanísticos e preços mais baixos do que outras áreas da capital inglesa) tornando-se assim, uma referência no entendimento das modificações urbanísticas e sociais das regiões metropolitanas durante os anos de 1970.

Segundo a socióloga este processo pode ser caracterizado pela substituição de moradores mais pobres por outros integrantes de classes mais altas (Glass, 1964: 27), assim, é possível analisá-lo por dois ângulos distintos mas ao mesmo tempo complementares. O primeiro identificado como mecanismo de desalojamento direto<sup>6</sup> dos moradores de determinado local (normalmente de classe socioeconômica mais baixa) que serão substituídos por outros com melhores condições financeiras (classes mais altas). O segundo, em que esta substituição pode ser entendido como sinônimo para reabilitação, revitalização e reurbanização do local, onde por meio de melhorias realizadas no entorno do local em questão poderia acarretar em lucros e novas fontes de renda no futuro.

Com o passar dos anos o conceito de gentrificação passou a ser largamente discutido numa escala global com diferentes percepções e sinônimos, tanto como um processo visto de forma benéfica quanto maléfica para os moradores e para o local. A partir disso, existem três principais vertentes de estudo referente a teoria de gentrificação onde a primeira pode ser caracterizada e alcunhada por ser de caráter marxista estruturalista (discute o papel do capital, das classes sociais, da produção e da demanda), onde seu principal autor é o geógrafo Neil

---

6 Segundo Marcuse (1985), “desalojamento direto” está diretamente ligado ao facto de que os senhorios despejam os atuais inquilinos para colocar novos moradores com poder aquisitivo mais elevado (rendas mais elevadas) ou para reconstituir o local, visando lucros futuros.

Smith, o qual descreve sobre gentrificação como movimento baseado nas classes sociais, onde salienta que tal fenômeno tem início de forma natural e casual, disseminando-se rapidamente.

Verifica-se que esta abordagem é discutida por outros dois autores, sendo eles Hamnett (1991) e Martínez-Rigol (2005), onde este último utiliza um sinónimo para o que Smith (1979) descreve como marxista estruturalista, caracterizando-a como abordagem economicista. De forma geral, estes autores apontam para uma gentrificação cujos principais agentes impulsionadores são o capital financeiro – noutras palavras, a crescente da economia e do capitalismo – e o Estado.

De acordo com uma abordagem de pendor economicista Neil Smith desenvolve a teoria da *rent gap* onde procura descrever o processo de gentrificação por meio de uma possível flutuação do valor potencial de aluguer de um imóvel e o seu real valor praticado. Esta teoria permite analisar como os atores do mercados fundiário e imobiliário se envolvem neste movimento económico, na intenção de alavancar seus lucros por meio de novos moradores com um maior poder aquisitivo, o que, por conseguinte, maior será o aluguer cobrado para estes novos moradores. É válido destacar que as escolhas do local onde receberam possíveis investimentos (revitalização, urbanização) não são feitas com base nas escolhas individuais, mas sim a partir de uma articulação entre as áreas detentoras deste capital.

Smith (1979) destaca a centralidade do mercado financeiro e sua postura perante ao poder público no tocante a interesses privados locais – principalmente empresas de construção civil e o mercado imobiliário – onde procura explicar a dinâmica especulativa que certos bairros atravessam, tendo como principal característica o desinvestimento calculado, ou seja, verifica-se uma degradação do espaço urbano e como consequência uma debilitação para que num futuro próximo tais locais possam estar passíveis de receberem novos investimentos, funcionando como justificação para requalificação do espaço em si, o que acarretaria novos moradores com maior poder aquisitivo, fechando-se assim um ciclo de acúmulo de capital.

Em suma, tal melhoria não seria advinda de pedidos das classes emergentes, mas faria parte de uma estratégia de valorização dos arredores para num futuro próximo ocorresse um aumento exponencial do valor de uso e de renda, o que por sua vez deixa lacunas entre o valor real e o valor esperado, como destacado na teoria da *rent gap*, dado que sem estes investimentos, o valor de tais imóveis provavelmente teria um teto máximo, ou seja, teria seu potencial de crescimento limitado. Com isso, observa-se um processo de exclusão social e cultural, onde não são oriundos somente das consequências advindas das escolhas individuais, mas sim do facto generalizado envolvendo agentes económicos e políticos.

Nos anos 80 uma outra linha de pensamento, impulsionada por autores como David Ley, faz referência a definição de gentrificação a partir de um resultado proveniente das significativas mudanças ocorridas nas grandes metrópoles com o declínio do modelo económico industrial, principalmente a partir dos anos de 1970 e o aumento significativo da presença de empresas multinacionais em determinadas cidades (Sassen, 2001), onde a economia local começa a desenvolver uma crescente demanda por serviços corporativos, na sua grande maioria de carácter intelectual, ao passo que suportassem as atividades dessas multinacionais, como consultorias, analistas financeiros, advocacia, dentre outros.

De acordo com Ley (1980) a gentrificação pode ser compreendida como uma mudança na perspectiva de uma nova expressão espacial com direcionamento para uma considerável mudança social, a qual responderia a lógica da demanda, ou seja, ela seria oriunda da dinâmica cultural do capitalismo, sendo caracterizada pela escolha individual, da cultura e do consumo, sendo este último ponto passível de uma interligação entre “humanistas liberais” e “marxistas estruturalistas”, onde seus principais autores são, respetivamente, David Ley e Neil Smith.

Diante deste cenário, é possível observar que a partir do momento no qual ocorre uma reestruturação do espaço urbano, a fragmentação social torna-se quase inevitável, uma vez que é verificado uma disrupção tanto no perfil social quanto económico do espaço urbano em questão, o que caracteriza a gentrificação não somente como um vetor com aspetos positivos para a população local, mas também pode assumir uma identidade pejorativa a partir da elitização ou também conhecido como “branqueamento” dos moradores destes lugares, dado que os antigos são substituídos por outros com maior poder aquisitivo, o que pode vir a gerar um incremento no tocante a infraestrutura e/ou requalificação urbana.

### 1.3.1. Ondas de Gentrificação

Quando observado essas duas linhas de pensamento sobre gentrificação, uma com carácter mais cultural e outra baseada em aspetos de cunho económicos, nota-se que este processo é caracterizado pelo seu dinamismo, possuindo assim diferentes “ondas de gentrificação” conforme identificadas por Hackworth e Smith (2001) ao utilizar a cidade de Nova Iorque como estudo de caso.

De acordo com os autores é possível observar cada onda de gentrificação em três etapas sequenciais, sendo a primeira denominada de *gentrificação esporádica* onde tem a discussão da ocupação da parte central das cidades por indivíduos da classe média a qual encontrava-se desvalorizada pelo mercado imobiliário. Esses indivíduos passam a morar no centro das cidades devido aos baixos preços praticados e pela oportunidade de encontrar serviços e

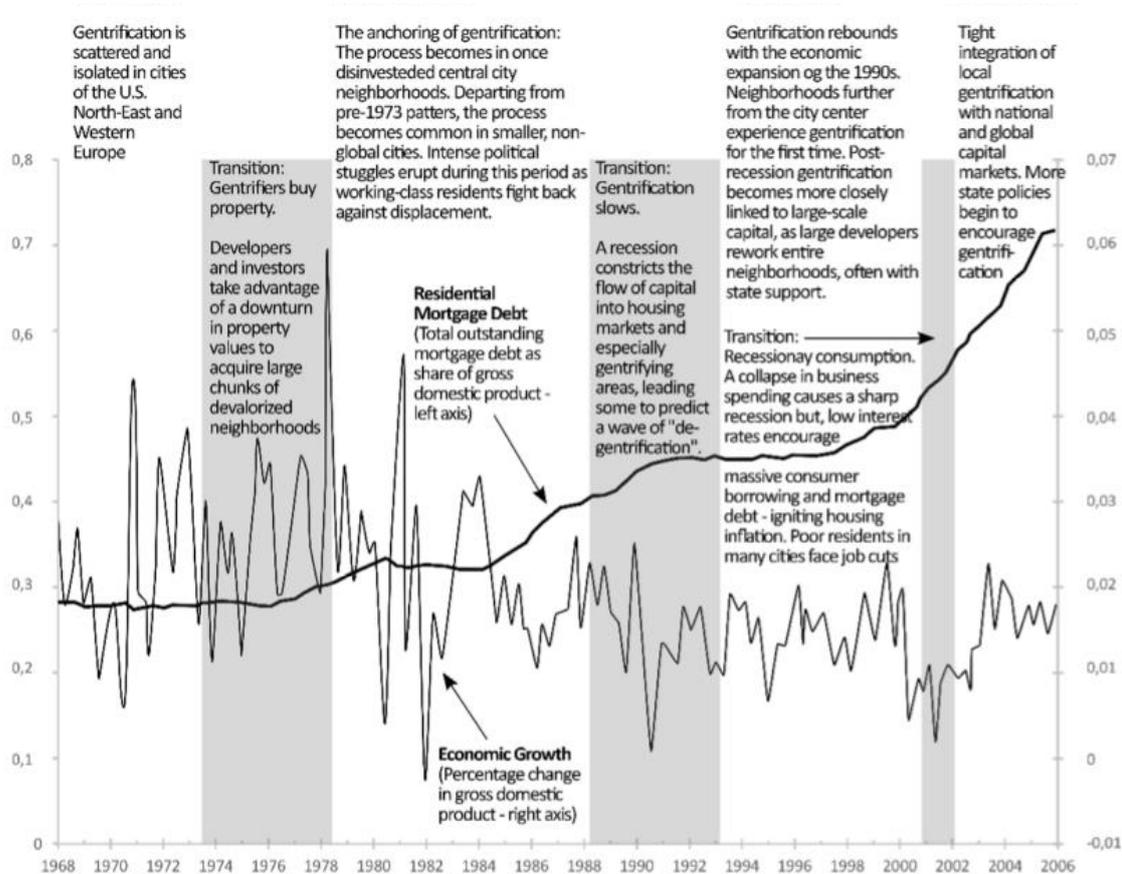
infraestruturas. Tal grupo de pessoas estão a moldar-se ao novo modo de vida urbano dito como alternativo, concebido já antes dos anos 1970 como a imagem e status da cidade contemporânea.

Diferente da primeira onda descrita, observa-se aqui a inversão de papéis, ou seja, o que na *gentrificação esporádica* tinha como protagonista a classe média, nesta segunda onda (*consolidação da gentrificação*) o mercado imobiliário passa a ser o agente gentrificador, onde junto de incentivos públicos e privados consegue alterar o traço do atual processo de gentrificação. Com isso, a estratégia do mercado imobiliário passa a ser de investimento numa área que ainda é considerada “virgem”, ou seja, possui preços baixos ao passo que não é visada por outros grupos. A ideia central é de moldar a área central da cidade para que num futuro a mesma possa sofrer uma valorização do terreno, e assim, vendê-los quando as condições do local fossem melhores a preços mais elevados.

Com o passar dos anos, a gentrificação passou de uma escala local para uma global, assumindo proporções para além dos limites geográficos das cidades, com um forte investimento de corporações internacionais e o seu público passando a ser o de jovens executivos de classe média. Para Hackworth e Smith (2001) esta terceira onda representou uma mudança significativa no estilo de vida urbano, uma vez que alterou o padrão dos serviços e dos comércios da região o que os tornou voltados para o turismo nacional e internacional, para além dos moradores. Verifica-se assim que os principais traços resultantes dessa terceira onda de gentrificação pode ser vista, na sua maioria, no lazer, consumo e emprego.

A parceria público-privada característica da segunda onda de gentrificação, mostra-se presente também nesta fase, contudo o Estado fez-se aqui mais presente quando observado as medidas por ele adotadas, sendo as principais a entrada do capital financeiro de empresas privadas para a realização de programas residenciais e forte contenção de movimentos sociais pelas forças policiais (Novaes, 2018).

Figura 6: Ondas de gentrificação



Fonte: Lees *et al.* (2008:180)

Após a análise da figura acima, nota-se que o conceito de gentrificação já não está na sua forma “pura” conforme descrito por Glass (1964), no qual este processo teria como ponto de partida para análise o resultado oriundo da demanda individual e pontual de uma classe emergente (verificado em algumas cidades norte-americanas e norte da Europa) para abranger de forma mais complexa as forças do capital, tanto nacional quanto internacional, somado a políticas públicas com forte incentivo a gentrificação. O resultado disto já pode ser visto em certas metrópoles, como o caso do Rio de Janeiro, onde este processo assume personalidade pejorativa e acarreta em novas disparidades econômicas.

Durante os anos 1980, estudos sobre gentrificação tornaram-se cada vez mais recorrentes e os autores começaram a ter percepções complementares ao conceito inicial proposto por Glass (1964). Dentre eles, destaca-se Martínez-Rigol com a preocupação de interligar as duas principais linhas de pensamentos (econômica e cultural) ao passo no qual um enfoque não negasse o outro e que tal interligação não existiria num primeiro momento, sendo necessária a sensibilidade do pesquisador em defini-lo (Martínez-Rigol, 2005: 111). Para o

autor, é necessário aprofundar a investigação empírica dos motivos que levam certos locais a despertar um interesse da classe com um poder aquisitivo alto onde outrora não existia esse desejo; identificando quais são as pessoas responsáveis para isso acontecer bem como as condições para geração de lucro e de que maneira este processo é conduzido.

Com o passar do tempo, ocorreu uma transformação das dinâmicas do mercado que sustentam os processos de gentrificação. Um grupo de autores sugeriu uma interpretação dos processos de gentrificação sob uma nova perspectiva, onde procuram compreender o fenômeno não somente baseado na primeira definição de gentrificação, mas entender este processo de forma mais abrangente, partindo do pressuposto de que os estudos realizados numa escala local – alguns em contexto bem particulares, como é o caso das favelas – necessitam ser interpretados e associados a dinâmicas urbanas numa escala global, pois assim terá uma melhor compreensão da complexidade dos processos e suas diversas consequências (Cusin, 2008: 169).

De forma geral, o debate sobre as definições teórico-conceituais conhecidas sobre este fenômeno leva por vezes a um questionamento se realmente podem ser enquadradas como gentrificação, dado que é comum vinculá-lo ao crescente avanço do neoliberalismo e, menosprezando por vezes as especificidades locais dos processos que, por sua vez, pode levar a uma distorção das análises que precisam ser feitas numa escala micro. Segundo Thomas Maloutas, uma possível generalização deste fenômeno pode levá-lo a uma “banalidade teórica”, ou seja, o autor questiona a profundidade de análises desenvolvidas em diferentes grupos de classes médias e altas uma vez que não estão necessariamente inseridos no contexto local (Maloutas, 2012: 41-42), conforme relata no trecho abaixo:

[...] associar diferentes processos de regeneração urbana por meio do espaço e do tempo à gentrification acaba por projetar a ideologia e a prática neoliberais – ainda que feito de uma maneira questionadora ou crítica – como um novo script sobre o passado para todo o mundo. Logo, quando encaixamos neste conceito contextos geográficos e históricos diferentes daquele no qual a gentrification fora originalmente concebida, é questionável se temos sucesso ao enriquecer seu conteúdo e ao ampliar nossa percepção sobre ele; é mais provável que projetemos nestas diferentes formas de regeneração urbana as características da conceituação dominante da gentrification. (tradução do autor).

Portanto, ao passo que é necessário que o pesquisador identifique e atribua características semelhantes entre contextos heterogêneos a fim de que possa compará-los numa mesma base, corre-se o risco de acarretar numa distorção do resultado final e, por conseguinte, ofuscar especificidades do local de estudo em prol do que já é previamente conhecido e estabelecido na literatura. É assim importante realçar o comprometimento para realização de uma análise orientada para o real diagnóstico do fenômeno ao invés de trabalhar em cima de

efeitos e consequências já pré conhecidas. De acordo com Bourdin (2008), o processo de gentrificação é um resultado de uma junção de comportamentos e escolhas individuais, ou seja, reforça a ideia proposta por Maloutas (2012) de que é necessário analisar os casos isolados de gentrificação bem como para os perfis de “gentrificadores”.

### 1.3.2. Tipos de Gentrificação

Estudos mais recentes mostram novas formas de problematização do conceito gentrificação por meio de estudos de casos e situações mais específicas, onde mesmo não evidenciando de forma total a primeira definição sobre este fenômeno, retratam situações as quais possuem características deste processo. Uma dessas novas formas de gentrificação foi apresentada no trabalho elaborado por Zukin (1995), com cidade de Nova Iorque como terreno de pesquisa e onde a autora procurou, a partir de noções de cultura como etnia, estética e ferramenta de marketing analisar os processos remodelação nos espaços urbanos e os possíveis conflitos em torno da sua revitalização.

Com isso, a primeira nova forma de compreensão do termo gentrificação é defini-la como sendo uma *gentrificação dos espaços públicos*, onde é possível verificar uma espécie de filtro social, na sua maioria protagonizado pelo Estado, ou seja, normalmente neste tipo de gentrificação verifica-se uma estreita relação entre os interesses públicos e privados, particularmente no tocante a valorização do entorno do local que “sofrerá” com esta ação, neste caso é possível analisar sob a ótica da teoria *rent gap* desenvolvida por Neil Smith ao passo no qual existe a possibilidade do Estado em acordo com o mercado imobiliária desvalorizar para depois valorizar certos locais, e com isso, criar um abismo entre o valor real e o valor potencial do local. Outra forma muito comum verificada como sendo um tipo deste fenômeno é a *gentrificação comercial* a qual consiste na mudança da oferta de serviços de acordo com os novos frequentadores do local, normalmente com um maior poder aquisitivo, ou seja, os comerciantes locais adaptam seus comércios visando atender este novo público (Van Criekingen e Fleury, 2006).

Pode-se ainda destacar outra forma deste fenômeno, bastante observado nas grandes metrópoles, denominada como *gentrificação turística* onde ocorre uma dinamização do turismo em certas partes da cidade com o objetivo de estimular projetos de reestruturação urbana (Gotham, 2005). Esta forma é facilmente verificada em cidades onde existe uma significativa disparidade social, como é o caso do Rio de Janeiro no Brasil, onde existe uma demanda por turismo nas favelas, o que por sua vez acaba proporcionando uma economia local.

Um ponto importante a ser destacado faz referência nas mudanças ocorridas no estabelecimentos comerciais localizados dentro das favelas do Rio de Janeiro da mesma maneira que existe uma especulação imobiliária, o que por sua vez aumenta o custo de vida dos atuais moradores, como na definição descrita por Glass (1964). Para além destas mudanças na organização do espaço nas favelas cariocas, foi observado que um dos eventos culturais oriundos das comunidades – o baile funk – está a incorporar outros ritmos para além do *funk*, como o samba, *soul music* e o *jazz*. É comum, portanto, que estes locais onde outrora não costumavam cobrar ingresso, atualmente praticam valores incompatíveis com a realidade dos moradores locais, privando-os muitas vezes de participar de tais eventos (Miranda e Fortunato, 2016).

Em certas cidades o fenómeno da gentrificação não se deu por completo, ou seja, o mesmo é um processo em andamento – principalmente nas favelas do Rio de Janeiro. Isto, deve-se em grande parte pelo histórico observado da cidade desde 2014 em relação a crise económica enfrentada somado a instabilidade políticas do Estado, o que por sua vez gera consequências diretas para as favelas, com reflexos observados na segurança pública, urbanização e diferentes formas de empreendedorismo. Além disto, existem algumas limitações para que tal seja observado uma gentrificação “completa” nas favelas pois – em sua maioria – possuem um território estigmatizado (violência e tráfico), localização em morros e, somado a isso, a relutância dos moradores locais no tocante a processos que possam vir a excluir ou segregar a favela do espaço urbano.

É nessa linha de pensamento que se destaca a ideia de *gentrificação periférica* de Novaes (2018) onde teria como característica principal os diferentes contrastes os quais pairam sobre os experimentos de urbanização neoliberal das favelas, e onde se presencia a formas diferentes de apoderamento de tais territórios, tanto pelo mercado imobiliário quanto pelas elites locais. Com isso, a autora salienta que tal definição ao passo que expõe a percepção de que as favelas são locais populares, já é possível verificar que em certas localidades deste território experienciam processos de elitização, o que por sua vez reproduz – ainda que numa escala menor – a configuração desigual e híbrida da maioria das cidades latino-americanas (Novaes, 2018: 51).

De forma geral, é comum direcionar a explicação deste conceito por meio de novas formas de gentrificação, contudo é preciso ter atenção para que os fatores tido como indissociáveis não sejam relativizados, ou seja, que perceba-se a existência de contextos diferentes, variados perfis de “gentrificadores” e uma complexidade advinda em suma da globalização.

### 1.3.3. Processos de Gentrificação

O que outrora concentrava-se em cidades europeias e com características clássicas conforme apresentadas por Ruth Glass em 1964, atualmente o fenômeno está presente na maioria das agendas de desenvolvimento urbano das cidades, impulsionado por exemplo pelo crescimento do turismo internacional, realização de grandes eventos, dentre outros. Mesmo com as características bem definidas, existem algumas diversidades referentes aos modos de gentrificações observados em cada localidade. Dessa forma, as especificidades observadas em cada cidade conduzem a um estudo próprio bem como uma adaptação do conceito de gentrificação.

Nos próximos três tópicos serão retratados diferentes processos de gentrificação observados em regiões distintas na Europa, América do Norte e por fim na América Latina, com o intuito de gerar informações relevantes para análise de um possível processo de gentrificação ocorrido na favela do Vidigal para além de prover discussão sobre os diferentes estilos adotados em cada cidade nos dias atuais.

#### 1.3.3.1. Gentrificação – Europa (Berlim)

Para além de Londres, a Europa observou o processo de gentrificação em Berlim (Lebreton; Mourel, 2008). Como capital atual da Alemanha, Berlim possui uma história recente marcada pela segregação espacial (oriental e ocidental) bem como divergência entre dois modelos econômicos e políticos, sendo eles o capitalismo e o socialismo. Contudo, um ponto em comum, tanto do lado ocidental quanto oriental pode ser observado centra-se na valorização das áreas periféricas da cidade em detrimento do centro.

A partir da queda do muro de Berlim em 1989 a cidade presenciou uma volta de indivíduos para o centro da cidade, muito dos quais eram artistas autônomos e empresários de ramos alternativos ligados a arte, e assim, remodelaram a cidade ao ponto de receber pessoas que não moravam e tampouco frequentavam estes locais. Esse movimento pode ser considerado como o primeiro processo de gentrificação vivido na cidade de Berlim (já unificada), fato esse que muito se aproxima do ocorrido em Londres entre 1960 e 1980. Ou seja, aqui os agentes gentrificadores são os próprios artistas e empresários alternativos os quais foram em busca de novos espaços, e não de capital. Após essa primeira onda de gentrificação ocorrida em Berlim, uma segunda onda ganha forma, onde o processo de gentrificação não tinha como diretriz principal a busca por novos locais, mas sim formas de obter capital. Segundo Lebreton e Mourel (2008), a cidade de Berlim não é classificada como uma cidade

global, diferentemente de Londres e ainda disputa a posição de cidade central da Alemanha ao lado de duas importantes metrópoles, Frankfurt e Dusseldorf.

Lebreton e Mourel (2008) destaca que é a partir desta dubiedade sobre a posição de Berlim na hierarquia urbana que atuou como motor para esta nova onda de gentrificação, uma vez na qual a cidade começou a receber uma classe de prestadores de serviços ligados a posições de controle do capital, ou seja, a partir desse movimento foi gerado um desenvolvimento de empresas e serviços alternativos voltados para uma clientela que não tinha muito poder económico em si, mas que aumentou a valorização de aspetos culturais e artísticos. Diante disso, foram feitas diversas revitalizações e regeneração urbana no entorno do centro da cidade, o que por sua vez recupera aspetos culturais e históricos junto de melhorias urbanas das regiões centrais, atendendo assim as novas formas de consumo oriundas do capitalismo vigente.

Com isso, neste “segundo” processo de gentrificação em Berlim é possível identificar tanto a teoria do *rent gap* proposta por Smith (1979) quando observado o facto de que quando o centro da cidade foi ocupado por artistas autônomos e empresários ligados a setores mais alternativos, este possui um valor de negociação abaixo do valor potencial. Como, por outro lado, destaca-se a importância da cultura e da escolha individual nesse processo de gentrificação, conforme descrito por Ley (1980).

### **1.3.3.2. Gentrificação – América do Norte (Nova Iorque)**

Em relação a América do Norte, os Estados Unidos da América, e mais precisamente a cidade de Nova Iorque, pode ser considerada como o berço da teoria do *rent gap* – desenvolvida por Neil Smith – pois foi a partir da cidade que Smith pôde compreender o processo de gentrificação

O processo de gentrificação em Nova Iorque é tão conhecido como o caso de Barcelona (Espanha). De acordo com Smith (2006) o processo deu-se em três principais ondas onde a primeira antecedeu a crise financeira e fiscal depois de 1973; a segunda compreende o intervalo de tempo entre os anos setenta e oitenta; a terceira e última pode ser verificada entre os anos de 1994 a 1996, onde foi acompanhada do renascimento económico da cidade (Smith, 2006)

No primeiro momento, a gentrificação pode ser considerada como parcial e isolada, ou seja, o processo em andamento assemelhava-se ao acontecido na cidade de Londres. Contudo, um processo que até então não era conhecido como gentrificação já estava a ocorrer nos anos cinquenta, quando já podia ser observado um aumento do número de habitantes, principalmente da classe média e média alta, no sul de Manhattan. Durante esse período alguns

bairros de Nova Iorque começaram a ser “gentrificados” – Soho, Upper, West Side, Booklyn – mas é somente nos anos sessenta que tal processo começa a ser estudado. Por um lado, o processo foi visto como um vetor para fazer uma renovação económica e cultural, por outro lado – moradores e locatários – tinham a conceção de que isto constituiria uma ameaça a qual mais adiante poderiam expulsá-los.

Numa segunda fase, compreendida entre os anos setenta até finais dos anos oitenta, a cidade de Nova Iorque presenciou o que Smith (1979) classificou como teoria do *rent gap*, pois para o autor este “valor diferencial” nos preços dos imóveis foi uma das principais causas da gentrificação, uma vez que sempre ocorreu uma mobilidade geográfica no tocante a investimento e desinvestimento em zonas específicas da cidade. Como resposta inicial a este processo, pequenos locatários viram-se na iminência e sem condições de continuar a pagar as rendas sobre seus imóveis sendo obrigados a venderem para agentes imobiliários.

Ainda nessa fase, verificou-se uma mudança nos agentes gentrificadores, pois agora o Estado fez-se presente com novos programas e financiamentos com o intuito de reabilitar as habitações na área central da cidade (Smith, 2006). Um bairro que pode exemplificar esta situação é o Soho, conforme descrito por Zukin (1982) o mesmo era composto por artistas os quais ocupavam antigos prédios industriais, e que a partir desse momento foram substituídos de forma gradual por imobiliárias com interesse na compra e revenda do imóvel. Esta segunda onda assumiu um formato mais sistemático, uma vez que era mais do que uma “anomalia local” como dito por Smith (2006), mas sim uma ampla reestruturação de diversos pontos da cidade.

Por fim, a cidade de Nova Iorque presenciou um novo processo de gentrificação, este contudo tinha aspetos geográficos diferentes, ou seja, estava a ocorrer em bairros mais afastados do centro da cidade, como no Brooklyn, Queens e Nova Jersey. A partir disso, Smith (2006) afirma que o fluxo desse processo ocorreu de “dentro para fora”, pois além de ter ocorrido melhorias nos edifícios e reformas dos apartamentos, a gentrificação impulsionou a abertura de novos restaurantes, opções de comércio, novas formas de consumir cultura, ou seja, abriu-se aqui uma ampla variedade de trabalho, lazer e vida no centro da cidade. Com isso, a gentrificação resultou num ambiente onde a classe média e classes altas podem aproveitar o mesmo espaço, ainda que de formas diferentes, dado que a gentrificação possa ter causado uma imagem meramente ilustrativa quando considerado a desigualdade em relação ao consumo.

### **1.3.3.3. Gentrificação – América Latina (Buenos Aires)**

Contrapondo a formação dos processos de gentrificação na Europa e na América do Norte – mais precisamente no caso de Nova Iorque – a propagação deste processo na América

Latina deu-se principalmente como um resultado de um novo regime de acumulação com início a partir do desmoronamento do modelo fordista (Betancur, 2014). Ao longo dos anos a América Latina – em termos económicos - era vista como sendo principalmente exportadora de matéria-prima a baixo custo para países desenvolvidos e importadora de produtos já finalizados, ou seja, exportava produtos com baixo valor agregado e por outro lado importava outros com maior valor agregado, deixando-a assim, numa posição desfavorável comercialmente.

A partir dessa lógica das trocas comerciais também ocorreu um aumento relativo a questões económicas e por conseguinte uma melhoria e modernização do setor produtivo. Contudo, como resultado deste progresso percebeu-se que as desigualdades sociais urbanas ficaram mais expostas, uma vez que a melhoria no padrão de vida e consumo foi presenciada por uma parcela pequena da população, sendo a maior parte desta ainda vivendo a margem da sociedade (Furtado, 1970). Com isso, é possível verificar que o processo de gentrificação na América Latina precisa ser compreendido à luz das mudanças ocorridas dentro do contexto social a qual está inserida.

A cidade de Buenos Aires (Argentina) pode ser utilizada como um bom exemplo de processo de gentrificação ocorrida na América Latina nos últimos anos. O desenho urbanístico da cidade difere de outras cidades próximas (por exemplo, Rio de Janeiro) colocando-a mais próxima das cidades europeias – com um crescimento rápido e intenso. Contudo, este desenvolvimento foi modificado a partir dos anos de 1990, onde estudiosos relatavam a influência do neoliberalismo e um aumento da desigualdade social na Argentina, o que estava a conduzir para um processo de gentrificação latino-americanizado da cidade de Buenos Aires (Janoshka; Sequera; Salinas, 2013).

Com o avanço de práticas neoliberais na cidade, alguns projetos foram postos em prática com o objetivo de redesenvolvimento a partir de uma reestruturação e revitalização do espaço urbano com forte apoio do Estado – semelhante com a segunda onda de gentrificação ocorrida na cidade de Nova Iorque - para que assim conseguisse atrair agentes imobiliários para áreas que outrora estavam desvalorizadas e degradadas. Uma das áreas que sofreram – de forma positiva – a gentrificação foi o bairro de Puerto Madero, onde atualmente é uma região com diversas opções de lazer e turismo, com bares, restaurantes e até um casino. Esse projeto foi desenvolvido numa parceria entre os governos federal e local - Corporación Puerto Madero, a qual ficou responsável pela área do porto, que até então estava sob os cuidados do governo federal. A ideia central deste projeto consistia em tornar uma área que era

desvalorizada e pouco atrativa num espaço com uso residencial, comercial e de serviços (Salina Arreortua, 2013).

Um fato a ser observado neste processo de gentrificação, ocorrido no bairro de Puerto Madero na cidade de Buenos Aires, centraliza-se em dois pontos principais, o primeiro em relação a possíveis consequências para os moradores locais em face a substituição destes por novos, contudo neste caso não ocorreu, uma vez que era uma área subutilizada sem presença de um número expressivo de moradores. Outro importante ponto está direcionado ao impacto da gentrificação para além do raio de Puerto Madero, sendo este verificado nos bairros de San Telmo (conhecido pela tradicional feira de San Telmo) e La Boca (estádio do Boca Juniors, “la Bombonera” como um dos principais pontos turísticos da cidade) os quais sofreram processos de redesevolvimento.

Os bairros – San Telmo e La Boca – mesmo com a saída de parte dos moradores antigos, uma parte destes continuou a residir nestes bairros e com isso é possível verificar que ocorreu uma “gentrificação periférica” (Novaes, 2018), uma vez que não conseguiu completar o processo de gentrificação, característica esta a qual é comum em cidades latino-americanas. Com isso, mesmo diante de um processo no qual visa a melhoria do espaço público, a degradação ainda está presente e como consequência os indivíduos com maior poder aquisitivos optam por buscar moradia em locais mais afastados e principalmente em condomínios fechados (Caldeira, 1997). Cabe ressaltar que ambos os bairros tiveram uma revitalização de seu património histórico e cultural o que por sua vez aumentou o número de turistas.

A partir disso, nota-se que existe uma aplicação prática da teoria do *rent gap* na cidade de Buenos Aires, no entanto de forma mais suave do que noutros casos acima descritos (Nova Iorque e Berlim). O processo ocorrido reflete uma característica comum a outros países da América Latina que tiveram gentrificação em suas cidades – “gentrificação periférica” – devido a dois fatores principais: movimentos de resistência por parte dos antigos moradores e baixo número de agentes gentrificadores nestes locais.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada na dissertação foi conduzida por uma estratégia de pesquisa mista, quantitativa e qualitativa, por meio de um estudo de caso e sustentada por uma triangulação entre análise documental (dados estatísticos), entrevistas semiestruturadas e observação participante (Bryman, 2012). Esta triangulação faz-se necessária para compreender os diferentes aspectos envolvidos na pesquisa e, assim, evitar um possível enviesamento dos resultados bem como contribuir para validação da pesquisa (Vergara, 2006).

Segundo Vergara (2007), existem vários tipos de pesquisa, com diferentes sistemáticas. No entanto, a autora propõe dois critérios básicos, sendo eles: quanto aos meios e quanto aos fins. Quanto aos fins, a pesquisa pode ser caracterizada como explicativa, uma vez que o trabalho tem a preocupação de observar fatores determinantes para a construção do cenário, onde terá como principal objetivo tornar ações estudadas – economia compartilhada e gentrificação – em dados de fácil compreensão, com vista a justificar uma possível relação com o caso estudado. No tocante aos meios, caracteriza-se como uma pesquisa de campo.

Para delimitar a amplitude da dissertação, realizou-se leituras exploratórias a fim de não sobrecarregar a escrita ao passo no qual sustentasse a escolha da problemática da pesquisa (Quivy e Campenhoudt, 1998: 51-52). Em relação a pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas – o que por sua vez confere, tanto para o entrevistador quanto para o entrevistado uma maior liberdade nas respostas – direcionadas para os moradores e pessoas que possuem alguma relação direta com a favela do Vidigal. Esta pesquisa envolveu a realização de observação participante por parte do pesquisador a qual será detalhada neste capítulo.

De acordo com Yin (2002) a realização do estudo de caso como método a ser utilizado como base para responder as hipóteses de uma pesquisa é visto como o mais adequado para uma investigação de um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto real, onde os limites entre este fenômeno e o contexto não são de fácil compreensão. Alguns aspectos foram levados em conta para a escolha, tais como a segurança no território de pesquisa, uma vez que nem todas as favelas cariocas estão pacificadas (presença da Unidade de Polícia Pacificadora), o acesso (mobilidade urbana) e a literatura existente sobre estudos realizados anteriormente. Dessa forma, após analisar as favelas localizadas na cidade do Rio de Janeiro, optou-se por analisar o processo de gentrificação e o impacto da economia compartilhada (Airbnb) na favela do Vidigal – localizada na zona sul da cidade

Dentro do estudo de caso utilizado para desenvolver o presente trabalho, realizou-se uma observação participante (Thiollent, 1985), ou seja, envolveu-se de forma ativa no dia a dia da comunidade estudada, e a partir desta técnica de pesquisa, pôde ser extraídos dados complementares para além das entrevistas realizadas. Por se tratar de uma abordagem mais antropológica, foi analisado o campo em si da pesquisa, desde hábitos e costumes dos moradores da comunidade em questão até mesmo os ruídos que envolvem o lugar, com o objetivo de descrever da forma mais fidedigna possível todos os acontecimentos.

Por fim, de forma a complementar as informações recolhidas no campo de pesquisa, utilizou-se os resultados extraídos da pesquisa feita por Nayana Corrêa Bonamichi (doutoranda em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo) na favela do Vidigal em 2018, e disponibilizada pela Associação dos Moradores do Vidigal durante entrevista realizada. Esta pesquisa deu-se a partir duma amostra de domicílios e estabelecimentos comerciais buscou compreender o impacto gerado a partir da realização dos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro, evidenciando-se assim, o perfil do comércio local bem como socioeconómico da comunidade em questão

## 2.1. COLETA DE DADOS

O método estudo de caso permite que exista uma coleta e análise de dados por meio de diferentes fontes, podendo ser entrevistas, publicações, ou até mesmo de banco de dados das empresas relacionadas (Yin, 2002). As diversas formas de obtenção de informação ajudam de forma significativa o desenvolvimento da atual pesquisa, uma vez que é feita uma triangulação entre diferentes pontos de vista (contradições ou confirmações), e, assim, gera uma visão mais ampla do assunto em questão (processo de gentrificação e economia compartilhada, em especial o Airbnb).

A técnica utilizada baseia-se em entrevista e roteiros semiestruturados (APÊNDICE I – ROTEIRO ENTREVISTA LITERATURA; APÊNDICE II – ROTEIRO ENTREVISTA HISTÓRIA VIDIGAL), com objetivo de servir como um guião nas entrevistas na mesma proporção que proporciona a liberdade, tanto para o autor quanto para o entrevistado, a abordagem de outros pontos não enumerados no guião. O presente estudo de caso contará com dois guiões para entrevistas, um com o viés mais direcionado a conhecer a história do Vidigal pelos próprios moradores com o objetivo de dar “voz”, e assim, coletar informações mais específicas as quais não foram encontradas na literatura pesquisada. Já o outro roteiro, terá

como finalidade realizar a verificação das hipóteses criadas a partir das teorias sobre o processo de gentrificação e economia compartilhada.

Em relação a observação participante, foi alinhado que o pesquisador iria contribuir ativamente dentro da comunidade, para que não só buscasse as informações pretendidas para a pesquisa como também, em troca, pudesse ajudar a comunidade através duma transferência de conhecimentos para projetos sociais no Vidigal, mais precisamente na parte financeira da incubadora chamada Favela Inc. Este trabalho foi iniciado no mês de setembro de 2019 e com término no final de janeiro de 2020, com periodicidade semanal. A partir desse envolvimento com a comunidade, tornou-se a relação com os moradores mais próximas bem como desenvolveram-se laços de confiança e acolhimento de ambas as partes, conferindo-lhe ao pesquisador aceder a informações privilegiada por meio de entrevistas com atores-chave dentro da comunidade.

Foram realizadas ao todo 6 (seis) entrevistas, onde a primeira foi no dia 10 de outubro de 2019 e a última no dia 11 de janeiro de 2020 com duração variadas, onde os entrevistados com base no roteiro de perguntas voltadas para a literatura estudada duraram em média quarenta e cinco minutos, e por outro lado quando as perguntas era mais voltadas para saber a história do Vidigal, foram cerca de vinte e cinco minutos. Ambos os grupos de entrevistados responderam, de acordo com Yin (2002), a uma entrevista focal, dado que as questões já estavam semiestruturadas e foram respondidas de forma espontânea. Todas as entrevistas foram feitas de forma presencial no Vidigal e gravadas com autorização dos entrevistados para realizar a sua transcrição e análise.

A primeira entrevista realizada assumiu um caráter de “entrevista piloto”, onde segundo Yin (*Idem*) permite ao pesquisador aperfeiçoar sua estratégia de recolhimento dos dados, ao nível dos conteúdos a explorar e dos procedimentos para a sua exploração). Para esta entrevista foi escolhido o empreendedor social americano e CEO da incubadora Favela Inc., tendo sido realizada no dia 10 de outubro de 2019 – na sua sede, no Vidigal – com duração de 91 minutos. Depois da sua realização, tornou-se possível modelar de forma mais clara e objetiva as perguntas do roteiro, o que evitou perguntas muito abertas e as ordenou de forma cronológica de acordo com a literatura, onde seguiu-se em quatro etapas, sendo elas: apresentação pessoal do autor; explicação do projeto de pesquisa; permissão para realizar gravação (feita com o celular pessoal do pesquisador); e por fim iniciava com as perguntas do roteiro.

Em relação ao perfil dos entrevistados o autor buscou realizar uma diversificação, ou seja, foram entrevistados indivíduos os quais só possuíam uma característica em comum – moradores da favela do Vidigal, conforme detalhado no quadro abaixo.

Quadro 3: Dados dos entrevistados e entrevistas

<b>Entrevistado</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Faixa Etária (anos)</b>	<b>Profissão</b>	<b>Data da Entrevista</b>	<b>Local</b>	<b>Duração</b>
A.	EUA	Masculino	18 a 29	Empreendedor Social	10.10.19	Incubadora Favela Inc.	85 min
D	Brasil	Masculino	30 a 59	Diretor Social AMV	11.01.20	Associação dos Moradores	90 min
N.	Brasil	Masculino	80 ou mais	Comerciante	04.01.20	Comércio do entrevistado	15 min
R.	Uruguai	Masculino	18 a 29	Empreendedor Social	18.01.20	Incubadora Favela Inc.	40 min
R.	Brasil	Masculino	30 a 59	Guia de turismo	04.01.20	Incubadora Favela Inc.	20 min
M.	Brasil	Feminino	80 ou mais	Reformada	18.01.20	Casa do entrevistado	35 min

Fonte: Elaborado pelo autor

## 2.2. ANÁLISE DE DADOS

A partir das entrevistas foi possível realizar uma análise qualitativa sobre os dados extraídos de acordo com a técnica da análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2011) a análise de conteúdo é formada por um sistema de técnicas de interpretações sobre as comunicações, utilizando-se de métodos sistemáticos para a descrição do conteúdo das mensagens, e assim inferir na obtenção de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção, uma vez que podem ser utilizados indicadores quantitativos. Segundo a autora, esta análise ao passo que permite uma organização do conteúdo mais objetiva, organiza também de forma sistemática, uma vez que a estratégia de interpretação dos dados consiste em selecionar os principais trechos transcritos das entrevistas para que então possam ser analisados à luz do objetivo da pesquisa.

Existem três etapas organizadas cronologicamente (Bardin, 2011: 125) as quais foram seguidas para melhor entendimento dos dados, sendo elas: pré-análise (recorte dos principais trechos das entrevistas); exploração do material (escolha dos elementos de acordo com procedimentos de codificação); e, por fim, o tratamento dos resultados por meio da interpretação e inferência dos dados recolhidos, onde a primeira diz respeito a compreensão do pesquisador para com as entrevistas realizadas, e a segunda remete a conclusões derivadas da observação para além das entrevistas.

Conforme descrito por Bardin (*Idem*), a primeira fase comporta-se num formato organizacional, ou seja, é por meio dela que estabelece um esquema de trabalho a ser seguido, ou seja, quais os documentos serão analisados. Na presente pesquisa, para além da pesquisa bibliográfica realizada, foram feitas transcrições das entrevistas com o objetivo de uma melhor análise, e assim, constituir o corpus do estudo.

Ainda na primeira etapa do processo da análise de conteúdo, Bardin (*Ibidem*: 149-150) destaca que é de suma importância ter atenção a seis pontos, sendo eles: exclusividade (buscar a absorção total das informações); representatividade (a amostra precisa simbolizar o universo analisado); homogeneidade (dados recolhidos devem ser feitos pelo mesmo indivíduos e referir-se ao mesmo tema); pertinência (documentos recolhidos necessitam estar em congruência com o objetivo da pesquisa); regra da exclusividade (uma informação não deve ser julgada em mais de uma categoria); e por fim, produtividade (fornecer uma análise fértil e aberta a novas hipóteses alinhada e coerente com os dados coletados no campo).

Após esta primeira etapa, inicia-se a fase de exploração do material, ou seja, da escolha das categorias bem como a organização destes em temas, a partir das transcrições feitas. Bardin, argumenta que para a escolha dos temas seguem-se o parâmetro no qual é verificada a existência de palavras ou expressões as quais se repetem com certa frequência nos trechos das transcrições e transformados em unidades comparáveis de categorização (2011: 131). Contudo, para o presente trabalho foram realizadas adaptações no tocante a categorização, uma vez que foram utilizadas de forma mais específicas, ou seja, cada categoria corresponde a um tipo de idealização o sobre o termo gentrificação.

Desse modo, foram utilizadas como categorias para análise dos dados as definições propostas pelos seguintes autores: Glass (1964); Smith (1979); Ley (1980); (Martínez-Rigol, 2005) – estas quatro primeiras como dimensões (mais amplas); Zukin (1995); (Van Criekingen e Fleury, 2006); Gotham (2005); e Novaes (2018) – estas de carácter mais específicos; e a definição de economia compartilhada proposta por Botsman e Rogers (2011). Os trechos escolhidos a partir das transcrições das entrevistas foram julgados à luz destas categorias, ou seja, para cada entrevista foram analisados pontos de interligações com cada linha de pensamento.

De acordo com a literatura exposta na pesquisa, destacam-se três principais linhas de pensamento, sendo elas classificadas pelo seu aspeto económico, cultural e uma interligação entre economia e cultura. Com base nestas dimensões, foram descritas as diferentes características/tipos assumidos pelo fenómeno estudado (gentrificação). Sendo assim, este

trabalho correlacionou o agente gentrificador (Airbnb) com as suas possíveis consequências (sendo estas benéficas ou malélicas) na favela do Vidigal, sendo elas: gentrificação dos espaços públicos (Zukin, 2005); gentrificação comercial (Van Criekingen e Fleury, 2006); gentrificação turística (Gotham, 2005); e por fim, a gentrificação periférica (Novaes, 2018).

Ainda nesta segunda etapa da análise, realizou-se uma decomposição dos componentes (características) de cada teoria, ou seja, foram enumerados traços comuns a cada tipo de gentrificação, bem como sua descrição. A par disto, foram elaborados quadros específicos para cada categoria (tipo de gentrificação), onde tais quadros contêm os componentes mencionados na etapa anterior. Nesta parte foram adicionados verbalizações das entrevistas feitas a confirmar a autenticidade de tal componente, processo este o qual foi repetido para cada categoria. O quadro abaixo apresenta um resumo da forma na qual foi conduzido o estudo, sendo descritas os tipos de gentrificação utilizadas como parâmetro bem como seus componentes, seguidos de uma breve descrição.

Quadro 4: Síntese da análise de conteúdo

<b>Dimensões</b>	<b>Tipos de Gentrificação</b>	<b>Componentes</b>	<b>Descrição</b>
Económica	Comercial	Serviços e Comércio Frequentadores	Mudança da oferta de serviços de acordo com os novos frequentadores do local, normalmente com um maior poder aquisitivo, ou seja, os comerciantes locais adaptam seus comércios visando atender este novo público (Van Criekingen; Fleury, 2006).
Cultural	Espaços Públicos	Melhorias e Infraestrutura Segurança Pública	Espécie de filtro social, na sua maioria protagonizado pelo Estado, ou seja, normalmente neste tipo de gentrificação verifica-se uma estreita relação entre os interesses públicos e privados, particularmente no tocante a valorização do entorno do local que “sofrerá” com esta ação (Zukin, 1995).
Económica - Cultural	Turística	Turismo na favela Grandes Eventos	Dinamização do turismo em certas partes da cidade com o objetivo de estimular projetos de reestruturação urbana (Gotham, 2005).
	Periférica	Especulação Imobiliária Elitização	Contradições que ameaçam os experimentos de urbanização neoliberal das favelas, ou seja, as tentativas de apropriação desses territórios pelo mercado imobiliário e pelas elites (Novaes, 2018).

Fonte: Elaborado pelo autor

Após feita a segunda etapa do processo descrito por Bardin (2011: 133-144), realizou-se a terceira e última, a qual consistiu no tratamento dos resultados – coletados a partir dos trechos das entrevistas realizadas – e com isso foram realizadas interpretações e inferências, onde por vezes foi possível definir a ocorrência de um ou mais estilos de gentrificação na favela do Vidigal.

### 3. DESCRIÇÃO DO CASO

Neste capítulo, será apresentada a história dos dois principais assuntos discutidos no trabalho. Começará com a apresentação da origem da favela do Vidigal, a sua história, acontecimentos importantes complementados com dados socioeconômicos. Será depois apresentada a história da empresa *Airbnb* (economia compartilhada), bem como seu funcionamento.

#### 3.1. FAVELA DO VIDIGAL

Localizada numa das zonas mais nobres da cidade do Rio de Janeiro, a favela do Vidigal encontra-se entre os bairros do Leblon e São Conrado, vizinho ao Morro Dois Irmãos. Além de sua localização privilegiada, os moradores dessa comunidade têm uma das vistas mais bonitas da cidade, onde pode ser observada toda a orla da zona sul da cidade. Contudo, sua história é caracterizada por diversas tentativas de remoção e resistência.

Segundo Tepedino (2007) a chegada dos moradores e a construção efetiva das casas deu-se em 1941. Os primeiros barracos foram construídos abaixo da Avenida Niemeyer até a praia do Vidigal, onde atualmente está localizado o Hotel Sheraton, um dos hotéis cinco estrelas da cidade do Rio de Janeiro. No ano seguinte, a Avenida Niemeyer foi aumentada e, assim, iniciaram-se as ocupações na parte superior da via, no início da antiga Estrada do Tambá e atual Avenida João Goulart, a qual passa por todo o Vidigal. Anos depois, no início da década de 1950, aqueles moradores os quais instalaram-se na parte baixa da Avenida Niemeyer foram deslocados para a parte superior da mesma, ou seja, verificava-se ali um aumento dos barracos em direção vertical, ou seja, acompanhando a encosta do morro (como na maioria das favelas cariocas). Contudo, no ano de 1958, a comunidade foi avisada sobre uma possível remoção de algumas casas pela primeira vez, por parte da Empresa Melhoramentos do Brasil.

A organização por partes dos moradores foi primordial para que tal facto fosse evitado, ou seja, a partir dessa ação, os moradores conseguiram impedir o despejo. Dava-se início ali a história de resistência do Vidigal no tocante as futuras tentativas de remoção, juntamente com a manutenção de uma das zonas mais valorizadas do Rio de Janeiro (Lacerda, 2016). No início de 1967, ocorreu mais uma tentativa de remoção dos moradores, neste caso liderada por um proprietário de um dos terrenos localizado no interior da favela, o qual entrou na justiça com uma ação de reintegração de posse. Como resultado deste acontecimento, os moradores ficaram proibidos de realizar melhorias nas suas moradias, somado ao facto da proibição da construção de outras novas (Tepedino, *Idem*).

Nesse mesmo ano (1967), foi criada a Associação de Moradores do Vidigal e também a CODESCO<sup>7</sup>. Em relação a Associação, sua primeira conquista foi a permissão da Região Administrativa para consertar os barracos. Contudo, foi acordado que a mesma deveria ficar responsável acompanhar ao passo que fosse feito um monitoramento com o objetivo de não construção de novos barracos na comunidade. Por essa razão e também pelo pouco apoio da comunidade, a associação tinha pouca representatividade.

No ano seguinte, em 1968 iniciou-se a construção do Hotel Sheraton. Um ponto importante a ser destacado é que a mesma companhia que administrava o hotel tentou privatizar a praia - localizada em baixo do mesmo, hoje conhecida como a praia do Vidigal - para seus futuros hóspedes. Contudo os moradores ganharam na justiça o direito de frequentá-la, uma vez que a mesma é pública. Depois de algum tempo sem maiores incidentes na favela, ao final dos anos 1970, o risco relativo a remoção voltou a rondar a comunidade e os moradores foram assim surpreendidos por agentes da prefeitura enviadas para o Vidigal com o objetivo claro e específico de derrubar os primeiros barracos e com isso levar essas famílias para Antares, um dos conjuntos habitacionais financiado pelo BNH durante o período da ditadura militar no Brasil (localizado a trinta quilômetros da favela do Vidigal).

Segundo Gonçalves (2013), as sucessivas tentativas de remoção dos moradores (em específico, os do Vidigal) no ano de 1977 tornou-se o marco do fim da remoção das favelas de forma geral como pauta principal no tocante a política pública no Rio de Janeiro. Destaca-se aqui um ponto significativo na representatividade da favela do Vidigal, a qual passava a ser reconhecida na esfera pública como uma conformação socio espacial da cidade carioca. O fracasso dessa tentativa de remoção marcou a transição na ênfase das políticas em favelas, da remoção às políticas de urbanização (Lacerda, 2016).

Em 1980, o Papa João Paulo II realizou uma histórica visita ao Vidigal, onde faz um sermão enfatizando o compromisso da igreja com os pobres e chamando atenção dos ricos para as desigualdades sociais (Cavalcanti, 2003), as quais são bastante visíveis na cidade do Rio de Janeiro, onde pessoas com alto poder aquisitivo dividem o mesmo espaço geográfico com pessoas que ganham apenas um salário mínimo. A partir deste episódio, a favela do Vidigal recebeu algumas obras de melhorias. Ainda na década de 1980 as favelas da cidade do Rio de Janeiro apresentam um outro ator social significativo no quadro social e na dinâmica da construção territorial da favela: a invasão do tráfico de drogas. No Vidigal não foi diferente. A facção criminosa Comando Vermelho se instalou na favela, impondo sua ordem. Os moradores

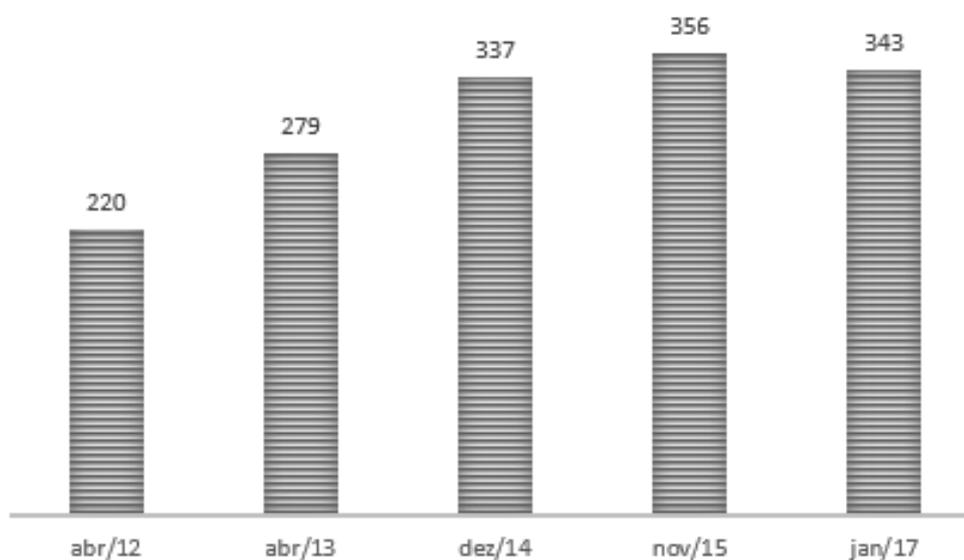
---

<sup>7</sup> A CODESCO (Companhia de Desenvolvimento das Comunidades) fornecia suporte técnico a moradores e empréstimos de longo prazo com juros baixos para a compra de materiais de construção por moradores.

passaram a viver um período conturbado, sendo este amenizado depois da entrada da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em 2012.

A partir de dados socioeconômicos de alguns moradores da favela do Vidigal coletados por Bonamichi (2019) torna-se possível fazer uma descrição de tais perfis bem como o impacto das dinâmicas ocorridas no período entre 2012 a 2017 – Copa do Mundo, instalação da UPP e Olimpíadas – causaram no Vidigal. O primeiro dado reflete o número de estabelecimentos comerciais e de serviços em funcionamento no Vidigal, onde nota-se um aumento significativo ao longo dos anos, sendo o pico em novembro de 2015, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 1: Número de estabelecimentos comerciais e de serviço no Vidigal entre 2012 e 2017



Fonte: Adaptado de Bonamichi (2019)

Outro ponto importante mencionado no relatório feito por Bonamichi (*Idem*) apresenta o número de hostels que estavam a funcionar no período entre 2012 a 2018. Este dado possui significativa relevância para o trabalho atual, uma vez que a definição de *hostels* engloba todos os estabelecimentos com leitos localizados em quartos privados ou coletivos (*Ibidem*: 22).

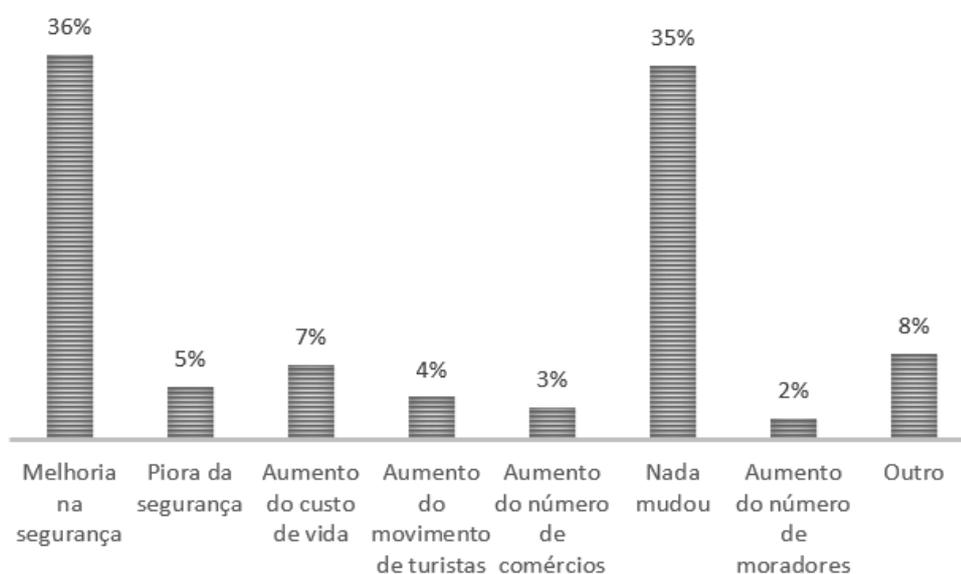
Gráfico 2: Hostels em funcionamento no Vidigal entre 2012 e 2018



Fonte: Adaptado de Bonamichi (2019)

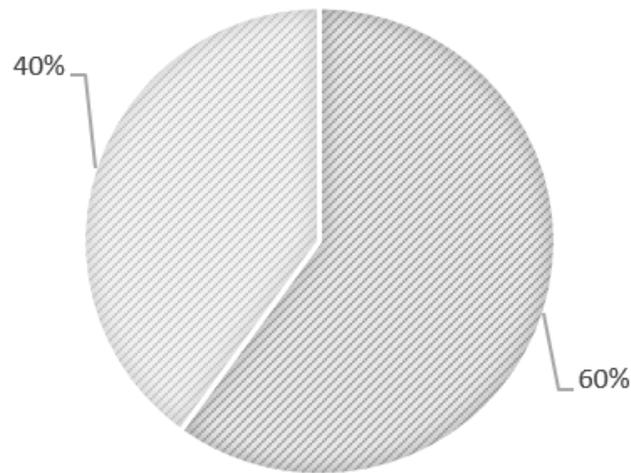
Bonamichi (2019: 42) apresenta duas perguntas relativas ao impacto da instalação da UPP Vidigal – Chácara do Céu, sendo i) *o que mais mudou no vidigal após a instalação da UPP local?*; e ii) *houve um aumento no valor do aluguel pago pelo(a) entrevistado(a) com a implementação da UPP local?*. A partir desses dados expostos nos gráficos abaixo, o autor consegue observar a presença da UPP como possível agente gentrificador, de acordo com a teoria do *rent gap*.

Gráfico 3: Mudanças percebidas no Vidigal após instalação da UPP



Fonte: Adaptado de Bonamichi (2019)

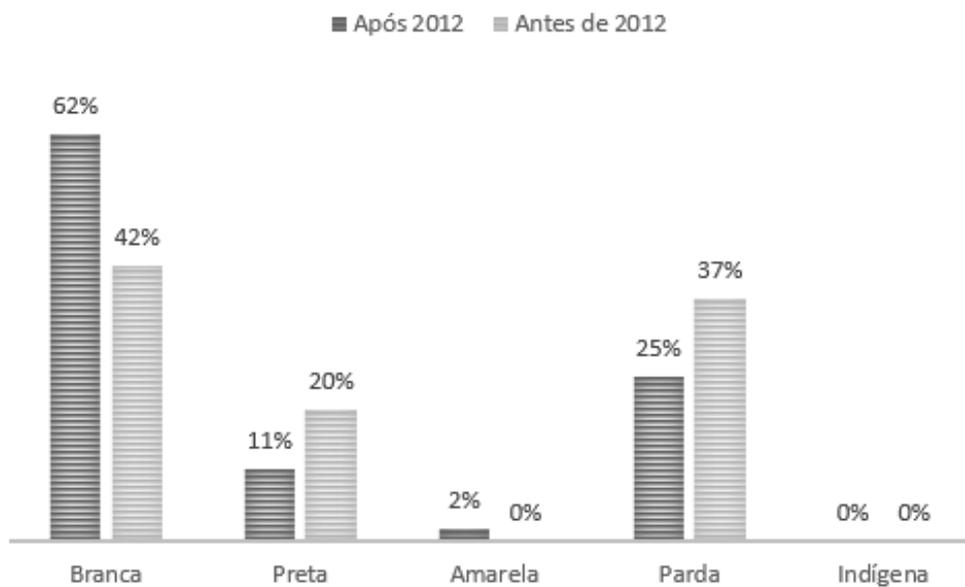
Gráfico 4: Aumento no valor do aluguel pago após a instalação da UPP



Fonte: Adaptado de Bonamichi (2019)

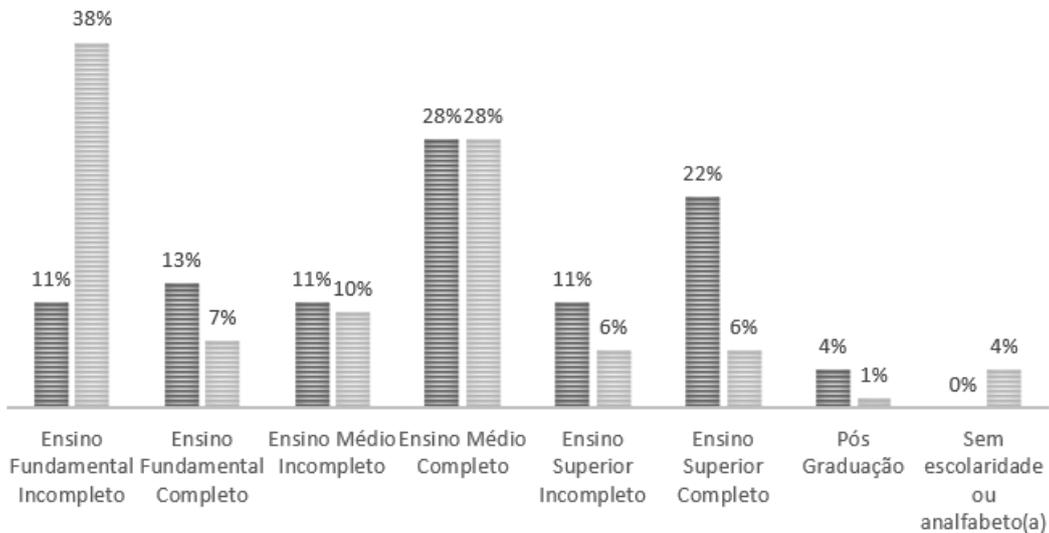
Em complemento aos dados apresentados, os dois gráficos abaixo evidenciam duas características principais referente a cor ou raça dos entrevistados bem como o nível de escolaridade. Nota-se que após a instalação da UPP ocorreu uma substituição do perfil dos moradores, onde agora estes são “brancos” e possuem um maior nível de escolaridade.

Gráfico 5: Cor ou Raça do entrevistado(a) de acordo com o tempo de moradia no Vidigal



Fonte: Adaptado de Bonamichi (2019)

Gráfico 6: Escolaridade do entrevistado(a) de acordo com o tempo de moradia no Vidigal



Fonte: Adaptado de Bonamichi (2019)

### 3.2. PLATAFORMA AIRBNB

Como a maioria das startups, o surgimento do *Airbnb* teve origem num problema/dilema que os seus fundadores estavam a passar. O fato que desencadeou tal situação foi o aumento do aluguer do apartamento no qual dois de seus fundadores moravam, e somados a isso, ambos eram estudantes de design recém-formados e desempregados. Ou seja, precisavam arrumar alguma forma de conseguir dinheiro. Durante esse período, iria acontecer uma renomada conferência de design na cidade de São Francisco (onde os fundadores moravam) e todos os hotéis da região estavam sem quartos disponíveis, e a solução que os jovens encontraram foi separar uns colchões infláveis, colocá-los na sala e assim alugar para quem estivesse vindo assistir a conferência na cidade.

Contudo, para chegar no modelo de negócios que a empresa atua hoje algumas “tentativas e erros” foram feitas, pois no começo tinham a ideia de conectar pessoas que estariam na cidade para alguma conferência e queria pagar mais barato num quarto com pessoas que estivessem dispostas a alugá-los, mas esta ideia não deu certo. Com isso, os jovens estavam totalmente sem dinheiro e precisavam de algo para continuar com seu plano de negócios, e foi então que fizeram algumas caixas de cereais com fotos e dizeres de cada candidato a presidência dos EUA – época de campanhas eleitorais – e então conseguiram juntar fundos para continuar seu projeto.

Seus fundadores Brian Chesky, Joe Gebbia e Nathan Blecharczyk gerenciam uma plataforma online de serviços de hospitalidade onde existe a possibilidade de ganho tanto para a empresa em si quanto para quem anuncia seus espaços, desde um quarto ou até mesmo o espaço inteiro, onde o morador tem a possibilidade de estar ou não dentro do imóvel durante o período de locação (Rifkin, 2016). Em suma, o Airbnb se autoqualifica como uma empresa facilitadora no tocante a conectar pessoas dispostas a alugar e outras as quais estejam a procura de um espaço para ficar. Os anfitriões – como são denominados as pessoas que estão a alugar – cadastram o espaço que querem alugar, definem o preço cobrado por noite, semana ou meses, e em seguida disponibilizam a oferta desse espaço para os hóspedes (Guttentag, 2015).

Para compreender o funcionamento de plataforma da empresa, Gallager (2018) faz uso de uma situação hipotética para melhor ilustrar a dinâmica, conforme passagem retirada do seu livro “A história da *Airbnb*: como três rapazes comuns agitaram uma indústria, ganharam bilhões ... e criaram muita controvérsia”:

[...], se um viajante reserva uma acomodação por U\$100 a noite e a taxa é de 12%, a Airbnb acrescenta U\$12 sobre isso, o viajante paga U\$112 (além de qualquer outra taxa, incluindo de limpeza, de acordo com o anfitrião), e a Airbnb fica com os U\$12 assim como com os outros 3% de taxa dos U\$100 do anfitrião (então o anfitrião fica com U\$97). A Airbnb cobra de viajantes na hora que a reserva é feita, mas fica com o pagamento até 24 horas depois do check-in, antes de liberar para os anfitriões para se certificar de que tudo correu como o viajante esperava. Os anfitriões podem pegar o dinheiro através de depósito direto, PayPal ou cartão de débito pré-pago (Gallager, 2018: 62).

Num estudo realizado por Hellwig, Morhart e Belk (2015) onde tinha como questão central a análise dos momentos de interações sociais entre os hóspedes e anfitriões e concluiu-se que em hotéis ou alojamentos, o ponto focal está na matéria propriamente dita, ou seja, as pessoas envolvidas nessa troca comercial estão a buscar simplesmente uma troca de “favores” onde o anfitrião disponibiliza o espaço em troca de dinheiro, ao passo no qual no Airbnb – por estar inserida num sistema de consumo colaborativo – tais trocas comerciais são vistas como uma experiência com valor agregado o que destaca-o como diferencial quando comparado com grande redes de hotéis.

Ao comparar este fator – experiência – é possível verificar que o mesmo não afeta apenas a rede local de alojamento nas cidades, como também altera os comportamentos dos viajantes, dado que os apelos sociais e económicos da acomodação entre colegas alteram de forma significativa o aumento na seleção de possíveis destinos, a alta na frequência de viagens, o tempo de permanência e o possível conjunto de atividades nos destinos turísticos. Os desejos dos viajantes por interações sociais mais significativas com os locais e experiências únicas em ambientes autênticos os levam a viajar com mais frequência, a ficar mais tempo e a participar

de mais atividades. Além disso, a redução no custo da acomodação permite que os viajantes considerem e selecionem destinos, viagens e atividades turísticas que, de outra forma, são proibitivas em termos de custos (Tussyadiah e Pesonen, 2015).

A par disso, por meio da plataforma do *Airbnb* os usuários podem, para além de aluguer de quartos ou espaços inteiros, compartilhar experiências e mais recentemente (devido a pandemia do COVID 19) a empresa acrescentou um serviço adaptado onde é possível realizar tais experiências *online*.

Segundo dados divulgados pela empresa referente ao ano de 2018 e apresentados por Riveira (2019) na revista brasileira Exame, nota-se um aumento do número de espaços listados localizados fora do padrão dos grandes centros turísticos como Nova Iorque, Paris ou Londres, ou seja, os viajantes não estão em busca de somente um quarto para passar algumas noites, mas sim um espaço onde possam estar mais conectados com a cultura local e por consequência – mesmo que indiretamente – obter um maior valor agregado desta experiência.

Quando observado a proporção do número de cidades para com o número de listagens em cada uma delas, a plataforma disponibiliza mais de mil cidades com pelo menos mil anúncios em cada uma delas. Em 2012, apenas doze cidades tinham tais números. Como complemento a tal, há oito anos somente em vinte cidades era possível observar que os anfitriões estavam a ganhar mais de um milhão de dólares (período de doze meses), fato este que teve um aumento considerável e até o momento da divulgação destes resultados (agosto de 2019) mais de três mil cidades, ao redor do mundo, tiveram anfitriões atingindo este patamar financeiro.

Segundo Riveira (2019), relativamente ao Brasil, o *Airbnb* não divulgou números específicos mas afirma que a partir do uso da sua plataforma foram gerados aproximadamente 7,7 bilhões de reais em impacto econômico no país no ano passado, incluindo refeições, gastos que os turistas têm além de hospedagens, fato este que pode ser explicado pelo aumento da exposição do país no exterior, principalmente a cidade do Rio de Janeiro com a realização de grandes eventos entre os anos de 2014 a 2016. De acordo com o ranking divulgado em julho de 2019 pela empresa – onde mede o impacto econômico - o Brasil aparece na décima terceira posição No ano de 2018, o país recebeu cerca de 3,7 milhões de hóspedes, o que comparado com o ano de 2016 (realização das Olimpíadas na cidade do Rio de Janeiro) verificou-se um aumento de 600%.

#### 4. ANÁLISE E DEBATE DO CASO

A análise exposta nesse capítulo é oriunda da literatura exposta ao longo do trabalho e complementada com as entrevistas realizadas na favela do Vidigal. Para tal, a análise será realizada em dois momentos, onde o primeiro será composto por uma análise do conteúdo das entrevistas de acordo com o método proposto por Bardin (2011) acerca de cada tipo de gentrificação bem como o conceito de economia compartilhada (Botsman e Rogers, 2011), e a segunda etapa constituída por uma análise comparativa entre as literaturas analisadas.

A primeira parte da análise será composta por três momentos, de acordo com Bardin (2011: 123-131): i) *pré – análise das entrevistas realizadas*; ii) *exploração do material e tratamento dos resultados*; e iii) *inferência e interpretação*. A partir desta divisão, segmentou-se a análise para cada variável estudada, ou seja, realizou-se os três momentos propostos pela autora em cada tipo de gentrificação bem como para o tipo de economia compartilhada.

A partir disso, foram elaborados “quadros” com o intuito de condensar o material a ser interpretado, uma vez que na sua composição tem informações importantes, tais como a definição teórica, características derivadas da categoria analisada e, por fim, exemplos de verbalizações extraídas por meio das entrevistas. Com estas informações recolhidas, será possível não só verificar a influência da economia compartilhada – em especial, o *Airbnb* – mas também descrever se a favela do Vidigal sofreu algum tipo de gentrificação e qual.

##### 4.1. GENTRIFICAÇÃO COMERCIAL

Na primeira etapa desta análise evidenciou-se trechos retirados das entrevistas realizadas, onde todos os três entrevistados era do sexo masculino, moradores da favela do Vidigal e de diferentes nacionalidades – americana, brasileira e uruguaia, respectivamente. A pergunta norteadora para tal foi: *o que significou a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas no Rio de Janeiro, em 2014 e 2016, respectivamente? Foi positivo ou negativo os seus resultados no tocante a melhorias na cidade?*.

**Entrevista 1:** *O boom aqui era mais por causa dos grandes eventos e muito dessas grandes plataformas vieram para cá devido a isso. Foi uma época onde todo mundo estava pensando “o Brasil é o lugar para aproveitar, e o Rio de Janeiro era a concentração de tudo isso”, era muita demanda e muita gente de fora vindo para cá para ganhar com isso também. Então as próprias pessoas locais tiveram que adaptar para poder crescer e evoluir muito rápido para poder competir com tudo isso que estava acontecendo. Eu não sei se no final da conta, se foi mais vantajoso ou não... mas eu acredito que sim, que acelerou a evolução da economia, os estrangeiros entrando na comunidade fez com que as pessoas criassem outros negócios de gastronomia. Esses negócios periféricos que foram criados se proliferaram nesse período entre Copa do Mundo e Olimpíadas, mas hoje em dia já não existem mais. Muita coisa foi criado e muita coisa “morreu”.*

**Entrevista 2:** *O Vidigal mudou, as pessoas sobem e descem como turismo... só para você ter noção quando teve essa mudança, nos tínhamos um quiosque lá em cima, e quando nos retomamos esse quiosque eu fiquei lá, eu vi mudança, eu vi gente que mora na Garcia D'Avila (na beira da praia) ir tomar caipirinha comigo lá em cima e ficar lá em cima, andar pelo meio das vielas. Ela teve uma expectativa muito alta, que gerou renda momentânea, mas ela não deu continuidade, então ficou batendo na mesma tecla, não teve mudança significativa. Depois das olimpíadas teve essa questão da lava-jato e teve esse problema econômico no país e no Rio de Janeiro, principalmente, e aí as coisas voltaram como antes, voltaram mais ou menos. depois que teve essa mudança no Rio de Janeiro com essa mudança econômica no país as coisas caíram profundamente, as coisas pararam, a violência voltou de novo, essa questão do tráfico teve um retorno também*

**Entrevista 3:** *[...] esses mega eventos trouxeram desenvolvimento para a cidade, estruturas, linha de metro estendida até a Barra da Tijuca – isso era um grande problema de movimentação de trânsito nos horários de pico – desenvolveram novas estradas... então a estrutura cresceu, a cidade cresceu, cresceu em melhorias de estrutura... eu acho isso bacana, melhorou a circulação da cidade, é reabilitaram lugares da cidade que estavam totalmente desabitados, como era o centro do Rio de Janeiro, o Boulevard... isso eu acho massa. Também outra coisa positiva foi que gerou um monte de empregos, de oportunidades para pessoas que talvez nem tinha experiência trabalhando, muitos estudantes, estagiários, também deu muita oportunidade para pessoas aposentadas reativarem um pouco esse sentido de útil... Teve uma renda extra, as pessoas também, que talvez conseguiu empreender em diferentes coisas para aproveitar esse momento – o Rio de Janeiro estava sendo o “olho do furacão” – então isso eu achei muito positivo, que trouxe desenvolvimento e crescimento de alguma forma. Coisas negativas por exemplo aconteceram muitas que esse desenvolvimento trouxe também muito caos, muitas favelas foram removidas de onde elas estavam porque nesse espaço iria ter uma obra (essas pessoas não foram avisadas previamente, somente foram retiradas de lá), isso ocasionou muitos problemas e muita violência.*

Após a transcrição destes trechos, apresentou-se dois pontos em comum em relação a definição de “gentrificação comercial” (Van Criekingen e Fleury, 2006), sendo: i) serviços e comércio; e ii) novos frequentadores – conforme quadro abaixo.

Quadro 5: Quadro matricial da categoria "Gentrificação Comercial"

<b>Categoria: Gentrificação Comercial</b>		
Definição	Mudança da oferta de serviços de acordo com os novos frequentadores do local, normalmente com um maior poder aquisitivo, ou seja, os comerciantes locais adaptam seus comércios visando atender este novo público (Van Criekingen; Fleury, 2006).	
Serviços e Comércio	<b>Exemplos de Verbalizações</b>	
	<b>E1</b>	Então as próprias pessoas locais tiveram que adaptar para poder crescer e evoluir muito rápido para poder competir com tudo isso que estava acontecendo. Esses negócios periféricos que foram criados se proliferaram nesse período entre Copa do Mundo e Olimpíadas, mas hoje em dia já não existem mais. Muita coisa foi criado e muita coisa “morreu”.
	<b>E2</b>	Depois das olimpíadas teve essa questão da lava-jato e teve esse problema econômico no país e no Rio de Janeiro, principalmente, e aí as coisas voltaram como antes, voltaram mais ou menos. depois que teve essa mudança no Rio de Janeiro com essa mudança econômica no país as coisas caíram profundamente, as coisas pararam, a violência voltou de novo, essa questão do tráfico teve um retorno também
	<b>E3</b>	Também outra coisa positiva foi que gerou um monte de empregos, de oportunidades para pessoas que talvez nem tinha experiência trabalhando, muitos estudantes, estagiários, também deu muita oportunidade para pessoas aposentadas reativarem um pouco esse sentido de útil... Teve uma renda extra, as pessoas também, que talvez conseguiu empreender em diferentes coisas para aproveitar esse momento - o Rio de Janeiro estava sendo o “olho do furacão” - então isso eu achei muito positivo, que trouxe desenvolvimento e crescimento de alguma forma.
Frequentadores	<b>E1</b>	Foi uma época onde todo mundo estava pensando “o Brasil é o lugar para aproveitar, e o Rio de Janeiro era a concentração de tudo isso”, era muita demanda e muita gente de fora vindo para cá para ganhar com isso também. [...] os estrangeiros entrando na comunidade fez com que as pessoas criassem outros negócios de gastronomia.
	<b>E2</b>	□ Vidigal mudou, as pessoas sobem e descem como turismo... só para você ter noção quando teve essa mudança, nos tínhamos um quiosque lá em cima, e quando nos retomamos esse quiosque eu fiquei lá, eu vi mudança, eu vi gente que mora na Garcia D’Ávila (na beira da praia) ir tomar caipirinha comigo lá em cima e ficar lá em cima, andar pelo meio das vielas
	<b>E3</b>	[...]muitas favelas foram removidas de onde elas estavam porque nesse espaço iria ter uma obra (essas pessoas não foram avisadas previamente, somente foram retiradas de lá).

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com a definição proposta por Van Criekingen e Fleury (2006) a gentrificação comercial possui como principais características o aumento da oferta de serviços e comércios, seja para novos moradores ou frequentadores. Diante das transcrições acima e com os dados expostos no gráfico “Número de estabelecimentos comerciais e de serviço no Vidigal entre 2012 e 2017” – capítulo “Descrição do Caso” – é possível observar que durante o período compreendido entre abril de 2012 a novembro de 2015 presenciou-se um aumento de 62%, o qual pode ser explicado pela alta expectativa criada pela Copa do Mundo (2014) – num primeiro momento – e sustentada pela realização das Olimpíadas (2016).

Ainda no que se refere aos serviços e comércios, os resultados demonstrarem que existiu de fato um crescimento de estabelecimentos comerciais, com destaque para o setor hoteleiro (Bonamichi, 2019), contudo a maioria deles já não existem mais, ou pelo menos possuem outra atividade. Ou seja, no período “pré-eventos” foram criadas no Vidigal novas formas de renda extra com o intuito de aproveitar a prosperidade a qual a cidade do Rio de Janeiro estava a passar, o que se assemelha com a terceira onda de gentrificação descrita por Hackworth e Smith (2001), dado que o resultado imediato foi visto no aumento das opções de lazer, comércio e empregos.

Para além de novos serviços e comércios criados neste período, foi observado durante as entrevistas uma mudança do estereótipo dos frequentadores na favela do Vidigal, uma vez que não era comum pessoas “de fora” da favela ter como opção de lazer estabelecimentos localizados no interior de uma comunidade. No entanto, ocorreu uma alteração significativa no público que estava a circular no Vidigal, conforme destacado no seguinte trecho: *“eu vi mudança, eu vi gente que mora na Garcia D’Avila (na beira da praia) ir tomar caipirinha comigo lá em cima e ficar lá em cima, andar pelo meio das vielas”*. A ideia aqui exposta sustenta a presença de uma dinâmica cultural como resultado da presença do capitalismo, conforme descrito por Ley (1980).

No entanto, a presença de novos frequentadores na favela pode assumir duas perspectivas divergentes, conforme apontada por Glass (1964), dado que ocorreu uma substituição dos antigos moradores por outros com maior poder aquisitivo. Por um lado, a presença de novos frequentadores e moradores teve impacto direto no desalojamento de algumas famílias, mas por outro lado ocorreu uma revitalização de certas partes do Vidigal, principalmente na área do Arvrão, onde tem um hotel, bar e restaurante (Mirante do Arvrão) e o “Bar da Laje” – ambos os estabelecimentos direcionados para moradores “de fora” da favela e estrangeiros.

Desta maneira, é possível afirmar que a presença do fenómeno conhecido como “gentrificação comercial” (Van Criekingen e Fleury, 2006) de facto ocorreu, onde num primeiro momento foi caracterizado pela abertura de novos estabelecimentos comerciais, principalmente ligados a gastronomia e hospedagem, para aproveitar a chegada dos megaeventos. A partir de então, com a presença de turistas (nacionais e internacionais) na cidade do Rio de Janeiro, a favela do Vidigal tornou-se num dos lugares mais visitados – não só pela sua localização (perto dos bairros com alto poder aquisitivo, como Ipanema e Leblon) mas também pelos novos bares, restaurantes e hotéis. Assim sendo, estes megaeventos,

contribuíram não só para a economia local no Vidigal como também ajudou a melhorar a visão que a sociedade tem para com as favelas e seus moradores.

#### 4.2. GENTRIFICAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS

Em continuidade com a análise feita no tópico anterior sobre “gentrificação comercial”, foi utilizada a seguinte pergunta para nortear a interpretação sobre “gentrificação dos espaços públicos”: *o que significou a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas no Rio de Janeiro, em 2014 e 2016, respectivamente? Foi positivo ou negativo os seus resultados no tocante a melhorias na cidade?*

**Entrevista 1:** *[...]Desde o início, foi tudo uma falsidade, entendeu? Toda a segurança pública que eles venderam para que a Copa do Mundo e Olimpíadas pudessem acontecer aqui era falso. E nessa época que a UPP começou a entrar, ninguém da favela queria que estivesse lá, ninguém das favelas falavam que aqui está inseguro, ou que estamos precisando de polícia para melhorar a segurança. A maioria das favelas que estavam dominadas por facções, se sentiam seguros. Quem se sentia inseguro eram homens brancos, morando em prédios fechados e que achavam que a favela era um lugar perigoso. [...] foram grandes coisas que aconteceram aqui em termos de infraestrutura (novos túneis, novos pontos de metrô), mas se você ver a quantidade de dinheiro que foi gasto pela quantidade de melhorias que foram feitas, você vê que poderiam ter sido feitas muito mais coisas, e a maioria das coisas estão todas quebrando, ou seja, gastando mais dinheiro em manutenção, por exemplo a ciclovia onde já foram gastos 60 milhões de reais ali para fazer uma ciclovia, pelo amor de Deus! Coisas inacreditáveis.*

**Entrevista 2:** *[...]Sai uma facção e entra outra, ou melhora ou entra a polícia, que agora teve a entrada da UPP que foi uma mudança muito significativa, “tu não tem noção” como eles mexeram pouco... isso obviamente foi um acordo entre o governador da época (Cabral) junto com essas caras...[...]. Foi benéfico? Em termos de segurança pública não foi bom, né? Eles entraram com um propósito de UPP social, que não é nada social, e por algum milagre, as coisas aqui no Vidigal deram certo. O tráfico se recolheu, não usavam mais arma diminuiu quantitativamente, a gente não via. [...] a UPP que deu certo é o professor de música que já está 5 anos lá dentro com um projeto grandioso, tem professor de ginástica, tem professor de reforço escolar, é a UPP que deu certo [...]. Eu falo quando tem mudanças mínimas, se eu por exemplo como associação, chego na casa de uma pessoa e falo que vou pintar a casa dela, ela já fica feliz. Se você colocar iluminação nos becos e vielas, como eu já comecei a fazer, e jardins – em áreas degradadas – já começa uma mudança, já começam as coisas se multiplicarem.[...] agora mesmo a gente está fazendo a memória, que eu estou precisando de artistas plásticos para fazer algumas placas – são obras de arte mesmo – como a gente conhece não por rua mas por localidade, por exemplo o cantão de cima, o bar da laje, lá no mirante.... Vai ter uma placa contando a história. [...] Mas quando você começa a fazer melhorias de qualidade, o governo não quer isso, o governo fica louco, eles vêm aqui.*

**Entrevista 3:** *[...]por um lado esses megaeventos trouxeram desenvolvimento para a cidade, estruturas, linha de metro estendida até a Barra da Tijuca – isso era um grande problema de movimentação de trânsito nos horários de pico – desenvolveram novas estradas.[...] a internet melhorou a qualidade também, a LIGHT foi muito mais presente também, a CEDAE também.[...] ficou claro a grande farsa da UPP, que foi um projeto que começou em 2007 e 2008 para resolver os problemas da favela mas que na realidade foi para a segurança dos grandes eventos, e foi confirmado, pois depois que terminaram os grandes eventos a UPP diminuiu muito a sua força de trabalho e o tráfico somente se fortaleceu e começaram os tiroteios, começaram a violência.[...] Foi uma grande máscara e que essa grande máscara também “glamourizou” de alguma forma a favela o que a deixou mais cara também.*

Diante dos trechos acima, dois temas em comum nas três entrevistas realizadas vão ao encontro com a definição proposta por Zukin (1995), sendo: i) melhorias e infraestrutura; e ii) segurança pública. O quadro abaixo foi segmentado por estes dois aspectos complementado com trechos específicos extraído de cada entrevista.

Quadro 6: Quadro matricial da categoria "Gentrificação Espaços Públicos"

<b>Categoria: Gentrificação de Espaços Públicos</b>		
<b>Definição</b>	Espécie de filtro social, na sua maioria protagonizado pelo Estado, ou seja, normalmente neste tipo de gentrificação verifica-se uma estreita relação entre os interesses públicos e privados, particularmente no tocante a valorização do entorno do local que "sofrerá" com esta ação (Zukin, 1995).	
<b>Melhorias e Infraestrutura</b>	<b>Exemplos de Verbalizações</b>	
	<b>E1</b>	[...] foram grandes coisas que aconteceram aqui em termos de infraestrutura (novos túneis, novos pontos de metrô), mas se você ver a quantidade de dinheiro que foi gasto pela quantidade de melhorias que foram feitas, você vê que poderiam ter sido feitas muito mais coisas, e a maioria das coisas estão todas quebrando, ou seja, gastando mais dinheiro em manutenção, por exemplo a ciclovia onde já foram gastos 60 milhões de reais ali para fazer uma ciclovia, pelo amor de Deus! Coisas inacreditáveis.
	<b>E2</b>	[...] agora mesmo a gente está fazendo a memória, que eu estou precisando de artistas plásticos para fazer algumas placas - são obras de arte mesmo - como a gente conhece não por rua mas por localidade, por exemplo o cantão de cima, o bar da laje, lá no mirante.... Vai ter uma placa contando a história. [...] Mas quando você começa a fazer melhorias de qualidade, o governo não quer isso, o governo fica louco, eles vêm aqui.
	<b>E3</b>	[...] por um lado esses megaeventos trouxeram desenvolvimento para a cidade, estruturas, linha de metro estendida até a Barra da Tijuca - isso era um grande problema de movimentação de trânsito nos horários de pico - desenvolveram novas estradas. [...] a internet melhorou a qualidade também, a LIGHT foi muito mais presente também, a CEDAE também. [...]
<b>Segurança Pública</b>	<b>E1</b>	Desde o início, foi tudo uma falsidade, entendeu? Toda a segurança pública que eles venderam para que a Copa do Mundo e Olimpíadas pudessem acontecer aqui era falso. E nessa época que a UPP começou a entrar, ninguém da favela queria que estivesse lá, ninguém das favelas falavam que aqui está inseguro, ou que estamos precisando de polícia para melhorar a segurança. A maioria das favelas que estavam dominadas por facções, se sentiam seguros. Quem se sentia inseguro eram homens brancos, morando em prédios fechados e que achavam que a favela era um lugar perigoso.
	<b>E2</b>	Foi benéfico? Em termos de segurança pública não foi bom, né? Eles entraram com um propósito de UPP social, que não é nada social, e por algum milagre, as coisas aqui no Vidigal deram certo. O tráfico se recolheu, não usavam mais arma diminuiu quantitativamente, a gente não via. [...] a UPP que deu certo é o professor de música que já está 5 anos lá dentro com um projeto grandioso, tem professor de ginástica, tem professor de reforço escolar, é a UPP que deu certo.
	<b>E3</b>	[...] ficou claro a grande farsa da UPP, que foi um projeto que começou em 2007 e 2008 para resolver os problemas da favela mas que na realidade foi para a segurança dos grandes eventos, e foi confirmado, pois depois que terminaram os grandes eventos a UPP diminuiu muito a sua força de trabalho e o tráfico somente se fortaleceu e começaram os tiroteios, começaram a violência.

Fonte: Elaborado pelo autor

Neste tipo de gentrificação é comum observar uma melhoria do local em questão, seja ela por meio de obras de infraestruturas ou com melhorias na segurança pública, exemplo este que mais se assemelha ao Vidigal bem como noutras favelas da cidade do Rio de Janeiro. Essas ações num primeiro momento parecem beneficiar os moradores locais, contudo o que percebe-se aqui é a presença de um “filtro social” onde o Estado atua como protagonista principal (Zukin, 1995) ao valorizar certas áreas em detrimento de outras com o intuito de tornar a cidade do Rio de Janeiro apta para a recepção dos megaeventos, e logo após a realização destes, algumas famílias não conseguiram mais morar na favela do Vidigal, pois viram-se diante de um aumento do preço dos aluguéis causados principalmente pela abertura de novos serviços e comércios o que trouxe consigo novos frequentadores e moradores. Fluxo este, semelhante ao descrito pela gentrificação comercial (Van Criekingen e Fleury, 2006).

Ao interligar os dados do questionário feito por Bonamichi (2019) relativamente as principais mudanças ocorridas na favela do Vidigal após a instalação da UPP local (Vidigal – Chácara do Céu)<sup>8</sup> com os recolhidos durante as entrevistas, observa-se que este projeto de segurança pública foi momentâneo e que 35% dos moradores da favela responderam no questionário que “nada mudou” a partir da entrada da polícia, situação esta que reafirma o seguinte trecho: *“E nessa época que a UPP começou a entrar, ninguém da favela queria que estivesse lá, ninguém das favelas falavam que aqui está inseguro, ou que estamos precisando de polícia para melhorar a segurança A maioria das favelas que estavam dominadas por facções, se sentiam seguro”*.

Ou seja, ao associar estes dois pontos, nota-se que a entrada da UPP na favela do Vidigal (e outras favelas cariocas) foi somente para garantir que a cidade do Rio de Janeiro fosse uma das sedes da Copa do Mundo e cidade sede das Olimpíadas, bem como realizar a segurança deste evento. De acordo com Zukin (1995) neste tipo de gentrificação observa-se uma proximidade do poder público com o privado, e foi exatamente isto que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, uma vez que em 2010 um dos principais financiadores do projeto das UPP’s foi o empresário Eike Batista numa quantia de R\$20 milhões em 2010 e que manter-se-ia até 2014, segundo Bianchi (2017)<sup>9</sup>. Contudo essas doações cessaram em 2013 e desde então o investimento nessas unidades de polícia pacificadora vem diminuindo ano após ano, conforme observado neste trecho: *“depois que terminaram os grandes eventos a UPP diminui muito a*

---

8 Expostos no capítulo “Descrição do Caso”.

9 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/01/26/fada-madrinha-do-rio-eike-participou-de-boa-parte-dos-principais-projetos-do-estado.htm>. Data de acesso: 03.09.2020

*sua força de trabalho e o tráfico somente se fortaleceu e começaram os tiroteios, começaram a violência”.*

Por outro lado, algumas melhorias foram observadas na cidade do Rio de Janeiro e principalmente na favela do Vidigal. Diante das entrevistas realizadas, percebe-se uma dicotomia no assunto “melhorias e infraestrutura”, dado que por um lado, tanto pela observação do autor enquanto frequentava a comunidade quanto pelas entrevistas, certos locais do Vidigal presenciaram uma significativa melhoria no tocante a urbanização e revitalização. No entanto, destaca-se um ponto negativo no tocante a obras de infraestruturas realizadas no entorno, onde de acordo com o entrevistado 1, gastou-se muito e fez-se pouco: *“você vê que poderiam ter sido feitas muito mais coisas, e a maioria das coisas estão todas quebrando, ou seja, gastando mais dinheiro em manutenção, por exemplo a ciclovia onde já foram gastos 60 milhões de reais ali para fazer uma ciclovia, pelo amor de Deus!”.*

E, somado a isso, o incômodo do governo a partir do momento no qual associações, ONG’s ou próprios moradores começam a realizar projetos de revitalização dos espaços públicos, como no exemplo: *“a gente conhece não por rua, mas por localidade, por exemplo o cantão de cima, o bar da laje, la no mirante.... Vai ter uma placa contando a história”.* Ou seja, são melhorias relativamente simples, mas que indiretamente impacta o bem-estar social dos moradores da comunidade. Contudo, parece haver uma desinteresse do local e um desincentivo para fazer tais melhorias, pois quando são feitas - segundo o entrevistado 2 – o governo é contra.

A partir dos relatos obtidos e dos dados analisados, é possível notar a presença de gentrificação dos espaços públicos, conforme descrito por Zukin (1995), principalmente durante o período da realização dos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro onde o poder público firmou parceria com o privado – em especial, para a realização do projeto de segurança pública – a fim de atender os interesses dos organizadores dos megaeventos na cidade, e assim, deixar um “legado” para a cidade. No entanto, o que foi verificado na favela do Vidigal, foi o aumento no preço dos aluguéis após a instalação da UPP (Bonamichi, 2019) o que durante o período desses eventos valorizou as casas localizadas dentro da favela e, principalmente no seu entorno (Zukin, 1995), nos bairros de Ipanema, Leblon e São Conrado.

#### 4.3. GENTRIFICAÇÃO TURÍSTICA

Para realizar está análise a cerca do fenômeno denominado “gentrificação turística”, a pergunta usada para nortear a interpretação foi: *o que significou a realização da Copa do*

*Mundo e das Olimpíadas no Rio de Janeiro, em 2014 e 2016, respectivamente? Foi positivo ou negativo os seus resultados no tocante a melhorias na cidade?.*

**Entrevista 1:** *Não existia muito essa coisa de estar com o “povão”, aprendendo como o povo vive....era uma coisa de “estou viajando para mim e não para conhecer os outros”, então o próprio brasileiro tinha dificuldade em oferecer uma coisa que o estrangeiro procurava porque não entendia como o turismo poderia facilitar esse tipo de conexão.[...] As pessoas aqui não aproveitaram bem a Copa do Mundo. Não prepararam bem para esse momento. Já nas Olimpíadas a “galera já estava ligada”, mais preparada, por isso as Olimpíadas entregaram muito menos resultados do que se esperaram, uma vez que a oferta já tinha crescido tanto.[...] A demanda que a gente conseguiu gerar nas Olimpíadas e na Copa do Mundo estava alinhada com a vantagem de ficar na favela, lugar mais autêntico culturalmente, onde você poderia conhecer uma família brasileira de facto[...] muitas pessoas começaram a investir dinheiro nas suas casas querendo aproveitar as Olimpíadas e não conseguiram aproveitar aquilo, tiveram que trabalhar muito e ficaram com muita dívida, tiveram que fechar negócios.*

**Entrevista 2:** *[...] Hoje o Vidigal tem esse potencial turístico, por exemplo na semana do ano novo isso aqui entupiu - dado que a mobilidade urbana aqui dentro é ruim, até que a gente pede para que as pessoas parem lá em baixo e peguem o transporte público daqui de dentro - mas não deu, era muita gente, mais de 3 mil pessoas subindo, deu um nó no trânsito [...].*

**Entrevista 3:** *[...] o Vidigal começou a ser descoberto... as favelas em si, nessa época. A Copa do Mundo foi o momento em que as pessoas começaram a ligar mais, que as pessoas estavam querendo ir para a favela porque, o que acontece: tinha muitos latino-americanos, e talvez porque eles possam lidar melhor com a favela porque estão acostumados a lidar com essa falta de estrutura, têm menos dinheiro para pagar com o turismo, então para os latino-americanos convém muito ficar na favela também [...] antes desses megaeventos, eles não acreditavam que a favela poderia ser o que é hoje. Eu acho que eles não acreditavam que as pessoas queriam vir para a favela para conhecer, por isso que os moradores nem se prepararam para isso, não era normal ter “gringos” passeando pela favela.[...] começaram a criar agências de turismo, abrir hostels, melhorar restaurantes, capacitar guias locais... atualmente tem vários guias capacitados como guias de turismo, que isso só aconteceu pós eventos.[...] hoje em dia o turismo é uma ferramenta social que ajudou as comunidades por exemplo, e graças a esses megaeventos esse turismo responsável se desenvolveu, tanto assim que no meio dos megaeventos, a gente criou – junto com outros líderes locais a primeira associação de turismo na comunidade, se chama CONTUR.[...] graças a essa lei da CONTUR a gente conseguiu botar as favelas no mapa, não somente as favelas, mas as pessoas da favela.*

Após essa pré-análise das entrevistas, foram destacados dois pontos em comum, sendo eles: i) turismo na favela; e ii) grandes eventos. O quadro abaixo sintetiza os trechos destacados bem como a definição do termo “gentrificação turística”.

Quadro 7: Quadro matricial da categoria "Gentrificação Turística"

<b>Categoria: Gentrificação Turística</b>		
Definição	Dinamização do turismo em certas partes da cidade com o objetivo de estimular projetos de reestruturação urbana (Gotham, 2005).	
Turismo na favela	<b>Exemplos de Verbalizações</b>	
	<b>E1</b>	Não existia muito essa coisa de estar com o “povão”, aprendendo como o povo vive...era uma coisa de “estou viajando para mim e não para conhecer os outros”, então o próprio brasileiro tinha dificuldade em oferecer uma coisa que o estrangeiro procurava porque não entendia como o turismo poderia facilitar esse tipo de conexão.
	<b>E2</b>	Hoje o Vidigal tem esse potencial turístico, por exemplo na semana do ano novo isso aqui entupiu - dado que a mobilidade urbana aqui dentro é ruim, ate que a gente pede para que as pessoas parem la em baixo e peguem o transporte público daqui de dentro - mas não deu, era muita gente, mais de 3 mil pessoas subindo, deu um nó no transito.
	<b>E3</b>	[...] antes desses megaeventos, eles não acreditavam que a favela poderia ser o que é hoje. Eu acho que eles não acreditavam que as pessoas queriam vir para a favela para conhecer, por isso que os moradores nem se prepararam para isso, não era normal ter “gringos” passeando pela favela.[...] começaram a criar agências de turismo, abrir hostels, melhorar restaurantes, capacitar guias locais... atualmente tem vários guias capacitados como guias de turismo, que isso só aconteceu pós eventos.
Grandes Eventos	<b>E1</b>	As pessoas aqui não aproveitaram bem a Copa do Mundo. Não prepararam bem para esse momento. Já nas Olimpíadas a “gelera já estava ligada”, mais preparada, por isso as Olimpíadas entregaram muito menos resultados do que se esperaram, uma vez que a oferta já tinha crescido tanto.[...] muitas pessoas começaram a investir dinheiro nas suas casas querendo aproveitar as Olimpíadas e não conseguiram aproveitar aquilo, tiveram que trabalhar muito e ficaram com muita dívida, tiveram que fechar negócios.
	<b>E3</b>	[...] o Vidigal começou a ser descoberto, as favelas em si, nessa época. A Copa do Mundo foi o momento em que as pessoas começaram a ligar mais, que as pessoas estavam querendo ir para a favela porque, o que acontece: tinha muitos latino-americanos, e talvez porque eles possam lidar melhor com a favela porque estão acostumados a lidar com essa falta de estrutura, têm menos dinheiro para pagar com o turismo, então para os latino-americanos convém muito ficar na favela também. [...] hoje em dia o turismo é uma ferramenta social que ajudou as comunidades [...] graças a essa lei da CONTUR a gente conseguiu botar as favelas no mapa, não somente as favelas, mas as pessoas da favela.

Fonte: Elaborado pelo autor

Durante o período dos megaeventos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, para além da criação de novos serviços e comércios na favela do Vidigal, o que ocasionou uma gentrificação comercial (Van Criekingen e Fleury, 2006), empresas ligadas ao setor de turismo (hostels e agência de viagens) foram criadas com o intuito de aproveitar a alta demanda que a cidade esta a passar. O turismo estava a assumir novas características de uma nova fase, e nesta fase a favela estava incluída, uma vez que novos projetos começaram a ser desenvolvidos no interior da comunidade e, direto ou indiretamente, certos locais foram reestruturados (Gotham, 2005).

De acordo com Bonamichi (2019), entre dezembro de 2014 a janeiro de 2017 estava a funcionar dentro da favela do Vidigal mais de vinte hostels, o que significa um aumento de 250% quando comparado com o mês de abril do ano anterior a realização da Copa do Mundo (onde tinham apenas nove). Esse aumento pode ser explicado pela nova forma de entender o turismo, uma vez que as pessoas (principalmente os turistas nacionais) ainda possuíam o seguinte pensamento: *“estou viajando para mim e não para conhecer os outros, então o próprio brasileiro tinha dificuldade em oferecer uma coisa que o estrangeiro procurava porque não entendia como o turismo poderia facilitar esse tipo de conexão”*. Sendo assim, a partir da realização dos megaeventos, o entendimento de “fazer” turismo começou a ser modificado.

Até meados de 2014 visitar ou até mesmo ficar hospedado dentro de uma favela não era algo comum, e nesse momento a cidade do Rio de Janeiro presenciou um aumento ocasionado por dois principais motivos, onde o primeiro deles foi derivado do alto custo das diárias nos hotéis localizados em bairros conhecidos, o que por sua vez “conduziu” novos visitantes a procurarem outros lugares. Com isso, muitos turistas optaram por ficarem hospedados em lugares próximos as praias cariocas, sendo o Vidigal um dos destinos mais escolhidos, e dessa forma os moradores tiveram que adaptar e *“começaram a criar agências de turismo, abrir hostels, melhorar restaurantes, capacitar guias locais... atualmente tem vários guias capacitados como guias de turismo, que isso só aconteceu pós eventos”*. Essa dinâmica oriunda do turismo nos remete ao processo de gentrificação verificado no bairro de Puerto Madero, na cidade de Buenos Aires (Salina Arreortua, 2013), uma vez que outras partes da cidade (neste caso, a favela do Vidigal) vivenciou projetos de reestruturação urbana (Gothan, 2015).

Tanto em relação a Copa do Mundo (2014) quanto das Olimpíadas (2016), as favelas, em especial a do Vidigal, ganharam uma projeção que provavelmente não teria se outrora estes eventos não fossem realizados, ou seja, esses megaeventos ajudaram, mesmo que de forma indireta, o estereótipo sustentado pelas favelas ao longo do último século, uma vez que foram criadas associação de turismo na favela (CONTUR) onde uma lei foi criada e *“graças a essa lei da CONTUR a gente conseguiu botar as favelas no mapa, não somente as favelas, mas as pessoas da favela”*.

Assim sendo, estes megaeventos proporcionaram uma maior visibilidade da favela do Vidigal, uma vez que atualmente a comunidade possui diversos guias turísticos que fazem passeios dentro da comunidade e a pé, ao contrário do que era feito antigamente onde os turistas eram buscados na porta dos hotéis e passeavam pela cidade do Rio de Janeiro e conheciam as

favelas somente por fora (dentro de um *jeep*), algo parecido com um “safari humano”. No entanto, a maior contribuição que estes eventos trouxeram para as favelas, pode ser visto no aumento de frequentadores de diversas partes da cidade, no Vidigal, o que proporcionou uma ajuda econômica significativa para os moradores, guias locais e comerciantes, ou seja, esta gentrificação turística (Gotham, 2015) acarretou mais benefícios do que malefícios para a comunidade e seus moradores.

#### 4.4. GENTRIFICAÇÃO PERIFÉRICA

Para realizar esta análise a cerca do fenômeno denominado “gentrificação periférica”, foi utilizada a seguinte pergunta para nortear a interpretação: *o que significou a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas no Rio de Janeiro, em 2014 e 2016, respectivamente? Foi positivo ou negativo os seus resultados no tocante a melhorias na cidade?.*

**Entrevista 1:** *[...] então eu fingia que eu era filho de família rica, ia para as grandes corretoras de imóveis para conseguir uma reunião com os “caras” lá e eu tinha que falar “ah, meu pai queriam comprar uma casa aqui no Rio e tal”, com isso eu ia lá, eles me levariam para grandes mansões e casas, me explicavam como tudo funciona, todo sistema de financiamento, de hipoteca.[...]“você investiu dinheiro na sua casa pensando no potencial do mercado de aluguel e hoje em dia você não ficou com nada e nem recuperou o investimento?” Isso é muita gente na cidade inteira e nas favelas também, porque ganharam muita esperança, onde o Rio de Janeiro virou um lugar desejado, onde todo mundo vai querer ficar hospedado. [...] logo depois das Olimpíadas você tinha uma “porrada” de casas, uma oferta enorme no Rio de Janeiro, a demanda sumiu completamente porque o Brasil não era mais o país da moda para visitar.*

**Entrevista 2:** *[...] Imagina você que não está acostumado a ver dinheiro e um cara chega na tua casa - uma casa que o cara construiu por R\$30.000,00 – o cara bota R\$100.000,00 na tua mesa, o sujeito fica doido, isso é uma maldade inconcebível para mim. Isso é uma maldade do mercado. [...] Se alguém quiser comprar minha casa, eu falo assim “Quero R\$3.000.000,00 para comprar minha casa, eu quero R\$1.000.000,00, eu sei que a acessibilidade aqui é ruim, só que quando eles construírem as mansões deles lá, para eles construírem uma mansão eles precisam tirar 20 barracos, eles vão tirar 20 barracos para eles construírem as mansões deles, aí quando, futuramente as mansões deles vão custar R\$150.000.000,00, né?[...] já está tendo uma situação no Rio de Janeiro que você não cresce mais para lugar nenhum. Então, o cara que é milionário que mora no Leblon quer morar aqui, ele pode fazer proposta e tudo bem e falar “eu quero comprar a casa ali” ...e eu falo “É x!”.[...]a gentrificação aqui é mais econômica, ela te tira economicamente, porque você vai entrando, as pessoas vão aumentando o valor das casas, aí por exemplo quem vem lá da Paraíba já não consegue mais morar aqui, porque não consegue pagar um aluguel de mil, mil e pouco reais, o cara não ganha nem dois mil reais como é que ele vai pagar mil reais? Não faz sentido, Rodrigo.*

**Entrevista 3:** *[...] outra coisa que aconteceu muito foi essa coisa de especulação imobiliária, como era momento de alta temporada os preços também puderam ser muito absurdos ou também as pessoas investiram muito dinheiro achando que uma coisa iria acontecer e não aconteceu.[...] muitas pessoas investiram dinheiro nas suas coisas e perderam dinheiro porque não tiveram esse retorno que eles esperavam, é... também, bom... como estava vindo muito gringo para cá também os moradores cresceram os olhos, daí então o aluguel aumentava, mas para quem não era gringo tinha que pagar também esse preço, então isso complicou muito, muitas pessoas tiveram que ir para fora, certo?[...] Para a favela ficou mais caro, mas ainda assim é mais barato do que fora da favela, então as pessoas acabam vindo para cá, pagando preços um pouco*

*maior que o cara da favela talvez paga – que o cara da favela não pode pagar – então esse cara acaba indo para uma favela mais afastada da zona sul para poder “tocar” sua vida, pois aqui no Vidigal ficou caro demais, isso aconteceu.*

Após essa pré-análise das entrevistas, foram destacados dois pontos em comum, sendo eles: i) o mercado imobiliário; e ii) a elitização. O quadro abaixo sintetiza os trechos destacados das entrevistas, bem como a definição do termo “gentrificação periférica”, proposta por Novaes (2018).

Quadro 8: Quadro matricial da categoria "Gentrificação Periférica"

<b>Categoria: Gentrificação Periférica</b>		
<b>Definição</b>	Contradições que ameaçam os experimentos de urbanização neoliberal das favelas, ou seja, as tentativas de apropriação desses territórios pelo mercado imobiliário e pelas elites (Novaes, 2018).	
<b>Mercado Imobiliário</b>	<b>Exemplos de Verbalizações</b>	
	<b>E1</b>	[...] você investiu dinheiro na sua casa pensando no potencial do mercado de aluguel e hoje em dia você não ficou com nada e nem recuperou o investimento?” Isso é muita gente na cidade inteira e nas favelas também, porque ganharam muita esperança, onde o Rio de Janeiro virou um lugar desejado, onde todo mundo vai querer ficar hospedado.
	<b>E2</b>	Imagina você que não está acostumado a ver dinheiro e um cara chega na tua casa - uma casa que o cara construiu por R\$30.000,00 - o cara bota R\$100.000,00 na tua mesa, o sujeito fica doido, isso é uma maldade inconcebível para mim. Isso é uma maldade do mercado.[...] a gentrificação aqui é mais econômica, ela te tira economicamente, porque você vai entrando, as pessoas vão aumentando o valor das casas, aí por exemplo quem vem lá da Paraíba já não consegue mais morar aqui, porque não consegue pagar um aluguel de mil, mil e pouco reais, o cara não ganha nem dois mil reais como é que ele vai pagar mil reais? Não faz sentido, Rodrigo.
	<b>E3</b>	[...] outra coisa que aconteceu muito foi essa coisa de especulação imobiliária, como era momento de alta temporada os preços também puderam ser muito absurdos ou também as pessoas investiram muito dinheiro achando que uma coisa iria acontecer e não aconteceu.
<b>Elitização</b>	<b>E1</b>	[...] então eu fingia que eu era filho de família rica, ia para as grandes corretoras de imóveis para conseguir uma reunião com os “caras” lá e eu tinha que falar “ah, meu pais queriam comprar uma casa aqui no Rio e tal”, com isso eu ia lá, eles me levariam para grandes mansões e casas, me explicavam como tudo funciona, todo sistema de financiamento, de hipoteca.
	<b>E2</b>	[...] já está tendo uma situação no Rio de Janeiro que você não cresce mais para lugar nenhum. Então, o cara que é milionário que mora no Leblon quer morar aqui, ele pode fazer proposta e tudo bem e falar “eu quero comprar a casa ali” ...e eu falo “É x!”.
	<b>E3</b>	Para a favela ficou mais caro, mas ainda assim é mais barato do que fora da favela, então as pessoas acabam vindo para cá, pagando preços um pouco maior que o cara da favela talvez paga - que o cara da favela não pode pagar - então esse cara acaba indo para uma favela mais afastada da zona sul para poder “tocar” sua vida, pois aqui no Vidigal ficou caro demais, isso aconteceu.

Fonte: Elaborado pelo autor

Após realizado a análise de outros “novos tipos” de gentrificação observados na favela do Vidigal, este último remete a um tópico que durante as entrevistas foi um dos mais abordados, uma vez no qual os entrevistados o caracterizaram como *“uma maldade inconcebível. Isso é uma maldade do mercado”*. A gentrificação periférica mostra-se presente a partir do momento no qual parte dos moradores são retirados ou desalojados de suas casas devido a pressões do mercado imobiliário ou de indivíduos com poder aquisitivo superior dos que ali habitam (Novaes, 2018). No caso do Vidigal, esses dois aspectos foram observados, dado que parte da favela sofreu uma elitização oriunda de novas ofertas de serviços, principalmente no local conhecido como Arvrão.

A gentrificação observada no Vidigal não foi um processo completo, ou seja, somente certos locais sofreram uma eventual elitização, onde em parte foi ocasionada pelo poder público – gentrificação de espaços públicos (Zukin, 1995), como exemplo a instalação das UPP’s – e outras realizadas pelo investimento de capital privado – “gentrificação comercial” (Van Criekingen e Fleury, 2006). Dessa forma, mantém-se aqui (guardadas as devidas proporções) o quadro socioeconômico da cidade do Rio de Janeiro, onde esta é caracterizada pela alta desigualdade social e com condições heterogêneas de ordem urbana.

Um dos fatores com forte influência para verificar a elitização de um local, em especial no Brasil, é a educação. Mesmo que o direito a educação seja para todos, sua acessibilidade não. Ao observar o estudo realizado por Bonamichi (2019), nota-se uma mudança em relação ao fator escolaridade dos moradores no Vidigal, onde 22% dos entrevistados que passaram a morar no Vidigal após 2012 possuem o ensino superior completo, e por outro lado o percentual de moradores sem escolaridades ou analfabeto(a) esta zerado. A partir disso é possível observar que ocorreu, em parte, uma substituição dos moradores da favela, como representado no trecho: *“já esta tendo uma situação no Rio de Janeiro que você não cresce mais para lugar nenhum. Então, o cara que é milionário que mora no Leblon quer morar aqui”*. Para além de mudar o padrão dos moradores no tocante a escolaridade, este dados nos revela que dois pontos derivados desse movimento, onde por um lado tem a substituição de antigos moradores por uma classe mais alta (Glass, 1964) e por outro uma possível flutuação do valor potencial de aluguer de um imóvel e o seu real valor praticado (Smith, 1979).

A interferência por meio tentativas de apropriações de territórios localizados nas favelas pelo mercado imobiliário e pelas elites (Novaes, 2018), deu-se na maioria pela chegada dos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro associado a uma forte esperança de ganhos econômicos - *“muita gente na cidade inteira e nas favelas também, porque ganharam muita esperança, onde o Rio de Janeiro virou um lugar desejado, onde todo mundo vai querer ficar*

*hospedado*” - sobretudo no que diz respeito a parte imobiliária. Com isso, muitas pessoas investiram em melhorias nas suas casas, seja para receber os turistas ou até mesmo vendê-la. Alguns moradores venderam suas casas a preços elevados durante esse período pré megaeventos, e alguns passaram por situações como esta: “*imagina você que não está acostumado a ver dinheiro e um cara chega na tua casa - uma casa que o cara construiu por R\$30.000,00, o cara bota R\$100.000,00 na tua mesa, o sujeito fica doido, isso é uma maldade inconcebível para mim*”. Essa situação exemplifica uma parte da teoria do *rent gap* (Smith, 1979) uma vez que a possível aquisição do imóvel ou espaço comercial (por um preço mais elevado do que o normal) provocaria um aumento exponencial do valor de uso e de renda, o que levaria a existência de lacunas entre o valor real e o valor esperado.

Um dos problemas está no pós-venda dos imóveis, pois a partir deste momento os moradores teriam de comprar uma outra casa, contudo o valor recebido pela sua antiga residência já não era mais suficiente para comprar um imóvel dentro da favela, ou seja, a situação resultante desse movimento de especulação imobiliária pode ser segmentada em três fases a começar pelo aumento do valor dos imóveis o que levou alguns moradores a venderem suas casas, contudo no final ao tentar comprar um imóvel noutra bairro próximo não o conseguia, a partir disso tentam regressar para o Vidigal onde também não conseguem comprar. Com isso, agora os antigos moradores ou pagam renda ou estão a morar em favelas mais distantes da cidade do Rio de Janeiro.

A par disto, é possível dizer que a favela do Vidigal presenciou uma gentrificação periférica (Novaes, 2018) na medida em que somente certas localidades dentro da favela tiveram uma valorização por parte do mercado imobiliário e das elites, sendo principalmente na região conhecida com Arvrão, onde atualmente tem bares, hotéis e restaurantes renomados e frequentado, na sua maioria, por pessoas de fora da comunidade. Em complemento a esta valorização, destaca-se o aumento no preço das rendas praticadas – principalmente no entorno destes novos estabelecimentos.

#### 4.5. ECONOMIA COMPARTILHADA

A análise da economia compartilhada (em especial, o *Airbnb*) faz-se necessária ao passo no qual complementar o fenómeno de gentrificação. Para tal, a pergunta norteadora utilizada foi: *O Airbnb (plataforma digital) ajudou a atingir um maior número de pessoas para o aluguel de casas na favela? E como foi iniciado esse processo: como era antes (como conheceram e como colocaram as casas para alugar), durante (como era realizada a receção dos turistas) e*

como ficou depois (que “legado” foi deixado para os moradores que alugaram suas casas por meio dessa plataforma digital)?

**Entrevista 1:** [...] toda a economia compartilhada era tudo muito novo aqui, e até as pessoas da favela não sabia o que era o Airbnb. [...] Não, pois a gente não capacitava as pessoas para usarem a plataforma. Capacitamos eles para saber como receber as pessoas na sua casa. [...] não tinha vontade, eles não tinham vontade em ficar respondendo as mensagens das pessoas, não tinha linguagem e muitos deles não tinham computador. [...] Quem controlava os anúncios do Airbnb não eram os donos das casas. Até hoje em dia, você vai lá e vê negócios inteiros que trabalham somente com o aluguel de apartamentos de outras pessoas. Então, geralmente os donos dos apartamentos que querem alugar dessa forma, não querem ter a paciência e não tem a vontade de fazer o trabalho de alugar seu apartamento ou sua casa. [...] Hoje em dia tem muito mais gente usando a plataforma, porque toda a ferramenta melhorou muito, a “galera” pode fazer tudo em português e ainda aparece automaticamente em inglês (com qualidade), a facilidade do uso da plataforma melhorou e o acesso a internet que as pessoas têm ajudou a usar mais as mídias sociais, também com os smartphones a “galera” esta mais acostumada a usar aplicativos. [...] Acho que mais dinheiro desses grandes eventos chegaram para as famílias nas favelas, para as pessoas desfavorecidas por causa da economia compartilhada do que se não tivesse existido. [...] o Airbnb canalizou muito dinheiro para a economia, para as comunidades, para o pequeno dono de casa e noutros bairros também. Ele estimulou muita expectativa que engaram as pessoas, porque eles começaram a ganhar bem e começaram a investir também nas suas casas (pintar, comprar camas novas) achando que isso iria para sempre, mas ai agora e a partir de 2017 as demandas foram caindo mais e mais, as pessoas viram que não iria conseguir se sustentar assim. [...] Essas ferramentas da economia compartilhada são válidas porque democratizam a economia para as pessoas, faz que qualquer um pode participar. [...] Nas favelas essas grandes plataformas só vão beneficiar essas pessoas quando elas têm capacitação, pois enquanto eles não tem capacitação, precisam de intermediários, se não quem vai se beneficiar desse tipo de ferramentas é quem tem conhecimentos, educação suficiente e entender como ela funciona. [...] Uma questão difícil da economia compartilhada é que inicialmente ela é muito bom para o fornecedor de serviço, porque permite que ela consiga atingir um novo mercado de gente, consegue ganhar dinheiro mais fácil, ou seja, uma pessoa que não tem muito conhecimento ela consegue participar dessa economia e sustentar a sua vida e sua família, especialmente num lugar como o Brasil onde a educação não chega a todo lugar, e com isso cria novas oportunidades de emprego. O problema é que quando isso começa a crescer, a percentagem adaptação consegue crescer muito aí o preço começa a cair, o poder começa a ir para as mãos do consumidor e o benefício também. [...] Não sei se isso vai ser bom para as favelas ou não, pode acontecer igual aconteceu com o Airbnb: foi favorável no início e depois chegou a não ser mais. São ondas de modas.

**Entrevista 3:** Eu acho que muitas pessoas ganharam dinheiro com o Airbnb e Airbnb destruiu muitos outros negócios também, por exemplo nesse momento nós tínhamos um negocio de acomodação também e para nos foi muito difícil botar pessoas para dentro porque tinham pessoas de casas comuns que não pagam impostos como um negócio, com um preço muito mais interessante que a gente somente porque eles não tinha os custos que a gente tem, então foi difícil demais competir com essas pessoas – nesse caso com o Airbnb – que todo mundo abriu as portas de suas casas. [...] antigamente, antes desses grandes eventos, talvez as pessoas alugavam as suas casas de uma forma mais tradicional aqui na favela, colocando uma placa aqui na coluna e era isso mas nesses últimos 2 anos com o desenvolvimento da tecnologia, eles descobriram o Airbnb, também descobriram diferentes plataformas de aluguel até o Facebook, no Facebook tem vários grupos... então hoje em dia evoluiu o método de divulgação e de procura também, certo?! É... as pessoas aqui estão totalmente ligadas sobre Airbnb, sobre trabalhar no Facebook, o WhatsApp revolucionou a favela também, aqui os negócios são feitos pelo WhatsApp... então eu acho que sim, que mudou um pouco a forma de fazer negócios, de fazer esses links. [...] Por exemplo na Copa do Mundo o nosso projeto em si criou um projeto de homestay especificamente para a Copa do Mundo. A gente ia por meio de uma campanha de

*financiamento, conseguiu vender quartos dentro da favela da Rocinha e do Vidigal, e que isso gerou mais de US\$30.000,00 para essas famílias, certo? Essas famílias conseguiram melhorar coisas nas suas casas, conseguiram trocar equipamentos também desde televisor, máquina de lavar, e fizeram uma reforma na sua casa, mas não foi sustentável, o negócio em si foi somente para um momento bem específico para eles aproveitarem essa oportunidade.*

Após essa pré-análise das entrevistas, foram destacados dois pontos em comum, sendo eles: i) renda extra; e ii) a plataforma *Airbnb*. O quadro abaixo sintetiza os trechos destacados das entrevistas, bem como a definição do termo “economia compartilhada”, proposta por Botsman e Rogers (2011).

Quadro 9: Quadro matricial da categoria "Economia Compartilhada"

<b>Categoria: Economia Compartilhada</b>	
Definição	Consiste, num primeiro momento, substituir a clássica visão da economia – caracterizada pelo acúmulo de capital – por um mercado onde a variável em questão é o acesso aos bens, sendo possível partilhar bens e serviços sem que ocorra perda da liberdade pessoal e estilo de vida. Verifica-se a facilidade do acesso aos bens e serviços, dado que o papel do intermediário não existe, ou seja, são feitas negociações diretamente entre o comprador e vendedor (Botsman e Rogers, 2011).
Renda extra	<b>Exemplos de Verbalizações</b>
	<b>E1</b> Acho que mais dinheiro desses grandes eventos chegaram para as famílias nas favelas, para as pessoas desfavorecidas por causa da economia compartilhada do que se não tivesse existido. [...] o Airbnb canalizou muito dinheiro para a economia, para as comunidades, para o pequeno dono de casa e noutros bairros também. Ele estimulou muita expectativa que engaram as pessoas, porque eles começaram a ganhar bem e começaram a investir também nas suas casas (pintar, comprar camas novas) achando que isso iria para sempre, mas ai agora e a partir de 2017 as demandas foram caindo mais e mais, as pessoas viram que não iria conseguir se sustentar assim. [...] Essas ferramentas da economia compartilhada são válidas porque democratizam a economia para as pessoas, faz que qualquer um pode participar.
	<b>E3</b> Eu acho que muitas pessoas ganharam dinheiro com o airbnb e airbnb destruiu muitos outros negócios também, por exemplo nesse momento nós tínhamos um negocio de acomodação também e para nos foi muito difícil botar pessoas para dentro porque tinham pessoas de casas comuns que não pagam impostos como um negócio, com um preço muito mais interessante que a gente somente porque eles não tinha os custos que a gente tem, então foi difícil demais competir com essas pessoas – nesse caso com o airbnb – que todo mundo abriu as portas de suas casas.
Plataforma Airbnb	<b>E1</b> Quem controlava os anúncios do Airbnb não eram os donos das casas. Até hoje em dia, você vai lá e vê negócios inteiros que trabalham somente com o aluguel de apartamentos de outras pessoas. Então, geralmente os donos dos apartamentos que querem alugar dessa forma, não querem ter a paciência e não tem a vontade de fazer o trabalho de alugar seu apartamento ou sua casa. [...] Nas favelas essas grandes plataformas só vão beneficiar essas pessoas quando elas têm capacitação, pois enquanto eles não tem capacitação, precisam de intermediários, se não quem vai se beneficiar desse tipo de ferramentas é quem tem conhecimentos, educação suficiente e entender como ela funciona.
	<b>E3</b> [...] antigamente, antes desses grandes eventos, talvez as pessoas alugavam as suas casas de uma forma mais tradicional aqui na favela, colocando uma placa aqui na coluna e era isso mas nesses últimos 2 anos com o desenvolvimento da tecnologia, eles descobriram o airbnb, também descobriram diferentes plataformas de aluguel até o Facebook, no Facebook tem vários grupos... então hoje em dia evoluiu o método de divulgação e de procura também, certo?! É... as pessoas aqui estão totalmente ligadas sobre airbnb, sobre trabalhar no Facebook, o whatsapp revolucionou a favela também, aqui os negócios são feitos pelo whatsapp... então eu acho que sim, que mudou um pouco a forma de fazer negócios, de fazer esses links.

Fonte: Elaborado pelo autor

Como destacado por Botsman e Rogers (2011) um dos principais benefícios observados pela economia compartilhada está intrinsecamente ligado a exclusão de intermediários durante o processo de vendas, ou seja, a não presença dessas pessoas diminui o tempo de resposta no processo de compra e venda, e por consequência acaba por diminuir os custos relacionados à operação. Este ponto é fundamental para a realização de negócios dentro da favela, uma vez que diminui o custo final para os moradores e permite um acesso maior a diversos serviços e produtos, e, assim, é capaz de proporcionar uma renda extra para os usuários.

Como mencionado, um dos benefícios proporcionados pela economia compartilhada está na sua capacidade de poder gerar um renda extra por meio de serviços ou produtos, dado que estes possam estar sem uso ou ainda com uma alta capacidade ociosa (Botsman e Rogers, 2011). Contudo, no Brasil o termo “renda extra” acabou por ser distorcido do seu contexto original, pois deixaram de ser um negócio com a finalidade de complementar a renda familiar para tornar-se a fonte de renda primária. Tal mudança pode ser justificada pelo avanço dos meios tecnológicos, principalmente pela disseminação das redes sociais, o que contribuiu para dar escala a economia compartilhada.

A partir da realização dos megaeventos, a economia compartilhada - em especial, o *Airbnb* – movimentou positivamente a economia da cidade bem como a das favelas, como destacado no trecho: *“Acho que mais dinheiro desses grandes eventos chegaram para as famílias nas favelas, para as pessoas desfavorecidas por causa da economia compartilhada do que se não tivesse existido. [...] o Airbnb canalizou muito dinheiro para a economia, para as comunidades, para o pequeno dono de casa e noutros bairros também”*. Ou seja, a plataforma atuou como um elo entre os moradores do Vidigal e os potenciais turistas, onde os impactos económicos foram proporcionados noutros tipos de serviços para além da hospedagem, como bares e restaurantes.

Para além de instabilidades relativas a questões trabalhistas, o efeito proporcionado pela chegada do *Airbnb*, não somente na favela do Vidigal mas na cidade do Rio de Janeiro, teve um impacto negativo diretamente na rede hoteleira, dado que os usuários destas plataformas praticavam um preço abaixo quando comparado com os seus concorrentes diretos por não precisarem ou pagarem menos impostos quando postos em comparação como destacado no seguinte trecho: *“tinham pessoas de casas comuns que não pagam impostos como um negócio, com um preço muito mais interessante que a gente somente porque eles não tinha os custos que a gente tem, então foi difícil demais competir com essas pessoas – nesse caso com o airbnb – que todo mundo abriu as portas de suas casas.”*

A lógica por detrás foi a de que muitos moradores fizeram reformas nas suas casas durante o período entre estes megaeventos (2014-2016) com a esperança de receberem mais turistas do que na Copa do Mundo (2014), mas a partir de 2017 o cenário económico não era o esperado pela maioria dos moradores da cidade do Rio de Janeiro. Somado a esta “quebra” de expectativa económica a qual a cidade presenciou, muitos das casas listadas na plataforma do *Airbnb* não eram gerenciadas pelos moradores do Vidigal, mas sim por intermediários, o que distorce a essência da economia compartilhada (Botsman e Rogers, 2011). De modo geral, o aluguer de casas dentro da favela do Vidigal já utilizava o auxílio de uma plataforma digital, mais especificamente do *Facebook* por meio de grupos criados por moradores e utilizados para compartilhar informações e ofertas de serviços, ou seja, a economia compartilhada já existia antes da chegada do *Airbnb*.

A par dos resultados, verifica-se que a partir do desenvolvimento e do avanço das plataformas digitais, em especial as de economia compartilhada (*Airbnb*) seus impactos foram refletidos durante o período dos megaeventos (2014 a 2016) de forma benéfica para os moradores da favela do Vidigal, no entanto após esta fase o cenário voltou ao patamar anterior aos megaeventos, dado que muitos restaurantes, bares e hotéis foram fechados; a crise financeira do Estado afetou os investimentos em segurança pública (UPP); muitos moradores que venderam suas casas durante esse período não conseguiram comprar noutros lugares e tampouco no Vidigal; e por fim, a esperança da comunidade sustenta-se no turismo, onde este é conduzido por guias locais.



## 5. CONCLUSÃO

A partir da realização dos megaeventos entre os anos de 2014 e 2016 no Brasil e na cidade do Rio de Janeiro, respectivamente, ambos os fenómenos estudados ao longo da dissertação foram impulsionados. A entrada de plataformas de economia compartilhada nas favelas (nesse caso, o *Airbnb*) ajudou a canalizar recursos económicos para seus moradores. O *Airbnb*, por ser uma plataforma de aluguer de casas acessível a um maior número de participantes, criou um mercado que proporcionou uma nova fonte de renda (Dubois; Schor; Carfagna, 2014).

Contudo, o cenário do *Airbnb* nas favelas parece ser diferente. No caso do Vidigal, a maioria das casas listadas na plataforma não eram gerenciadas pelos moradores, seja pelo facto de não possuírem computador ou internet na sua casa ou ainda porque os próprios moradores não queriam ser capacitados para utilizar a plataforma. Dessa forma, acabou por distorcer a essência da economia compartilhada de acordo com Botsman e Rogers (2011), uma vez que existia a presença de intermediários.

Assim, o *Airbnb* funcionou como mais uma opção de aluguer de casas e quartos dentro da favela. Um dos diferenciais, principalmente no período entre a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016) baseia-se no facto de que, por ser uma empresa global, atraiu não só moradores e turistas nacionais como também grande parte do turismo internacional, o que incentivou os moradores da favela do Vidigal a desenvolver novas ofertas de serviços bem como a melhoria dos já existentes de forma a proporcionar uma expansão do turismo cultural na favela.

Diante disso, é possível afirmar que o *Airbnb* atuou como um importante agente gentrificador na favela do Vidigal, uma vez que a partir do uso desta plataforma de economia compartilhada, o ambiente e as características das comunidades foram alteradas, refletindo assim em impactos positivos e negativos. No que diz respeito à gentrificação comercial (Van Criekingen; Fleury, 2006) o seu impacto foi refletido no aumento do número estabelecimentos de hospedagem o que por sua vez acarretou numa abertura de novos comércios e geração de novos empregos. Em complemento, a favela do Vidigal passou a ser vista de outra forma, ou seja, a partir do momento no qual começa a ser frequentada por turistas internacionais, os moradores de outros locais da cidade sentiram a necessidade de conhecer o porquê a favela estava a receber novos frequentadores. Assim sendo, estabelecimentos comerciais localizados no interior da favela passaram a atuar como uma nova opção de lazer para um público mais abrangente de fora da favela.

Outra mudança significativa baseia-se na alteração dos espaços públicos (Zukin, 1995), onde esta evidenciou dois pontos, sendo estes relacionados a melhorias de infraestrutura e segurança pública. Percebe-se que a maioria das mudanças referentes à infraestrutura foram feitas pelos próprios moradores com o intuito de valorizar o entorno de suas casas, e assim, poderiam arrendar suas casas por um valor mais elevado por meio *Airbnb*.

Em relação à segurança pública (UPP) o seu impacto assumiu uma dualidade para com os seus benefícios, uma vez que no começo o projeto conseguiu diminuir a violência nas favelas, no entanto o mesmo foi sustentável, ou seja, após a realização dos megaeventos os investimentos foram diminuindo e conseqüentemente a violência retornou. Dessa forma, muitos dos locais onde tinha casas disponíveis para arrendar outrora, atualmente estão abandonadas ou arrendamentos por um preço menor do que o investimento feito durante os megaeventos.

O *Airbnb* ajudou a fomentar o setor de turismo em toda a cidade do Rio de Janeiro, inclusive nas favelas, como no caso do Vidigal, ocasionando assim, uma gentrificação turística (Gotham, 2005). Durante a realização dos megaeventos na cidade (principalmente nas Olimpíadas, onde o *Airbnb* foi patrocinador oficial), a rede hoteleira de bairros conhecidos ou próximos as áreas de competição estavam com sua capacidade esgotada e com isso a plataforma foi muito importante, não só para fornecer hospedagem aos turistas, mas também por gerar renda extra para diversas famílias, dentre elas moradores do Vidigal. Ainda alinhado a isto, pelo facto do *Airbnb* possuir hospedagens localizadas nas favelas, contribuiu para a inclusão destas áreas no mapa da cidade, o que proporcionou um crescimento de visitantes e, por conseguinte, um aumento de empregos relacionados ao turismo, como guias de turismo e agências de viagem.

Por fim, é importante destacar que os impactos do *Airbnb* foram refletidos em áreas específicas da favela do Vidigal, ou seja, somente certos locais sofreram um processo de elitização e foram impactados pelo mercado imobiliário, de modo no qual é possível caracterizá-lo como uma gentrificação periférica (Novaes, 2018). Um movimento observado neste processo, foi a especulação imobiliária causada por investidores do ramo imobiliário os quais ofereciam uma quantia alta pelo imóvel baseado no seu valor potencial (Smith, 1979), e com isso os moradores do Vidigal acabaram vendendo suas casas, contudo quando foram comprar outro imóvel só conseguiram em localidades mais afastadas da cidade.

Com isso, pretende-se que esta pesquisa possa proporcionar debates acerca dos fenômenos de economia compartilhada e gentrificação bem como contribuir para o estudo dos impactos da sua interligação no contexto das favelas. Ao longo do desenvolvimento do trabalho

notou-se uma abundância de subtemas relacionados com a gentrificação e a literatura principal que não foi possível serem aqui exploradas e que carecem de estudos mais aprofundados, tais como a economia das favelas, benefícios sociais da economia compartilhada, ou a discussão acerca de questões trabalhistas das plataformas digitais em relação a contratação formal.

De destacar que a partir da realização desta pesquisa foi verificado outro tipo possível de gentrificação para além dos exemplos detalhados no estudo, diretamente ligado à realização de megaeventos, mais precisamente dos Jogos Olímpicos. Com isso, pode ser importante realizar uma análise mais detalhada sobre a real influência deste tipo de evento no processo de gentrificação nas cidades-sede.

A realização desta dissertação evidenciou a disparidade socioeconómica presente na cidade do Rio de Janeiro, ainda que muitos moradores da favela do Vidigal presenciaram uma melhora nas suas economias a partir da realização dos megaeventos. Contudo, esta melhora económica foi de facto momentânea. Primeiro, ela decorreu da ação de agentes intermediários na utilização da plataforma Airbnb que, tendo observado uma necessidade de mercado (um aumento do número de turistas somado com a incapacidade do setor hoteleiro em responder a esta demanda), a aproveitaram, ajudando a comunidade a ganhar uma renda extra num momento que este negócio era rentável. Somado a isto, observou-se uma redução dos investimentos públicos no pós evento e o regresso de atividades ilegais nas favelas, o que dificultou uma continuação de geração de renda extra por meio desta plataforma.

No que diz respeito à observação participante, o pesquisador poderá perceber que a sua realização em favelas – sejam elas dominadas por atividades ilegais ou não – são delicadas ao mesmo tempo que são essenciais para o estudar o fenómeno, ou seja, torna-se importante desenvolver uma relação de confiança com os moradores da comunidade a qual pretende-se fazer a pesquisa, uma vez que muitos moradores têm algum receio ao dar certas informações para pessoas de fora da favela e acabar por sofrer represálias. Para além desse ponto, ao realizar uma observação participante pode-se melhor interpretar as entrevistas, dado que no momento da sua análise são levados em consideração o ambiente na qual estas foram realizadas, o que acaba por tornar mais realista dos dados coletados.

Em relação as consequências sociais derivadas da pesquisa, estas contribuem de forma positiva para o imaginário social das favelas perante a sociedade, uma vez que a partir do momento no qual estudos são feitos dentro das favelas e com a participação dos moradores, a pesquisa torna-se uma ferramenta de inclusão social e fomentam o sentimento de pertencimento a determinada comunidade.

Numa análise detalhada dos tipos de gentrificações encontradas na favela do Vidigal, a mesma foi útil para conscientizar e orientar os moradores sobre os possíveis impactos, tanto económico quanto sociais causados por este fenómeno, uma vez que durante a pesquisa estreitou-se a relação com a Associação dos Moradores do Vidigal o que contribuiu para uma troca e disseminação do conhecimento sobre este assunto.

Esta Dissertação sofreu das contingencias resultantes da situação pandémica da COVID 19 ao impor limitações e constrangimentos no acesso ao campo durante a recolha de dados empiricos. No que diz respeito a observação participante, a pesquisa limitou-se a um período de tempo de cinco meses (setembro de 2019 a janeiro de 2020), uma vez que a partir de março de 2020 as condições sanitárias (COVID 19) impossibilitaram a continuação das visitas à favela do Vidigal. Tal levou a que a amostra fosse alterada de dez para seis entrevistas.

No mesmo sentido tivemos dificuldade na realização das entrevistas previstas a proprietários de casas listadas no *Airbnb* e com donos de bares e hostels na favela. Este facto deve-se principalmente pela época na qual ocorrem essas tentativas, ainda no periodo pré pandemia, sendo estas realizadas na alta temporada turística no Brasil (dezembro a fevereiro), tendo depois, com o inicio da pandemia, sido impossivel explorar novos contactos com vistas à realização de novas entrevistas .

De maneira a complementar o estudo e pesquisa realizada nesta dissertação, sugere-se a realização de dois trabalhos a fim de ampliar o acervo acadêmico acerca dos temas de economia compartilhada e gentrificação, uma vez que os resultados obtidos e linhas de reflexão encontradas podem ser aprofundados em novas pesquisas que procurem alargar a reflexão a um campo de análise mais abrangente

Em relação ao tema gentrificação, recomenda-se realizar uma investigação de caráter longitudinal sobre a relação dos jogos olímpicos com o processo de gentrificação, onde buscaria evidenciar a complexidade do processo e suas diversas consequências (Cusin, 2008), de forma que o pesquisador possa observar e verificar o processo em mais de uma cidade-sede das olimpíadas em diferentes continentes.

Por outro lado, sugere-se a realização de um estudo para analisar a influência da economia compartilhada na formação de cidades inteligentes e seus impactos na sociedade por meio de uma análise de múltiplos casos, o que buscaria verificar a existência de um padrão na formação destas.

Dada a relevância dos temas nas esferas públicas e privadas considera-se um campo de investigação amplo e em constante mudança, uma vez que os fenómenos estudados podem

assumir diferentes características e impactos consoante o local em questão. Assim, estes campos de investigação mostram-se férteis, uma vez que têm oportunidades de melhorias nos estudos já existentes e desenvolvimento de novos a partir de suas derivações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, M. (1988). *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ZAHAR.
- Airbnb (2019, setembro 18). *Update on the Airbnb Community*. Obtido em setembro 11, 2020, de <https://news.airbnb.com/update-on-the-airbnb-community/>.
- Azevedo, A. (2011). *O Cortiço*. São Paulo: Ática.
- Bardhi, F. & Eckhardt, G.M. (2012). Access-based consumption: the case of car sharing. *Journal of Consumer Research*, 39 (4), 818-898. Obtido de [https://pdfs.semanticscholar.org/11e7/d8164592a3eef0cad42a3daa4935b19efa79.pdf?\\_ga=2.85811216.826314409.1602514728-114131945.1568397052](https://pdfs.semanticscholar.org/11e7/d8164592a3eef0cad42a3daa4935b19efa79.pdf?_ga=2.85811216.826314409.1602514728-114131945.1568397052)
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Betancur, J. J. (2014). Gentrification in Latin America: Overview and Critical Analysis. *Urban Studies Research*. <https://doi.org/10.1155/2014/986961>
- Benkler, Y. (2006). The wealth of networks: How social production transforms markets and freedom. New Haven and London. *Yale University Press*, 26(2), 259-261. <https://doi.org/10.1177/1084713807301373>
- Bonamichi, N. C. (2019). Perfil socioeconômico e comercial do Vidigal. *Boletim informativo de pesquisa (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo*, Orientadora Raquel Rolnik, São Paulo.
- Botsman, R & Rogers, R. (2011). *O que é meu é seu: Como o consumo coletivo está mudando o nosso mundo*. Porto Alegre: Bookman.
- Bourdieu, P. (2011). *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre: Zouk.
- Bourdin, A. (2008). Gentrification : un « concept » à déconstruire. *Espaces et sociétés*, 132-133(1), 23-37. <https://doi.org/10.3917/esp.132.0023>
- Burgos, M. B. (2004). *Dos Parques Proletários ao favela-bairro: As políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV.
- Bryman, A. (2001). *Social Research Methods*. Oxford: Oxford University Press
- Caldeira, T.P.D.R. (1997). Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. *Novos Estudos CEBRAP*, 47, 155-176. Obtido de [http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/08/Enclaves-fortificados\\_segregacao-urbana.pdf](http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/08/Enclaves-fortificados_segregacao-urbana.pdf)

- Campenhoudt, L. & Quivy, R. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, (Marques, J.M.; Mendes, M.A. & Carvalho, M., Trad.) Lisboa: Gradiva
- Campomar, M. C. (1991). Do uso de estudo de caso em pesquisas para dissertações e teses em administração. *Revista de Administração - RAUSP*, 26( 3), 95-97. Obtido de <http://www.spell.org.br/documentos/ver/18696/do-uso-de--estudo-de-caso--em-pesquisas-para-dissertacoes-e-teses-em-administracao>
- Cardoso, A. L. (2002). O Programa Favela-Bairro: uma avaliação. *Anais do seminário de Avaliação de projetos IPT em habitação e meio ambiente: assentamentos urbanos precários*. 37-50. Obtido de [https://www.academia.edu/18434963/O\\_Programa\\_Favela\\_Bairro\\_Uma\\_Avaliacao](https://www.academia.edu/18434963/O_Programa_Favela_Bairro_Uma_Avaliacao)
- Castells, M. (2013). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Chase, R. (2015). *Economia Compartilhada: como pessoas e plataformas da Peers Inc. estão reinventando o capitalismo*. (Yamagami, C., Trad.). São Paulo: HSM do Brasil.
- Cunha, E. d. (2019). *Os sertões*. São Paulo: Penguin & Companhia de Letras.
- Cusin, F. (2008). La gentrification en question: Entre stratégies résidentielles des nouvelles classes moyennes et mutations socioéconomiques des villes. *Espaces et sociétés*, 134(3), 167-179. <https://doi.org/10.3917/esp.134.0167>
- Cusumano, M.A. (2015). Technology strategy and management: How traditional firms must compete in the sharing economy. *Communications of the ACM*, 58(1), 32-34. <https://doi.org/10.1145/2688487>
- Davidovich, F. (2000). Um repensar da favela: tendências e questões. *Cadernos Metrôpoles*, 4, 119-133. Obtido de <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/9304/6908>
- Davidson, M. & Lees, L. (2005). New-build 'gentrification' and London's Riverside renaissance. *Environment and planning A: economy and space*, 37(7), 1165-1190. <https://doi.org/10.1068/a3739>
- Dubois, E., Schor, J. & Carfagna, L. (2014). Connected Consumption: A sharing economy takes hold. *Rotman Management Magazine*, 50-57. Obtido de <http://connection.ebscohost.com/c/articles/95900360/connected-consumption-sharing-economy-takes-hold>
- Estatística, I. B. G. (2013, novembro 6). *Aglomerados subnormais: Informações territoriais*. Obtido em novembro 01, 2019, de <https://censo2010.ibge.gov.br/agsn2/>

- Farmer, F. R. & Glass, B. (2010). *Building Web Reputation Systems*. Sebastopol: O'Reilly Media. Obtido de [http://www.wtf.tw/ref/farmer\\_glass.pdf](http://www.wtf.tw/ref/farmer_glass.pdf)
- Fremstad, A. (2014). Gains from sharing: sticky norms, endogenous preferences, and the economics of shareable goods. *Economics Department Working Paper Series*. 168. Obtido de [https://scholarworks.umass.edu/econ\\_workingpaper/168/](https://scholarworks.umass.edu/econ_workingpaper/168/)
- Friedman, T. L. (2014, julho 19). And now for a bit of good news. Obtido em julho 20, 2020, de <https://www.nytimes.com/2014/07/20/opinion/sunday/thomas-l-friedman-and-now-for-a-bit-of-good-news.html>.
- Furtado, C. (1970). *Formação econômica da América Latina*. Rio de Janeiro: Lia.
- Gallagher, L. (2018). *A história da Airbnb: como três rapazes comuns agitaram uma indústria, ganharam bilhões... e criaram muita controvérsia*. (Nazarian, S, Trad.) São Paulo: Buzz.
- Gansky, L. (2010). *The mesh: Why the future of business is sharing*. Nova Iorque: Portfolio Penguin.
- Glass, R. (1964). *Aspects of Change*. Londres: MacGibbon&Kee.
- Gonçalves, R. (2013). *Favelas do Rio de Janeiro. História e direito*. Rio de Janeiro: Pallas Editora
- Gotham, K. (2005). Tourism Gentrification: The Case of New Orleans Vieux Carre (French Quarter). *Urban Studies*, 42(7), 1099-1121. <https://doi.org/10.1080/00420980500120881>
- Guttentag, D. (2015). Airbnb: Disruptive Innovation and the Rise of an Informal Tourism Accommodation Sector. *Current Issues in Tourism*, 18(12), 1192-1217. <https://doi.org/10.1080/13683500.2013.827159>
- Hackworth, J. & Smith, N. (2001). The changing state of gentrification. *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie*, 92(4), 464-477. <https://doi.org/10.1111/1467-9663.00172>
- Hamnett, C. (1991). The Blind Men and the Elephant: The Explanation of Gentrification. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 16(2), 173-189. <https://www.doi.org/10.2307/622612>
- Hellwig, K., Belk, R. W. & Morhart F. M. (2015). Sharing and the Marketplace: what is shared in the sharing economy? *Special Session: Scrutinizing the So-Called "Sharing Economy"*. Consumer Culture Theory Conference, Fayetteville, USA.

- Janoschka, M., Sequera, J. & Salinas, L. (2013). Gentrification in Spain and Latin America — a Critical Dialogue. *International Journal of Urban and Regional Research*, 38(4), 1234-1265. <https://doi.org/10.1111/1468-2427.12030>
- Lacerda, L. G. (2016). *Conflitos e Disputas pela Mercantilização de Territórios Populares: o caso da favela do Vidigal*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
- Lago, C. L. (2003). Favela-loteamento: reconceituando os termos da ilegalidade e da segregação urbana. *Cadernos Metr pole*, 9, 119-133. Obtido de <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/9207/6822>
- Lebreton, A. & Mourel, G. (2008). La gentrification comme articulation entre forme urbaine et globalization: approche comparative Londres/Berlin. *Espaces et societ es*, 132-133(1), 57-74. <https://doi.org/10.3917/esp.132.0057>
- Lees, L., Slater, T. & Wyly, E. (2008). Gentrification. London and New York. Nova Iorque: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203940877>
- Lessa, C. (2005). *O Rio de todos os Bras s: uma reflexão em busca de autoestima*. Rio de Janeiro: Record.
- Lessig, L. (2009). *Remix: Making Art and Commerce Thrive in the Hybrid Economy*. Nova Iorque: Penguin, 2009. Obtido de <http://www.scribd.com/doc/47089238/Remix>.
- Ley, D. (1996). *The New Middle Class and the Remaking of the Central City*. Oxford: Oxford University Press
- Ley, D. (2008). Liberal Ideology and the Post-Industrial City. *Annals of the Association of American Geographers*, 70(2), 238-258. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1980.tb01310.x>
- Lucena, F. (2016, março 12). História do morro do vidigal. Obtido em novembro 27, 2019, de <https://diariodorio.com/histria-do-morro-do-vidigal/>
- Maloutas, T. (2012). Contextual Diversity in Gentrification Research. *Critical Sociology*, 38(1), 33-48. <https://doi.org/10.1177/0896920510380950>
- Marcuse, P. (1985). Gentrification, Abandonment, and Displacement: Connections, Causes, and Policy Responses in New York City, *Washington University Journal of Urban and Contemporary*, 28, 195-240. Obtido de [https://openscholarship.wustl.edu/law\\_urbanlaw/vol28/iss1/4](https://openscholarship.wustl.edu/law_urbanlaw/vol28/iss1/4)

- Martínez Rigol, S. (2004): A gentrification. Conceito e método, a Carlos, A.F.A. y Carreras, C. (coords.). *Urbanização e mundialização. Estudos sobre a metrópole*, 98-121. São Paulo: Contexto
- Miranda, T.I. & Fortunato, R. (2016). O turismo sobe o morro do Vidigal (Rio de Janeiro, Brasil): uma análise exploratória. *Turismo e Sociedade*, 9(2), 1-20. <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v9i2.47540>
- Needel, J. D. (1993). *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nóbrega, E.D. (2007). *O Programa Criança Petrobras na Maré em oito escolas públicas do maior conjunto de favelas do Brasil. Rio de Janeiro*. PUC-Rio. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.11196>
- Novaes, P. R. (2018) Favelas e gentrificação: possibilidades analíticas para explicar as transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, 2(6), 49-65.
- Powell, W.W. (1990). Neither market nor hierarchy: Networks form of organization. *Research in Organizational Behavior*, 12, 295-336. Obtido de [https://www.researchgate.net/publication/301840604\\_Neither\\_Market\\_Nor\\_Hierarchy\\_Network\\_Forms\\_of\\_Organization/link/5a9edb4f0f7e9badd99e78a8/download](https://www.researchgate.net/publication/301840604_Neither_Market_Nor_Hierarchy_Network_Forms_of_Organization/link/5a9edb4f0f7e9badd99e78a8/download)
- Prefeitura do Distrito Federal (1927). *Cidade do Rio de Janeiro: extensão, remodelação e embelezamento*. Rio de Janeiro: Foyer Bresilien Paris. Obtido em novembro 01, 2019, de [planourbano.rio.rj.gov.br/DocReaderNet/docreader.aspx?bib=PlanoUrbano&pesq=](http://planourbano.rio.rj.gov.br/DocReaderNet/docreader.aspx?bib=PlanoUrbano&pesq=)
- Prefeitura do Distrito Federal (1937). *Código de obras do Distrito Federal: Decreto N.6000, de 1 de julho de 1937*. Rio de Janeiro: Revista Municipal de Engenharia. Obtido em novembro 01, 2019 de [http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4868406/4128397/codigo\\_obras\\_1937\\_parte\\_1.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4868406/4128397/codigo_obras_1937_parte_1.pdf)
- Ribeiro, G. S. (1994). Por que você veio encher o pandulho aqui? Os portugueses, o antilusitaníssimo e a exploração das moradias populares no Rio de Janeiro da República Velha. *Análise Social*, 29 (127), 631-654. Obtido de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223377298U5pFR3uv5Ue93AR2.pdf>
- Rifkin, J. (2016). *Sociedade com custo marginal zero*. São Paulo: M. Books.

- Riveira, C. (2019, agosto 14). *Menos Paris, mais Ubatuba: Airbnb cresce para além de cidades mais óbvias*. Obtido em agosto 18, 2020, de <https://exame.com/negocios/airbnb-tem-crescimento-para-alem-das-cidades-mais-obvias/>.
- Salinas Arreortua, L.A. (2013). Gentrificación en la ciudad latinoamericana. El caso de Buenos Aires y Ciudad de México. *GeoGraphos*, 4(44), 281-304. <http://dx.doi.org/10.14198/GEOGRA2013.4.44>
- Sassen, S. (2001). *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press
- Schor, J. (2014). Debating the sharing economy. *Great Transition Initiative*. Obtido de <http://greattransition.org/publication/debating-the-sharing-economy>.
- Slee, T. (2017). *Uberização: a nova onda do trabalho precarizado*. (Peres, J, Trad.). São Paulo: Elefante.
- Smith, N. (1979). Toward a theory of gentrification: a back to the city movement by capital, not people. *Journal of the American Planning Association*, 45(4), 538-548. <https://doi.org/10.1080/01944367908977002>
- Smith, N. (2006). A gentrificação generalizada: De uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global. In C. Bidou-Zachariasen (Ed.), *De volta à cidade: Dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos* (pp. 25-39). São Paulo: Anablume.
- Stephany, A. (2015). *The Business of Sharing: Making It in the New Sharing Economy*. Londres: Palgrave MacMillan
- Sundararajan, A. (2018). *Economia compartilhada: o fim do emprego e ascensão do capitalismo de multidão*. (Botelho, A, Trad.). São Paulo: Senac.
- Tepedino, C. (2007). *Cotidiano escolar e mudança sociocultural: a experiência do Colégio Stella Maris*. PUC-Rio. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.10741>
- Thiollent, M. (1985). *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez.
- Tussyadiah, I. P. & Pesonen, J. (2015). Impacts of peer-to-peer accommodation use on travel patterns. *Journal of Travel Research*, 55(8), 1022-1040. <https://doi.org/10.1177/0047287515608505>
- Valladares, L. (1980). *Passa-se uma casa. Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores

- Valladares, L. (2000). A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 15(44), 05-34. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000300001>
- Valladares, L. (2005) *A Invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV.
- Van Criekingen, M. & Fleury, A. (2006). La ville branchée: gentrification et dynamiques commerciales à Bruxelles et à Paris. *Belgeo*, 1-2, 113-134. <https://doi.org/10.4000/belgeo.10950>
- Vergara, S. C. (2006). *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.
- Vergara, S. C. (2007). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.
- Yin R. K. (2002). *Estudo de caso*. Porto Alegre: Bookman.
- Zukin, S. (1995). *The cultures of cities*. Cambridge: Blackwell.

## APÊNDICE I – ROTEIRO ENTREVISTA LITERATURA

Gostava de iniciar a entrevista fazendo-lhe uma pergunta sobre os grandes eventos de 2014 e 2016 aqui no Rio de Janeiro.

1. O que significou para você a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas no Rio de Janeiro, em 2014 e 2016, respectivamente? Foi positivo ou negativo os seus resultados no tocante a melhorias na cidade? E na comunidade? Citar esse pontos.

Agora gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre o aluguer de casas aqui no Vidigal, principalmente para os turistas.

2. Como funcionava o mecanismo de aluguel das casas na favela do Vidigal antigamente e como funciona nos dias de hoje? Muita coisa mudou ou nem por isso?

3. E durante o período dos grandes eventos, como eram alugadas as casas para os turistas?

4. De que forma o Airbnb (plataforma digital) foi usado para o aluguel de casas na favela? Ajudou a atingir um maior número de pessoas para o aluguel ou não? Como?

5. Como foi iniciado esse processo do uso da plataforma: como era antes (como conheceram e como colocaram as casas para alugar), durante (como era realizada a recepção dos turistas) e como ficou depois (que “legado” foi deixado para os moradores que alugaram suas casas por meio dessa plataforma digital)?

6. Como forma de análise final: qual era a expectativa inicial do uso dessa plataforma e qual foi ou pode ter sido considerado a análise final e geral de todo esse processo? Verificou-se com o seu uso melhorias na cidade do Rio de Janeiro e no Vidigal? Na sua opinião que mudanças ficaram na comunidade do uso da plataforma durante os eventos?

7. Existe alguma coisa sobre o tema que discutimos que considere importante e que eu não lhe tenha perguntado?

## APÊNDICE II – ROTEIRO ENTREVISTA HISTÓRIA DO VIDIGAL

1. Como você chegou ao Vidigal? Faz quanto tempo que você mora aqui? O que te motivou a vir para cá?
2. Como era a vida no Vidigal? Consegue dividir a sua resposta colocando um acontecimento marcante ou histórico na comunidade como ponto de referência?
3. Como você vê a transformação da economia no Vidigal ao longo dos últimos anos? Cresceu? Melhorou? Cite exemplos para confirmar sua visão.
4. Como é visto a questão da violência dentro das favelas – especialmente no Vidigal – e como os moradores lidam com o estereótipo de “favelado” (muitas vezes associados a pessoas colocadas a margem da sociedade)?
5. O que você acha que era melhor antigamente e o que está faltando hoje em dia? A partir disso, como você projeta o Vidigal para os próximos 10 anos, ou seja, acredita que a economia, urbanização e violência irão melhorar?